

L. R O N H U B B A R D

D I A N E T I C A 1 9 5 5

TRADUÇÃO: EDMOND JORGE

L. R O N H U B B A R D

D I A N E T I C A 1 9 5 5

TRADUÇÃO: EDMOND JOERGE

REVISÃO: MADALENA MEACHAM

P R E F Á C I O

SEGREDO! Segredos, segredos, SEGREDOS! Ah, a busca interminável, a busca profunda, os códigos, os caminhos, os símbolos, as complicações, as compilações, a matemeticidade e a abstração dos segredos, segredos, segredos.

E verdade, VERDADE! De Keats até Johnny Jones, todos negociamos com a verdade, verdade, VERDADE! Os professores têm uma verdade, os fanáticos têm uma verdade, as estrelas e quase tudo, menos o governo, têm uma verdade, verdade, VERDADE.

Conhecimento! Estimado como uma tocha preciosa, execrado como o pesadelo de um neurótico, é tudo conhecimento, conhecimento, Conhecimento! Você obtém diplomas por ele e compra livros repletos dele, você perece por falta dele ou triunfa na ausência dele, mas seja o que for, o conhecimento é precioso, perigoso, sem valor e horrível, e almejado.

E o que é conhecimento? O que é SEGREDO? O que é VERDADE?

Pôncio Pilatos fez a pergunta ao lavar as mãos. Alexandre executava mensageiros quando a Verdade era desagradável. O sacerdote caldeu apoderou-se de um pouco de verdade e governou a Caldéia tornando-a retrógrada e transformou a Babilônia em poeira. E governantes e homens, sábios e generais têm condenado com ela, dedicado suas vidas a ela, lutado por ela e a têm negado e -- jamais a definiram.

O que é VERDADE? O que é CONHECIMENTO? O que é SEGREDO? São eles invenções do sonho de um xamã? Estão eles ligados à ciência? Pertencem eles à filosofia? O que são, de onde vêm? Eles existem? São propriedade de alguém? Foram, algum dia, escritos ou falados ou adivinhados? E alguém ficaria louco se os conhecesse?

A Dianética chegou ao mundo a 9 de maio de 1950 com a publicação de um livro: DIANÉTICA: A CIÊNCIA MODERNA DA SAÚDE MENTAL. Ela agiu com violência embora sua mensagem fosse de paz. Meio milhão de americanos leram-na, muitos, muitos destes agiram e estão agindo com base nela, e a cada ano maior número de exemplares é vendido -- mais exemplares do que o "best seller" normal.

A Dianética foi uma aventura nos domínios escuros do segredo para acumular conhecimento e estabelecer a verdade. Até à Dianética, esses produtos eram propriedade da filosofia das escolas esotéricas ou da monotonía, ou tinham sido usados pelo charlatão -- com ou sem sobrepeliz -- para atrair e enganar.

A Dianética entrou numa Idade Negra da Razão onde somente o fato do universo físico tinha crédito. Quando a Dianética surgiu, todo livre pensador que o Homem conhecera há muito fora queimado, ou envenenado ou jogado à lata de lixo dos currículos das "universidades". Era uma época em que a fama estava reservada somente ao fabri-

cante -- não ao inventor -- do novo abridor de latas, onde a sanidade era ajustada com eletrodos e a filosofia era feita com Univacs*. Como o conhecimento e o SEGREDO eram todos propriedade dos interesses adquiridos, a Dianética foi violentamente atacada de todos os lados. A Medicina, totalmente informada de que não curava e sequer alivia-va a maioria das doenças do Homem, mas agindo como uma prima donna que só pode cacarejar e mesmo assim resiste ao início do ato seguiente, condenou de maneira grosseira e viciosa nos principais semanários qualquer outro olhar para o conhecimento e a verdade. O governo, que então estava envolvido numa guerra, plenamente informado de que seu plantel de pilotos era velho e lento, ainda assim não podia comunicar sobre qualquer coisa que pudesse remediar a situação. O "Better Business Bureau" dos Estados Unidos, um organismo que apoiava solidamente qualquer coisa boa, defendeu vigorosamente a objeção do Capital a esta nova idéia; o Partido Comunista, sendo vigorosamente contra qualquer alteração da mente, pois isto sem dúvida alteraria a devoção, fez todo o possível para ajudar a posição do Capital. Para qualquer um que quisesse um monopólio sobre o conhecimento e a verdade, a Dianética era um inimigo. Para eles, tratava-se de uma mistificação degradada, perniciosa e fraudulenta -- ou assim diziam eles. Mas acontece que existe um princípio de que tudo o que é perfeitamente compreendido cessa. A opinião deles não poderia ter sido correta, pois a Dianética ainda está aqui.

Muita coisa aconteceu nos quatro anos de confusão que se seguiram. A única coisa disciplinada e progressiva que ocorreu foi que a Dianética continuou a invadir o território do SEGREDO pelo caminho do CONHECIMENTO para descobrir a VERDADE mais próxima.

O primeiro ataque da Dianética foi contra o culto e as formas. O primeiro livro foi escrito como um dardo dirigido às entranhas sem dúvida sacrossantas dos departamentos de filosofia e literatura. Ele foi cuidadosamente descuidado com suas vírgulas na crença de que estas, ao contrário da moda predominante, têm pouco poder para perturbar uma verdade fundamental. O primeiro livro foi escrito para ser lido e compreendido e também para perturbar, sobrepujar e advertir aqueles que lhe dariam o destino de ser vulnerável, para que se afastem. E o primeiro livro foi escrito para ser usado por qualquer pessoa que o comprehendesse -- e a maneira como foi escrito; isto naturalmente não poderia incluir o charlatão mental e - xistente (chamado "psiquiatra") nem o amador profissional em capacidades -- o psicólogo. Como se aprendeu que estes dois não poderiam

* "Univac" é a abreviação de "universal analog computer", nome dado aos primeiros computadores, ou cérebros eletrônicos como eram então chamados (N. do T.)

ser treinados, e se pudessem tê-lo sido, não estariam interessados nas metas propostas, foi necessário que uma nova raça de felinos surgisse -- o auditor -- e o auditor surgiu.

Ora, esta aventura no caminho do conhecimento rumo à verdade era muito nova e brilhante em 1950. Em 1954 ela já não era tão nova, porém muito mais brilhante. Em 1950, certas promessas foram feitas à página 401. E estas têm sido agora cumpridas.

O homem pode ser tornado claro. Ele pode ser tornado claro -- conduzido à condição descrita no Capítulo Dois do primeiro livro -- por um auditor bem zeloso e competente num período de tempo relativamente curto. Tanto é assim que a Hubbard Dianetic Research Foundation, em 507 North Third Street, Phoenix, Arizona, garante total reembolso de quaisquer quantias gastas para se alcançar uma meta definida de processing se essa meta não for alcançada.

Este livro contém os processos pelos quais se pode alcançar a condição de claro. Isto não quer dizer que os auditores não precisam ser treinados -- pois descobrimos que precisam. Isto quer dizer que um auditor que tenha sido treinado e submetido a processing pode agora pegar estes processos mais novos e aplicá-los segundo as instruções e obter o resultado de claro.

Assim, na DIANÉTICA, 1955! temos, na realidade, o SEGUNDO LIVRO de Dianética. Todos atribuiram o título de Primeiro Livro à DIANÉTICA: A CIÊNCIA MODERNA DA SAÚDE MENTAL. Mas ninguém jamais chamou a CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA, publicada em 1951, de o Segundo Livro. Não o fizeram porque evidentemente não é. A CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA é o primeiro livro por direito próprio. Ele foi o primeiro livro de e sob o Plano C à página 401 do verdadeiro Primeiro Livro. A CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA aventureou-se na causação, não na resolução dos problemas delineados no Primeiro Livro.

Assim, jamais houve um Segundo Livro de Dianética. Tal livro teria de abordar precisamente os problemas do Primeiro Livro e, nos termos e referências do Primeiro Livro, resolver aqueles problemas.

Bem, ao se observar os romances de ficção e os volumes técnicos em geral, verifica-se que uma lacuna de quatro -- quase cinco -- anos entre o primeiro e o segundo livros de um autor revelaria que seu público diminuiu. Mas quando tomamos ^{um} assunto do "status" da Dianética e quando percebemos que ele está condensando alguns milhões de anos de realização em poucos anos, vemos que uma lacuna de quatro ou cinco anos entre volumes não é tão ruim assim.

O que aconteceu naqueles quatro ou cinco anos? Muitas coisas. Em primeiro lugar, de algum modo a pesquisa e desenvolvimento foram financiados e a organização básica, após tropeços, sobre viveu. Aconteceram muitas coisas mesquinhas que dentro de uma década serão apenas pó -- pois nenhuma dessas coisas, nenhuma das histó-

rias de terror, os ataques, os financiamentos, os progressos comerciais, tiveram permissão de interromper a única coisa que PODE significar qualquer diferença -- o produto de anos de ganhos sistemáticos no caminho do conhecimento rumo à meta da verdade fundamental.

Conhecimento, Verdade, Segredos -- estes são as entranhas e a anatomia da vida. Eles não devem ser propriedade. Não devem, portanto, ser ocultos ou desvirtuados. Deve-se permitir que apareçam em plena luz do dia para que todos os vejam, pois somente quando são vistos é que são coisas que se pode ter, segurar e saber com segurança.

Este é o Segundo Livro de Dianética. Poderia representar uma nova Terra, poderia significar uma nova liberdade. Mas seja o que signifique, não pode significar nada no sentido que o Homem dá a esta palavra -- pois não se pode desvendar o SEGREDO e tê-lo tão secreto assim novamente.

CAPÍTULO 1

DIANÉTICA

Por que alguém quer saber alguma coisa sobre a mente humana? Aliás, por que alguém acreditaria que o conhecimento da mente humana é impossível de obter ou indesejável? Por que os homens que buscam ostensivamente as respostas para a mente afastam-se tanto dela a ponto de examinarem ratos e evitar totalmente o exame dos seres humanos? E por que alguém que pretende tratar a mente afasta-se tanto a ponto de usar choque elétrico?

As respostas são relativamente simples. É muito difícil controlar qualquer um que conheça a estrutura, a função e as dinâmicas da mente humana. A única maneira como uma mente pode ser controlada é impondo-lhe a ignorância de si mesma. No tocante ao estudo e tratamento, uma mente que tenha sido tornada ignorante de si mesma precisaria que se lhe devolvesse a consciência dos seus princípios básicos antes que fosse considerada recuperada. E quando se devolve a plena consciência a uma mente não se pode mais enganá-la. E uma profissão ou uma sociedade teria de sair da orientação escravagista e ir para a liberdade e anuência, se quiser ser eficaz.

Assim como não quer que as pessoas o controlem, você também desejará conhecimento de si mesmo e dos outros. Assim como você se esquiva do conhecimento de si próprio, assim você será controlado.

Uma ciência da mente simples e definitiva é uma necessidade vital em qualquer sociedade que deseje ser livre e permanecer livre. Os únicos elementos numa sociedade que combateriam, ou contestariam, ou questionariam um esforço para se atingir tal ciência seriam os interesses que desejassem, por ignorância, manter o controle de uma escravidão. Todo e qualquer impulso de liberdade é um impulso para a sanidade, para saúde, para felicidade. Todo impulso para a escravidão é um impulso na direção da miséria, doença e morte. Sobre o artrítico tanto como sobre o neurótico, pode-se dizer que a causa básica da perturbação, física ou mental, germinou nos esforços para reduzir a liberdade do indivíduo, do grupo ou da humanidade.

A Dianética é um esforço para a consecução, pelo homem, de um nível de liberdade onde a decência e a felicidade possam predominar, e onde o conhecimento da própria mente evitaria o uso inescrupuloso dos mecanismos da escravidão. A Dianética pode ser contestada, ela pode ser vilipendiada, seu fundador e seus praticantes podem ser expostos ao sarcasmo público, mas a Dianética não pode ser ignorada. Ela não poderia ser abafada em elogios nem queimada em algum expurgo até sua total erradicação, pois um fato que se observa maravilhosamente é que o único impulso no homem que não pode

ser apagado é seu impulso para a liberdade, seu impulso para a sanidade, para níveis mais altos de realização em todos os seus esforços. Esta é a única graça redentora do homem, e como a Dianética é este impulso, e devido às suas finalidades básicas, desde o momento da sua concepção, tem sido firmemente dedicada à consecução de uma liberdade ainda maior, ela não pode perecer -- fato este que sem dúvida se tornará mais irritante para os senhores de escravos com o passar dos anos.

É grande a discussão, na qual poderíamos nos envolver, sobre se a Dianética é uma arte ou uma ciência, se ela é belas letras ou uma mistificação, mas tudo isto de pouco nos serviria pois estariamos apenas fazendo um jogo de palavras. A Dianética é o que é, e podemos resumí-la em sua totalidade, descrevendo-a como "uma compreensão do Homem". Não nos importa se ela é ou não uma ciência. Não nos importa se ela é classificada mais adequadamente sob Aventura ou Mistério. Importa-nos se ela é ou não divulgada e conhecida, pois por onde quer que ela vá, a escravidão deixa de existir. A mente que comprehende a si mesma é a mente de um homem livre. Ela não mais está sujeita a comportamento obsessivo, submissões impensadas, insinuações encobertas. Ela se sente à vontade num ambiente, não uma estranha. É a solucionadora de problemas e a criadora de jogos. Uma mente escravizada é fraca. Uma mente livre é poderosa e todo o poder que existe é definido pela liberdade e está nela contido.

Por que você deve saber alguma coisa sobre sua mente? Uma pergunta de grandeza semelhante seria: "Por que você deve viver?" Certa feita um autor de ficção científica concebeu um mundo formado exclusivamente de máquinas, composto ao ponto em que as máquinas eram consertadas por outras máquinas, que por sua vez eram reparadas por outras máquinas, de modo que o círculo se fechava e as máquinas sobreviviam. Ele escreveu esta história com base na crença mais querida dos físicos nucleares de que existe apenas uma máquina, que o homem origina-se de alguma combustão espontânea de lama, que a alma não existe, que a liberdade é impossível, que todo comportamento é estímulo-resposta, que o pensamento causador não existe. Que mundo este seria! Mas este mundo, este padrão, é a meta dos escravizadores. Se todo homem pudesse ser deprimido da sua liberdade ao ponto de acreditar que ele próprio é apenas uma engrenagem numa enorme máquina, então todas as coisas seriam escravizadas. Mas quem estaria lá para lucrar com elas? Não o escravizador, pois ele é o primeiro a sucumbir. Sucumbe sob seus próprios mecanismos. Recebe todo o golpe violento dos seus próprios esforços para armaziladas. Qual seria o propósito desse mundo de máquinas? Não poderia haver nenhum propósito digno de atenção que não inclua a velocidade e a experiência. Quando um homem deixa de ser capaz de contemplar a felicidade como parte do seu futuro, esse homem está

morto. Tornou-se apenas um robô animado, sem compreensão, sem humana-
nidade, e portanto perfeitamente disposto a construir mísseis de qua-
lidade tão desoladora que toda uma civilização pode perecer, e que a
felicidade de todos pode ser destruída na experiência da radiação --
uma experiência que poderia ser considerada digerível por um reator
nuclear, mas não por um ser humano. Assim, à medida que nos afasta-
mos dos conceitos de liberdade, penetramos numa escuridão onde a von-
tade, o medo ou a brutalidade de uma ou várias pessoas, por mais bem
educadas que sejam, ainda assim pode eliminar tudo para o que tra-
balhamos, tudo pelo que esperamos. Isto é o que acontece quando uma
máquina se descontrola, e quando o homem, transformado em máquina,
se descontrola. O homem só pode tornar-se máquina quando deixa de
ser capaz de compreender sua própria condição de ser e perdeu seu
contato com ela. Assim, é de suma importância que compreendamos al-
guma coisa sobre a mente, que compreendamos que somos mentes, que
não somos máquinas, e é de suma importância que o homem atinja im-
diatamente algum nível mais elevado de liberdade no qual a reação
da máquina de destruição possa ser controlada, e no qual o próprio
homem possa desfrutar de um pouco da felicidade a que tem direito.

"Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental" foi escri-
ta num mundo onde a fissão atômica ainda estava em seus primeiros
estágios. A "Dianética, 1955" está sendo escrita num mundo em que
existem bombas tão violentas que um continente pode ser devastado.
A recente declaração do Secretário de Guerra dos Estados Unidos de
que tais armas existem, e podem ser usadas, e sua admissão de que
existem homens com tão pouca humanidade que usariam tais armas, di-
zem-nos que já é hora de alguém, em algum lugar, se responsabilizar
por este jogo. Não se pode fugir à observação acurada das suas pró-
messas. Você pensaria que qualquer pessoa que tentasse destruir to-
dos os livros em todas as bibliotecas nos Estados Unidos e na Rús-
sia seria louca. Você pensaria que seria louco o homem que insis-
tisse na destruição de todas as suas propriedades pessoais. Você
saberia que ele estaria louco se insistisse que o único caminho pa-
ra o futuro fosse a destruição do seu corpo e de qualquer raça futura
que se lembrasse dele. Somente um louco furioso e espumejante con-
templaria o fim de todas as metas em toda parte da terra. E somente
um tolo apático permaneceria imóvel diante da destruição inevitável
dos seus sonhos mais íntimos, das suas esperanças mais queridas, das
suas posses -- até mesmo das suas próprias carteiras de identidade e
do dinheiro em sua carteira. Tal destruição não permite herança. Re-
presenta o fim de tudo pelo que todos esperamos, pelo que nós e nos-
sos antepassados nos esforçamos, e acredito que uma pessoa que possa
pensar nisso com equanimidade e sem um impulso para agir está tão
perdida para sua raça e perdida para si própria, para sua família e
para seus amigos, que ela deve, como pessoa, acreditar que não há
esperança alguma para coisa alguma, em parte alguma, em tempo algum.

É difícil imaginar tal depravação. Sabemos, com certeza, que o errado é não fazer nada. Sempre que qualquer situação possa ocorrer, sempre temos essa resposta. É errado não fazer nada. A única vez que alguém entrou em sérios apuros foi quando decidiu que não podia fazer nada a respeito de algo. Isto significa cruzar os umbrais da morte. Quando a pessoa sabia, finalmente, que era impotente diante de todos os fados, ou de qualquer fado em particular, era, nesse aspecto, uma escrava daqueles fados. Assim a coisa errada a se fazer neste mundo, neste momento, é nada. Por mais fantástico ou inacreditável que seja o plano que empreendamos, seja como for que o apresentemos, ele ainda assim será melhor do que o abandono de todos os planos e de toda ação. Pode ser que tenhamos planos melhores do que planos fantásticos. Pode ser que nós, possuidores de um conhecimento da mente e do homem, ainda possamos impedir que esse crime terrível do esquecimento ocorra.

Logo, a Dianética é uma arma. É uma arma oportuna. É a única arma defensiva existente que pode confrontar com equanimidade a fissão nuclear. A Dianética só pode falhar se não for utilizada, somente se aqueles que a conhecem não a usarem na sua plenitude. Se você hoje pegasse as tecnologias da Dianética e procurasse todos os que mesmo remotamente estivessem envolvidos com a responsabilidade de fazer uma guerra atômica, aplicasse essas técnicas neles, você logo teria elevado o homem para uma camada suficientemente alta da humanidade que ele reconheceria parte de sua responsabilidade para com a raça humana. Sua tarefa seria dificultada, pois todos os que estão ligados ao ato de fazer guerra com fissão atômica estão proibidos por lei de receber qualquer psicoterapia. Se isto lhe parece incrível, deve compreender que todos os que têm uma classificação de altamente secreto ou confidencial no governo não devem revelar qualquer informação relacionada com seu cargo. E os governos receiam que parte dessa informação possa ser revelada a alguém que pratique no campo da cura mental. Assim, se se descobrisse que alguém ligado à fissão nuclear está se submetendo a qualquer tipo de processing, seria imediatamente destituído do seu posto e sua classificação de altamente secreto seria cancelada. Mas este quadro não é irremediável. Vamos supor que alguém aplicasse o processing em todos eles e todos tivessem suas classificações de altamente secreto canceladas, quem sobraria? Ou suponhamos que alguém mostrasse essa estupidez com suficiente convicção aos que estão encarregados dos destinos do homem (mas não são responsáveis por eles), e tornasse obrigatório que a sanidade de qualquer pessoa relacionada com a criação ou uso da fissão atômica tivesse que possuir um passaporte de sanidade. Somente os insanos destruirão. Lembre-se disso! Somente o insano causaria o fim da terra. Um desses homens, agindo com hesitação e sem compreensão, uma simples máquina, se receber processing começará a compreender que tem alguma responsabilidade para com a segurança da humanidade. Somente quando é escravo é que pode ser forçado a empregar

tais armas contra a humanidade. Não existe argumento algum de emergência ou violência suficiente que exija guerra, muito menos guerra por fissão atômica com a consequente destruição de pelo menos um continente e, dentro de poucos anos, a destruição do planeta terra.

Quem acreditaria que alguém pudesse eliminar toda a vida de um continente sem imediatamente poluir de tal forma a atmosfera da terra a ponto de pôr em perigo ou exterminar todas as outras formas de vida neste planeta? Que discussão poderia haver entre os homens a ponto de causar tal destino à terra? Não existe tal discussão entre os homens. Tal discussão poderia surgir entre máquinas que, sem consciência, poderiam apertar botões, chegar a conclusões pelas quais não teriam qualquer responsabilidade.

Existem muitos modos de se alcançar um estágio de segurança mais alto para a terra. Nenhum destes modos inclui a violência ou a revolução, e todos eles incluem maior liberdade para a humanidade. A Dianética é a tecnologia chave necessária para o controle da fissão atômica. Lembre-se disso, e lembre-se também que a Dianética é uma ciência de precisão, que funciona somente quando é usada como ciência de precisão. Que se você quiser realizar qualquer coisa com ela, seja⁹ salva^{mento de} um parente da dor de doença psicosomática constante, de um grupo, de uma nação, ou de um mundo, ela funciona exatamente segundo as diretrizes em que é projetada. Não funciona com inovações. É uma ciência de precisão. Tem uma missão de precisão. Contém mais respostas do que o homem jamais obteve antes, e contém respostas suficientes para tornar o homem livre -- se ela for usada!

CAPÍTULO II

OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA VIDA

Abordados de maneira muito mais ampla na Cientologia, os princípios fundamentais da vida, não obstante, não diferem de maneira alguma para o homem.

A subdivisão básica na vida é entre a habilidade e a mecânica. Isto também poderia ser descrito como uma subdivisão de qualidade e quantidade, porém com menor precisão.

Onde a mecânica tem habilidade, esta é apenas aparente e foi introduzida na mecânica pela vida. É correto supor que um cérebro eletrônico seja capaz de pensamento, contanto que se entenda que a própria vida deve necessariamente estar presente para dar causa e qualidade, ou direção, a tal cérebro. Um cérebro eletrônico ficará inerte o dia inteiro sem fazer coisa alguma a menos que a vida ponha a máquina a funcionar. Ela dará milhões de respostas, mas nenhuma destas, por mais inteligente que seja, tem qualquer significado até que sejam vistas pela vida. A máquina não passa de um servo-mecanismo para a vida. Aliás, a máquina sequer pode existir na ausência de vida.

Por mecânica referimo-nos a todo e qualquer dos objetos, movimentos, ou espaços que existem. O principal destes, e o principal em qualquer esquema mecânico, é o espaço. A seguir vem a energia. Depois vem a energia condensada ou solidificada, chamada matéria. E finalmente, sempre presente em qualquer arranjo mecânico ou mecânica, aquela mudança relativa da posição de partículas ou objetos conhecida como tempo. Assim temos espaço, energia, matéria e tempo. Quer estejamos considerando um corpo a funcionar com qualquer energia, um automóvel ou uma montanha, ainda assim estamos lidando com o que aqui chamamos de mecânica. As mecânicas são sempre quantitativas. Há sempre tal distância, ou tanta massa, ou tantas horas. A qualidade do espaço, energia, matéria e tempo só tem valor quando vista, usada ou monitorada pela vida; aliás, ela não pode existir na ausência de vida. Correto ou não, isto é viável e é a nossa suposição básica. Temos uma palavra para a mecânica composta de matéria, energia, espaço e tempo, que é MEST. Por MEST, referimo-nos a todos e quaisquer arranjos de energia de qualquer tipo, seja ela fluida ou em forma de objeto, em espaço ou espaços. Não concebemos que a vida tenha uma energia e, portanto, pode-se ver que qualquer energia, mesmo se diretamente produzida pela vida, está incluída no termo quantitativo "MEST".

A própria vida tem qualidade e habilidade. Os produtos da qualidade e da habilidade são as mecânicas. A habilidade é demonstrada pelo manuseio de matéria, energia, espaço e tempo. Qualidade significa simplesmente "valioso" ou que "tem um valor". Não existem quaisquer valores, quer dizer, opiniões, na ausência de vida. Quando tratamos de algo como um interruptor automático, poderíamos considerar

que o interruptor é capaz de tomar uma decisão de estar desligado ou ligado. Entretanto, devemo-nos lembrar que a decisão original de que um interruptor devia ser feito e que poderia realizar o "desligar" e "ligar", e aliás, o desenho do interruptor em si dependia inteiramente da qualidade da vida.

No campo da mecânica não descobrimos creatividade. Descobrimos condições variáveis, arranjos variáveis, deterioração e destruição de uma ou outra forma, mas não descobrimos alteração na quantidade. Aliás, toda a ciência da física se baseia na suposição da "conservação da energia", o que significa que a energia, em si, não pode ser criada ou destruída, mas só pode alterar sua forma. A isto poderíamos acrescentar a "conservação do espaço", "conservação da matéria" e "conservação do tempo". Nenhuma dessas coisas é capaz, em si, de alteração. Elas não são capazes de mais do que mudança de posição ou alteração de forma. O físico gosta muito de demonstrar que a quebra de um vaso apenas altera as posições relativas das partículas da forma, e que a queima de um pedaço de carvão não muda as partículas básicas da matéria, porque se você coletasse toda a fumaça, as cinzas e as partículas que radiaram da queima e as pesasse, teria o mesmo peso de antes que o carvão fosse queimado. Por outras palavras, ela não cria para si nem acrescenta a si mesma de qualquer maneira.

Entretanto, estabeleceu-se adequadamente que a vida pode criar. Pode criar partículas e pode aumentar à massa. A demonstração disto num homem é fácil de realizar e bastante concludente. O processo conhecido como "o remédio de ter" é capaz de aumentar o peso de um homem de dez a quinze quilos, muito embora não haja qualquer mudança na alimentação ou nos hábitos de vida daquela pessoa. Por outras palavras, a vida que está no corpo do homem, e que é realmente o homem, pode, através de determinado processo, aumentar a quantidade de massa desse homem. Outro processo conhecido como "duplicação perfeita" pode inverter isto e, também sem alteração na alimentação ou nos hábitos de vida do homem, reduzir a quantidade de massa de um homem, sem as complicações da presença de calor ou de produtos residuais. Assim, de maneira franca e direta, dentro do sistema de coordenadas de referência usado pelo físico, demonstra-se facilmente que a vida realmente cria massa e pode causar o desaparecimento de massa.

Já há cinquenta anos, como o demonstra um artigo publicado na Encyclopédia Britânica, se comprehendia perfeitamente que o estudo da física deveria ter começado por um exame da mente. Este artigo, sob o título de tempo e espaço, declara que, como tempo e espaço são fenômenos mentais, sua delineação e estudo adequados começam no campo da mente. As "ciências mentais" do século XIX não tinham

conhecimentos adequados de ciência para compreender isto, e o físico, em geral ignorando tais fatos, não considerava que seu campo propriamente dito era a mente. Assim, existia um^a/incompreensão nas Ciências Humanas e nas Ciências nos pontos em que uma dependia da outra, e o resultado é que nem uma nem outra conhecia seu campo de esforço. Ao empreender um estudo da mente a partir da orientação da física, e com a aplicação de todos os princípios conhecidos na Química, Física e Matemática (coisas que o psicólogo do século XIX desconhecia totalmente e que o psicólogo do século XX despreza totalmente) é que se tornou possível apresentar alguma compreensão desta coisa a que chamamos vida neste lugar a que chamamos de universo físico.

Assim, essa coisa que considera, essa coisa que tem opiniões, essa coisa que cria, essa coisa que monitora, essa coisa que tem metas, desejos e que pode experimentar é Vida. O que chamamos de espaço, tempo, energia, matéria, formas, de qualquer tipo são os subprodutos da Vida e monitorados pela Vida. A energia, seja na forma de uma imagem mental, de um corpo, uma árvore, ou uma pedra, também é subproduto da vida. Não existe a menor diferença, exceto apenas na densidade e no comprimento de onda, entre o espaço que você vê ao seu redor com seus olhos físicos, e os espaços e formas que você vê quando os fecha e observa uma imagem mental. Também essas coisas são energias e obedecem às várias leis da energia.

Portanto, temos aqui uma unidade ou uma qualidade capaz de criar quantidades como espaços, energias, massas e tempo, capaz de aumentá-las ou diminuí-las.

Há uma considerável dissertação na "Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental" sobre a "unidade da consciência de estar consciente". Quando este assunto começou a ser investigado, demonstrou-se que tudo não era uma máquina. Em algum ponto, ao retraçar as várias linhas, foi necessário fazer ressaltar um ponto de causa, fosse simplesmente admitindo que havia um ponto de causa, ou descobrindo um. Dois termos foram usados com relação a este agente causativo. Um deles foi "mente analítica", e o outro, muito mais adequado, a "unidade da consciência de estar consciente". Como o nome sugere, a unidade da consciência de estar consciente está cônscia de estar consciente, ou cônscia de estar viva. Quando se estava examinando ou estudando a mente analítica, estava-se cônscio de algo mais: que a unidade da consciência de estar consciente conectava-se de algum modo com computadores, ou analisadores, de modo a manipular e controlar o restante do ser físico. Portanto, o termo "mente analítica" significava a unidade da consciência de estar consciente mais algum circuito ou circuitos avaliadores, ou maquinaria, para possibilitar o manuseio do corpo.

O outro assunto estudado em linhas gerais em "Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental" foi a "mente reativa". Esta mente era uma mente de estímulo-resposta que dependia da orientação externa sobre sua ação e reação. Imaginou-se que a mente reativa fosse uma coleção de registros, na forma de imagem, organizados de modo a fazer um padrão completo de experiência, capaz, apenas pelo seu padrão, de avaliar a conduta ou o comportamento do indivíduo. As imagens contidas na mente reativa são agora chamadas de "fac-símiles", pois são nada mais nada menos que imagens, como fotografias, tiradas do universo que rodeia o indivíduo e são mantidas por ele. Um tipo especializado de fac-símile era o "engrama". Ele diferia das outras imagens mentais porque continha, como parte do seu teor, inconsciência e dor física. A definição de um engrama é: uma imagem de "um momento de dor e inconsciência". Entendeu-se que a mente reativa tinha mais desses engramas do que o analisador. Mas verificou-se que o analisador também tinha alguns destes, exceto que eram de uma forma mais leve e eram um nó no engrama que estava no banco de memória reativo. Aliás, quando se estudava a mente reativa, estudava-se na realidade o que ela é, no cérebro eletrônico, um banco de memória. Em lugar de fichas, ou de um sistema de fichas, a mente reativa continha imagens. Estas imagens eram arquivadas ou recuperadas dos arquivos pelo ambiente, que continha restimuladores. A presença dessas imagens podia alterar forma e podia alterar comportamento. Verificou-se que a erradicação de um desses engramas através de uma das primeiras técnicas de apagamento da Dianética podia alterar o comportamento de estímulo-resposta do indivíduo.

Confrontamo-nos, aqui, com três tipos de mente. Uma delas era o agente causativo, a unidade da consciência de estar consciente, que parecia não ter quaisquer subprodutos, mas que incide sobre outra mente chamada mente analítica, que, tal como uma máquina, analisava situações racionalmente, quando sadia e racional, e um terceiro tipo de mente mais afastada ainda da unidade da consciência de estar consciente, que agia sem o consentimento do agente causativo e não o consultava de maneira alguma. Ora, ao examinarmos cuidadosamente isto, verificamos que tanto a mente analítica quanto a mente reativa são mentes mecânicas na forma de subprodutos. Ambas dependem de energia, espaços, armazenagem e outras coisas quantitativas. Entretanto, a unidade da consciência de estar consciente é em si decisão, e em si consciência. Fornece à mente analítica e seu sistema vários conhecimentos a serem manipulados de maneira mecânica e, sem o saber, põe nas mãos da mente reativa -- que é uma coisa totalmente mecânica -- o direito de alterar e corrigir a mente analítica. Portanto, aparentemente, temos aqui um agente causativo e duas máquinas. Logo, poderíamos muito bem chegar à conclusão óbvia de que há uma unidade da consciência de estar consciente, e que esta, de algum modo, manipula maquinaria, e que a mente analítica, a mente reativa, e mesmo o corpo e o ambiente, são mecânicos. Uma coisa aqui é qualitativa e capaz de

de tomar decisões -- a unidade da consciência de estar consciente. Todas as outras coisas são subordinadas a ela e dependem, para suas conclusões, dela ou do ambiente. Temos aqui, uma vez mais, qualidade versus quantidade.

Uma outra demonstração dessa unidade da consciência de estar consciente em ação é bastante convincente. Uma máquina, um medidor, que é construído segundo toda a tradição da física e da eletrônica, e que é composto nada mais nada menos do que medidores e calibradores e eletrodos, pode detectar a produção de energia pela mente analítica. Esta máquina, que tem um exemplar conservado na Sede do Hubbard Professional College, demonstra de maneira conclu-dente que a unidade da consciência de estar consciente pode prever e causar à vontade a ocorrência de uma reação de energia. Vai ain-da mais além e demonstra que a unidade da consciência de estar consciente pode criar, sem maiores contatos, um fluxo de energia num corpo à distância. Esta é uma demonstração bastante espantosa, e uma das mais importantes descobertas no campo da eletricidade nos últimos tempos. As condições da experiência são rigorosas o bastan-te para eliminar qualquer dúvida na mente de um físico em relação à autenticidade da ocorrência.

Se nenhuma energia estivesse sendo criada pela unidade da consciência de estar consciente, então não saberíamos como explicar as imagens mentais, pois estas coisas, sendo feitas numa rapidez tre-menda, contêm massa considerável -- massa que é mensurável num obje-to muito comum do cotidiano - um par de balanças de banheiro.

Tão logo se descobriu como os fac-símiles (essas imagens de energia mental) surgiam, descobriu-se também que eram energia real e não "uma idéia de energia" como anteriormente se supunha. O fac-símile e o engrama entram em ação por resistência. A unidade da consciência de estar consciente resiste a uma cena no universo físi-co, seja resistindo à sua aproximação ou ao seu afastamento e assim, por essa resistência, faz uma cópia. Essa cópia é feita de maneira móvel, como uma película cinematográfica, e é completa em todos os detalhes. Mais tarde, o indivíduo pode recorrer a essa cópia e dar-lhe uma olhada, e verificar que contém as forças exatas que estavam na versão original no universo físico. A unidade da consciência de estar consciente faz isto de maneira tão fácil a ponto de ignorar totalmente o que estava fazendo. Ora, quando a unidade da consciência de estar consciente faz uma cópia, tentando impedir que algo vá embo-ra, ou tentando impedir que ela se aproxime, e considera que a sobre-vivência do seu corpo está sendo violada ou ameaçada, arquiva essa cópia de maneira tal que não terá de olhar para ela novamente. Mas isto não significa que uma aproximação da cópia pelo universo físico não possa reativar a cópia de maneira independente. Por outras pala-

vras, quando a unidade da consciência de estar consciente põe esse fac-símile de lado e não quer olhar para ele novamente, o próprio fac-símile começa a ter um poder sobre a unidade da consciência de estar consciente. Os arquivos coletados dessas experiências de não-sobrevivência reunem-se e são a mente reativa. A unidade da consciência de estar consciente poderia estar cônscia deles, mas prefere não estar. Assim, o ambiente pode restimular esta mente reativa e pode causar mudanças no comportamento e na forma corporal tal como excesso de peso, doenças psicossomáticas, ou mesmo expressões ou gestos fixos.

A essência do tempo é a mudança. Onde não há mudança não há tempo. Assim, algo que seja inalterado é duradouro. Se uma coisa não contém mudança, então "flutuará" no tempo todo, porquanto não dará a si mesma qualquer mutabilidade, sendo uma coisa de não-mudança. Assim, descobrimos que silêncios e não-mudanças "flutuam" no tempo e descobrimos que cada lugar na trilha do tempo em que a unidade da consciência de estar consciente tirou uma imagem do silêncio, tem silêncio ofendido ou reprimido, tem, portanto, uma massa de energia que "flutuará" ou permanecerá com ela, qualquer que seja o tempo que ela se atribua, e temos a composição do universo físico. O universo físico é composto de energia "flutuante" ou eterna. Se isso não funcionasse no processing, e se não fosse um princípio utilizável, não estaria incluído neste texto.

Pelo fato de que esses fac-símiles, sobretudo os de silêncio, podem "permanecer com" o inidvíduo, temos então todo o mecanismo a que chamamos de "restimulação" onde o ambiente reativa um fac-símile, que então reage contra o corpo ou contra a unidade da consciência de estar consciente da pessoa. Este é um sistema muito simples de estímulo-resposta. Descobrimos, então, que os engramas, ou fac-símiles em geral, têm uma tendência a ficar fixados em seus pontos silenciosos ou imóveis. Assim, um fac-símile pode conter ação considerável e, mesmo assim, estar preso num ponto de não-movimento. Temos aqui um não-movimento com movimento de um lado e de outro do mesmo. O ponto de não-movimento está preso e não é conectado pela unidade da consciência de estar consciente, porque esta em geral está procurando por movimento. Assim, temos um fenômeno conhecido como "preso na trilha do tempo" onde um indivíduo pode acreditar estar em algum ponto distante no passado. O fac-símile ou engrama no qual está "preso" tem, para ele, quase tanta realidade como condição de existência quanto seu ambiente de tempo presente. Quando se torna totalmente psicótico, o fac-símile ou engrama tem muito mais realidade para ele do que seu ambiente de tempo presente. Temos, assim a aberraçāo e a doença psicosomatíca.

Na Dianética primitiva, a maneira de se aliviar essa condição era dirigindo-se às imagens propriamente ditas e convencendo a unidade da consciência de estar consciente a apagá-las recontando-as e reexperimentando-as. Como isto demorava muito, e como os auditores tinham a tendência de abandonar incidentes parcialmente apagados, a tecnologia -- embora viável -- não era concludente. Assim, foi preciso realizar maiores pesquisas e investigações para estabelecer a melhor maneira de se lidar com essa situação.

A CAPÍTULO III

A UNIDADE DA CONSCIÊNCIA DE ESTAR CONSCIENTE

Examinando-se a individualidade e a identidade do indivíduo, descobre-se que o indivíduo é ele próprio, não os seus subprodutos. O indivíduo não é sua mente analítica, não é a sua mente reativa, não é seu corpo assim como não é sua casa ou seu automóvel. Poderia considerar-se associado com sua mente analítica, sua mente reativa, sua casa, seu corpo, seu carro, mas não é essas coisas. Ele é ele próprio. O indivíduo, a personalidade, é a unidade da consciência de estar consciente, e a unidade da consciência de estar consciente é a pessoa. À medida que esta unidade da consciência de estar consciente se confunde cada vez mais com as imagens que fez do seu ambiente, concebe-se cada vez mais como sendo um objeto, até que finalmente, quando desceu totalmente na escala de tom, chega ao ponto em que sua crença mais cara é que ela é um objeto.

Assim como você não diria que John Jones é seu carro, também deve dizer -- quando entende isto claramente -- que John Jones não é sua mente analítica ou sua mente reativa, seu corpo ou suas roupas. John Jones é uma unidade da consciência de estar consciente e tudo nele que é capaz de conhecer e estar consciente é John Jones, uma unidade da consciência de estar consciente.

Quando chegamos a um estado em que o próprio John Jones sabe ser uma unidade da consciência de estar consciente e não sua mente analítica, sua mente reativa, seu corpo, suas roupas, sua casa, seu automóvel, sua mulher ou seus avós, temos o que em Dianética chama-se de um "claro". Um claro é simplesmente uma unidade da consciência de estar consciente que sabe ser uma unidade da consciência de estar consciente, pode criar energia à vontade, e pode manipular e controlar, apagar ou recriar uma mente analítica ou uma mente reativa.

A diferença de abordagem é a seguinte: em lugar de apagar todas as coisas com as quais a unidade da consciência de estar consciente está em conflito, tornamos a unidade da consciência de estar consciente capaz de superar e controlar todas as coisas com as quais julgava ter de estar em conflito. Em outras palavras, elevamos o determinismo de uma pessoa até o ponto em que é capaz de controlar suas imagens mentais e os vários subprodutos da vida. Quando, no tocante à sua capacidade, é capaz de controlar e determinar a ação dessas coisas, não mais é aberrada. Pode lembrar qualquer coisa que queira lembrar sem a ajuda e assistência de massas de energia. Pode ser o que deseja ser. Devolveu a si mesma uma liberdade considerável.

Praticamente a única dificuldade que temos em alcançar este estado de claro, com todo o poder e capacidade a ele relacionado, é o fato de que os indivíduos passam a crer terem de ter certas coisas para continuar sobrevivendo. Na realidade, uma unidade da consciência de estar consciente não pode fazer outra coisa senão sobreviver. É imortal, mas seus subprodutos são destrutíveis e, ao confundir-se com seus subprodutos, começa a acreditar ter de ter ou fazer certas coisas para sobreviver. Sua ansiedade a respeito torna-se tão grande que chega a acreditar ter de ter problemas para poder sobreviver. Uma unidade da consciência de estar consciente é infeliz a menos que tenha alguma massa ou espaço de algum tipo e não tenha vários problemas para resolver.

Durante muito tempo, em Dianética, procurou-se muito pelo "claro instantâneo". Tal coisa já existe e é exequível em mais de cinquenta por cento da atual população mundial. Naturalmente, o claro instantâneo depende de se colocar a unidade da consciência de estar consciente a uma distância e no controle dos seus vários subprodutos, de modo a não confundir-se com seus subprodutos. A espantosa rapidez com que cinquenta por cento da raça humana podem ser tornados claros só é crível quando se aplica isto. As palavras mágicas são: "Fique a um metro atrás da sua cabeça". Este é o claro instantâneo. Se a existência de um claro instantâneo, ou de um processo é indigesta para as pessoas é porque durante muito tempo elas têm contemplado objetos e têm sua atenção tão inteiramente fixada em objetos que não podem mais ver espaço. E a idéia de ver espaço, a idéia de estar sem objetos lhes é tão antipática que sentem ter de condenar qualquer esforço que possa afastá-las das proximidades de algumas das suas mais caras possessões.

É tão fortemente antipático para o homem olhar para o espaço que um dos processos básicos da Dianética -- fazê-lo olhar pontos no espaço -- fará com que um indivíduo de tom muito baixo fique seriamente doente do estômago. A náusea resultante da simples contemplação do espaço vazio só aparece naquelas pessoas que têm muita dificuldade com possessões e que são incapazes de ter coisas. De terem de ter coisas elas chegaram a um ponto em que não acreditam poderem mais ter qualquer coisa. Assim, quando se lhes pede que contemplam um vazio de qualquer tipo, isto é o bastante para causar uma violenta reação física. Portanto, todo este assunto do "claro" e da exteriorização, como é tecnicamente chamada, é muito antipático para os cinquenta por cento restantes da raça humana que não podem ser instantaneamente alcançados com este botão instantâneo.

Cinquenta por cento das pessoas das quais você se aproxima, se não escolher previamente seus pré-claros -- uma pessoa a caminho de tornar-se claro -- se exteriorizarão imediatamente, es-

tarão a certa distância do próprio corpo, e se verão capazes de manipular grande número de coisas que antes consideravam impossíveis de controlar, no momento em que você diz "Esteja um metro atrás da sua cabeça". Os cinquenta por cento restantes olharão para você com diferentes graus de espanto. Sabem que são um corpo. Sabem que são um objeto e sabem (a maioria delas) que ficariam doentes do estômago se se vissem sozinhas no espaço. Acreditariam que seria impossível controlar um corpo enquanto estão a um metro atrás dele. Assim, logo se começa a discutir com essas pessoas e elas querem penetrar nos vários significados mais profundos. Se essas pessoas estivessem perdidas para nós com os atuais processos Dianéticos, ainda assim teríamos atingido um elevado potencial acima de qualquer esforço anterior para se fazer algo pela raça ou sobre a mente. Anteriormente, mesmo em 1949, descobrimos que o homem em geral não possuia a capacidade de obter uma percentagem de recuperação superior a vinte e dois por cento. Por estranho que pareça, fosse um feiticeiro trabalhando, um psicanalista, um psicólogo, um médico ou outro prático, a simples segurança e uma palmadinha nas costas mesmo assim causava uma cura de vinte e dois por cento. Este fato que os profissionais não examinaram com atenção, fez com que as pessoas acreditassesem que a única coisa de errado com a mente era que as pessoas pensassem haver algo de errado com a mente, e tudo o que as pessoas precisavam era de uma palavra de estímulo e tudo ficaria bem. Vinte e dois por cento de uma população se recuperarão se se fizer qualquer coisa por eles. Os setenta e oito por cento restantes não têm tanta sorte. Quando podemos elevar a percentagem mesmo que seja para trinta por cento, estamos fazendo muito mais do que foi feito antes. Quando qualquer prática obtém uma recuperação inferior a vinte e dois por cento, então essa prática está claramente prejudicando as pessoas, pois se tudo o que o profissional fizesse fosse ficar à vontade em seu consultório e tranquilizar alegremente seus pacientes, ele obteria seus vinte e dois por cento. Teria de ser muito ativo e depressivo para diminuir essa quantidade de "curas". Agora, quando saltamos de repente para a cifra de cinquenta por cento, sabemos que nos aproximamos da resposta. Assim, poderíamos descansar nesse exato ponto, seguros de que fizemos mais no campo da cura do que nunca antes.

Entretanto, dentro da nossa estrutura, isto não é bom o bastante. Em primeiro lugar, se quisermos tratar pessoas envolvidas com o governo, pessoas envolvidas com o poder, pessoas envolvidas com as ciências materiais -- como físicos e químicos -- estamos lidando com praticamente todo o restante dos cinquenta por cento "resistentes". Isto não significa que uma pessoa, pela simples

exteriorização, seja mais fraca. Significa que uma pessoa com contato contínuo com o universo físico e continuamente mortificada e preocupada com o estado dos objetos ou da energia, está apta a ficar o que chamamos de "interiorizada".

Uma série recente de casos empreendidos para demonstrar até onde tivemos de ir e o que tivemos de fazer para obter resultados nestes cinquenta por cento restantes, foi completada com sucesso. Com técnicas modernas, acompanhadas com extrema atenção, auditores treinados pela organização central têm tido sucesso com todos os processos anteriores a partir de 1951, '52, '53 e quase todo '54. À certeza de tornar claros os primeiros cinquenta por cento, apenas com palavras mágicas, seguiu-se agora a certeza de se manejar os cinquenta por cento restantes. Isto é tão evidente que as organizações de Dianética e Cientologia agora garantem tornar claros ou reembolsar todas e quaisquer taxas pagas pelo auditing. Isto apresenta uma cena e uma atitude bem diferentes das de 1950, quando um auditor tinha de ser "intuitivo" e tinha de trabalhar sem cessar, ao que parece, para produzir ganhos em casos, muito menos obter claros. Minhas próprias percentagens em tornar pessoas claras não contam, e aprendi cedo (com algum espanto) que o que eu fazia com um pré-claro e os resultados que obtinha com um pré-claro, não eram os resultados que seriam obtidos por outro auditor. Foi apenas este fato que fez com que a pesquisa e a investigação prosseguissem a tais extremos e os processos fossem codificados com tanto rigor. Pois primeiro tínhamos de conhecer os processos e depois saber como treinar auditores e, finalmente, estamos conseguindo estes resultados de obter claros.

Sabia-se que qualquer claro obtido anteriormente era claro pelo simples fato de ser capaz de lembrar à vontade por imagens, ou poder realizar determinados outros feitos. Na realidade, uma pessoa só era claro para permanecer claro quando não estava imediatamente envolvida com sua mente analítica ou reativa. E esses claros que permaneciam estáveis haviam sido colocados inadvertidamente num estágio muito mais avançado do que até mesmo o auditor supunha. Foi a investigação desses claros que conduziu às técnicas que agora possuímos. Verificou-se que muitos deles eram simplesmente casos abertos (wide-open cases) que se haviam tornado relativamente capazes de ler seus próprios fac-símiles. Vários deles haviam simplesmente aumentado sua capacidade a um ponto tão acima da capacidade de outras pessoas que todos concordavam que deviam ser chamados de "claros". E então veio o claro verdadeiro. Num questionário minucioso, o claro verdadeiro, muito embora ele próprio nem sempre o percebesse, concebia a si mesmo como situado a certa distância do corpo. Esses claros que permaneciam estáveis e continuavam a realizar e funcionar a despeito das convulsões da vida, eram os que haviam sido

exteriorizados de maneira estável. Este pode ser um dado que alguns Dianeticistas tenham muita dificuldade em assimilar, mas a dificuldade se originaria somente do fato de que estes não estariam dispostos a olhar para espaço ou receariam voltar para o cativeiro. Essa gente tem muito medo de perder seus corpos. Mas um fato que não podemos discutir é que, no tocante à doença psicossomática, a melhor maneira de resolvê-la é pela exteriorização. Faz-se a pessoa afastar-se atrás do seu corpo, olhar para ele e consertá-lo, e isto é tudo no tocante à doença psicossomática. Naturalmente, existe uma estrutura eletrônica do corpo para a qual se pode dirigir a atenção de uma pessoa, mas eu vi a expressão de um rosto mudar num instante; vi doenças psicossomáticas desaparecerem em segundos e, enquanto restasse qualquer estrutura física com a qual se pudesse trabalhar, vi o problema da doença psicossomática ser relegado, como problema, a uma condição tão insignificante, que não mais pensamos nesses termos e não consideramos que a Dianética seja bem utilizada quando aplicada somente à doença psicossomática e às aberrações.

Atualmente, damos ênfase à capacidade. Verificamos que quanto mais aumentamos a capacidade de uma pessoa, os subprodutos ao seu redor tornam-se melhores. Pelo simples aumento da capacidade de um indivíduo de andar ou falar podemos mudar seu ser físico e sua perspectiva mental.

De acordo com esta teoria, bastaria fazer alguém aprender a fazer cerâmica, ou dirigir um automóvel, ou falar em público, para aumentar sua saúde mental e física. Aliás, verificamos que estas coisas são terapêuticas, mas descobrimos que são limitadas em sua terapia porque os talentos com os quais um indivíduo aprender desta forma são talentos totalmente envolvidos no manuseio e orientação do corpo, e ele não está sendo totalmente influenciado apenas pelo seu corpo. Está sendo influenciado também pela maquinaria de computação a que ele dá o nome de sua mente analítica e pela maquinaria mais insidiosa e menos óbvia chamada de sua mente reativa. Ademais, por esses aumentos de capacidade, ele não é elevado a um ponto em que pode controlar ou manejá todo o seu ambiente. Tal capacidade só pode ser desenvolvida pela própria unidade da consciência de estar consciente. Quando está aprendendo a fazer alguma coisa através do corpo, não está aprendendo a fazê-la diretamente, mas aprendendo a fazê-la com ajuda -- com a ajuda de braços e pernas, rosto, voz, olhos e, assim, a terapia do "hobby" é limitada, embora bastante positiva.

Examinando-se mais atentamente esta linha, descobre-se que a unidade da consciência de estar consciente possui capacidades peculiares. A primeira e principal das suas capacidades é a de estar onde gosta de estar, e olhar. Não precisa de olhos. Não precisa de um veículo no qual se deslocar. Tudo o que precisa fazer é postular sua existência num certo local e então olhar a partir daque-

le ponto de existência. Para fazer isto, tem de estar disposta a ser causa. Tem de estar disposta a ser um efeito. Mas se pode fazer isto, pode ir muito mais longe -- pode criar e mudar espaço. Além disso, pode apagar num relance fac-símiles e engramas.

Ora, quando entramos em tais capacidades, as pessoas correm o risco de acreditar que entramos no campo do misticismo e do espiritualismo. Mas um exame desses campos demonstra que as pessoas que estão neles não são muito capazes. O misticismo e outras práticas desse tipo são práticas inversas. Em lugar de controlar o banco reativo, a mente analítica, o corpo, o ambiente, elas procuram afastar-se nitidamente da necessidade de controlar. Isto é uma capacidade descendente e, embora eu possa ser acusado de denegrir esses campos, só posso olhar para as pessoas que neles conheci e acrescentar o fato de que eu próprio estudei esses campos no Oriente e conheço suas limitações. As pessoas tendem a confundir exteriorização com passeio astral. Enquanto está sentado lendo este livro, você está clara e positivamente cônscio de que está sentado aí e deste livro. Não há dúvidas sobre se você está ou não olhando para um livro. Você não se julga projetado e você não tem de adivinhar onde está e não pensa que tenha criado alguma forma de imagem para olhar para qualquer coisa. Está simplesmente sentado aí lendo um livro. Isto é exteriorização. Se você fosse claro e, com seu corpo em casa, você estivesse numa biblioteca, poderia ler na biblioteca com igual facilidade, com a limitação de que você talvez não manuseasse bem as páginas. Por certo saberia estar na biblioteca. Não haveria dúvidas sobre a qualidade e a personalidade da bibliotecária e de outras pessoas ali presentes. Ser claro não inclui suposições. Você não estaria preocupado com telepatia, com a leitura da mente de outra pessoas e outras curiosidades. Simplesmente saberia o que quer saber. Além disso, você não teria de usar um sistema para descobrir o que sabe. Simplesmente o saberia.

Se o homem não pode confrontar o que ele é, então o homem não pode ser livre. Pois uma unidade da consciência de estar consciente totalmente cercada de massas de energia e, acreditando que ela própria é totalmente essas massas, está num estado difícil e desesperado. Acredita, por exemplo, que para ir de um endereço para outro tem de levar massa de energia consigo. Isto não é verdade. Pode-se levar o corpo consigo para se intensificar a conversa, para ter um problema, para obter alguma atenção e interesse das pessoas, mas não se tem de levar um corpo consigo porque seja preciso ter um corpo.

A atitude geral de uma pessoa que é clara é muito interessante de se observar. Somente uma pessoa clara tem uma tolerância bem definida para com o comportamento de outros. Antes de serem claras, as pessoas estão em diferentes graus de desconfiança com relação a outras pessoas. Estão escondendo, ou protegendo, ou possuindo coi-

sas a tal ponto que não se atrevem a separar-se delas.

Existe um certo receio de uma pessoa exteriorizada. Há uma crença de que ela lhes possa causar danos. Na realidade, os danos são causados pelos fracos deste mundo, não pelas pessoas fortes. Não se tem de escravizar e controlar pela força aqueles cuja conduta não se teme. Quando você encontra uma pessoa no caminho das emoções arduamente controladas, você está diante de um indivíduo com medo. Pelo seu medo, você o conhece.

Outra ligeira dificuldade no estado de exteriorização é que se tem a tendência de deixar as coisas mais ou menos como estão. Até certo ponto fica-se satisfeito em deixar o jogo correr, participar dele e divertir-se com ele. O ponto, naturalmente, é a destruição do campo de jogo. Para um claro, a vida é nada mais nada menos do que um jogo e a única coisa que consideraria um comportamento um tanto imperdoável seria a eliminação desse campo de jogo. Mas se ele estiver mais alto nesse estado, deve, teoricamente, criar seu próprio campo de jogo. Todavia, se fizesse isso, teria dificuldade em entrar em comunicação com outros seres vivos, a menos, é claro, que os criasse, o que é um estado de coisas bastante insatisfatório porque a pessoa não se esquece completamente que fez isso.

Conduta moral é a conduta que obedece a um código de leis arbitrárias. A conduta ética é a conduta com base no próprio senso de justiça e honestidade. Quando se impõe um código moral a terceiros, a gente se afasta consideravelmente de qualquer coisa que se pareça com ética. As pessoas obedecem a um código moral porque têm medo. As pessoas somente são éticas quando são fortes. Pode-se dizer que os criminosos da terra são aqueles a quem os códigos morais foram impostos com demasiado vigor. Tomamos como exemplo disso o tipo chavão, o filho do pastor. Conduta ética não significa abandono promíscuo ou conduta ilegal. Significa conduta aceita e obedecida porque se tem um senso de ética, um senso de justiça, um senso de poder. Esta é a moralidade auto-determinada. Um claro tem isto num grau muito acentuado. Pela verificação real de muitos desses casos, sua conduta moral é intensamente superior ao de pessoas que se orgulham de "serem boas". Suscita-se este ponto porque a lei e ordem dependem, para sua existência, da sua necessidade no campo da moral, e olham com uma espécie de horror para alguém que seria bom sem recorrer às forças da lei e ordem, nem sob ameaça destas. Seria duro ter uma pessoa assim por perto. Ela reduziria drasticamente o efetivo da força policial.

Portanto, o estado de claro é atingível e desejável, e agora que podemos realizá-lo com maior positividade do que em 1950, verifica-se que é superior ao descrito no segundo capítulo da "Dia-

nética: A Ciência Moderna da Saúde Mental".

A maneira de se tornar um claro ou de se criar um claro é simples, mas exige um certo código de conduta chamado O Código do Auditor e requer, como descobrimos, considerável volume de treinamento. Fazer de uma pessoa um claro é uma capacidade altamente especializada. É preciso elevar esta capacidade nos indivíduos antes que possam empreender com facilidade e êxito tal projeto. Um testemunho disso é o fato de que embora muitos dos processos envolvidos na ação de tornar claro estejam disponíveis há muito tempo, pouquíssimas pessoas os têm usado com êxito. A descoberta da razão para isto foi tão importante quanto o próprio estado de claro. O remédio para essa incapacidade está no treinamento e no processing. A atividade de se criar um claro é conhecida como "processing" e é empreendida por uma pessoa em benefício de outra pessoa. A atividade de se tornar "auto-claro" ainda não se tornou possível no indivíduo que está seriamente atolado em seu próprio caso.

Imensamente subordinados à meta do claro, mas imensamente superior às várias atividades de cura do homem na mente, no espírito e no corpo, os próprios processos que conduzem ao claro remediam, quer se queira ou não, grande parcela dos males do indivíduo. Pode-se tomar um desses processos modernos e aplicá-lo isoladamente, e realizar mais com a Dianética do que o homem realizou anteriormente no campo da cura. Naturalmente, quando se tem a resposta, a aplicação dessas respostas a pequenas dificuldades psicosomáticas, ou aberrações, ou inquietação espiritual é elementar. Mas também descobrimos que não existe nenhum substituto de verdade para o treinamento, seja nas mãos de um auditor já treinado e habilitado, ou melhor ainda, na organização central.

A unidade da consciência de estar consciente não é facilmente observada no campo da Física porque esta está totalmente interessada na mecânica. A Física parte da suposição de conservação de energia e da existência de espaço e daí para maiores complexidades. A unidade da consciência de estar consciente está a um passo antes de tudo isso e sua existência era insuspeitada por uma má definição no campo da Física. A definição de um estático. Na Física, chama-se um estático algo que é "um equilíbrio de forças". Este objeto em repouso num equilíbrio de forças é um enigma semântico interessante. Se pusermos um copo sobre uma mesa e então dissermos que ele é um estático, estaremos dizendo uma mentira muito ruim. Não se trata de um equilíbrio de forças. Acontece que aquele copo está se deslocando a mil milhas por hora pela simples razão do fato de a terra estar girando. Ele tem sete outras direções e velocidade por ser parte do planeta terra, do sistema solar e desta galáxia. Portanto, não se pode considerar que esteja em repouso. As

sim, não se pode considerar que um objeto esteja em repouso a menos que se considere algo relativamente em repouso. O copo está em repouso em relação à mesa, mas esta não é a definição física.

A definição de um estático revela algo mais de interesse. Falta uma definição no campo da Matemática -- a definição do zero. Há anos o matemático vem usando em todas as suas fórmulas uma variável extravagante sem desconfiar da sua presença. Na realidade, ele só a encontrou quando entrou nos campos mais elevados da física nuclear. Nesse instante a encontrou de maneira tão vigorosa e sabia tão pouco que teve de alterar a maioria das suas concepções matemáticas para lidar com a física nuclear. Esta variável extravagante era nada menos que o zero. O zero, que aparece como um ovo de pato em muitas fórmulas matemáticas, introduziria muitas variáveis interessantes. Em primeiro lugar, jamais se obteve o zero absoluto neste universo. Foi apenas aproximado. Isto em termos de química. Isso em termos de inexistência. Podemos dizer que há zero maçãs, mas ainda assim é um zero qualificado. Podemos dizer que não havia maçãs, mas isto ainda é qualificado como estando no passado. É um zero passado. Podemos dizer que não haverá maçãs e também teremos o zero qualificado como situado no futuro. O zero era uma ausência de uma coisa e isto violava imediatamente a definição de que o zero era uma não-coisa. O absoluto da não-coisa teve de ser examinado enquanto investigávamos o campo da mente e realmente levou a algumas descobertas muito espantosas com relação à própria Vida e localizou com precisão a existência da unidade da consciência de estar consciente.

A definição adequada e correta de zero seria: "algo que não tivesse massa, que não tivesse comprimento de onda, que não tivesse localização no espaço, que não tivesse posição ou relação no tempo". Este seria um zero. Poder-se-ia dizer, mais sucintamente, ainda que um pouco menos corretamente, ser "algo sem massa, significado ou mobilidade".

Seria quase impossível afastar um físico arraigado do conceito de que tudo é uma "condição de algo" e que realmente há uma "condição de nada". Entretanto, há uma condição de nada que tem qualidade. Tem potenciais, tem capacidade. Tem a capacidade de perceber, tem a capacidade de criar, a capacidade de compreender e a capacidade de aparecer e desaparecer a seu contento em várias posições no espaço. Ademais, demonstramos de maneira concludente que esta coisa podia manufaturar ou fazer desaparecer espaço, energia e massas e podia, adicionalmente, reposicionar o tempo.

A partir deste dado, obtemos a definição de um estático que é: "Uma realidade de não-massa, sem comprimento de onda, sem posição no espaço ou relação no tempo, mas com a qualidade de criar ou destruir massa ou energia, localizar-se ou criar espaço, e de re-re-

lacionar o tempo". E assim temos a definição de uma unidade de consciência de estar consciente. É a definição de um estático. Ele não tem quantidade, tem qualidade. Não tem mecânica, pode produzir mecânica, e tem a capacidade.

A principal capacidade da unidade da consciência de estar consciente é ter uma idéia, continuar essa idéia e perceber a idéia em sua constância na forma de massa, energia, objetos e tempo. No campo da Cientologia, o fato de que esta unidade da consciência de estar consciente também pode controlar e mesmo fazer corpos físicos é quase incidental. Este é apenas um ramo especializado do jogo. Na Dianética, esta é uma função muito importante, pois em Dianética trabalha-se com o Homem.

Pode-se chamar um estático de um ponto de orientação. Seria daquele ponto que ele fez e dirigiu espaço, energia e objetos. Seria daquele ponto que ele atribuiu significados e que temos uma diferença essencial entre a unidade de consciência de estar consciente e seus subprodutos. Podemos categorizar esses subprodutos como símbolos. Quando dizemos "mecânicos", na realidade queremos dizer, até certo ponto, "símbolos". Um símbolo é algo que tem massa, significado e mobilidade -- MSM. Esta é a definição técnica de um símbolo. Um ponto de orientação é algo que controla símbolos. A diferença em capacidade de uma unidade de consciência de estar consciente é o quanto ela é um ponto de orientação em relação com quanto acredita ser ela própria um símbolo, ou ter massa, significado e mobilidade. O rebaixamento do estado de estar consciente é para a condição de símbolo -- massa, significado e mobilidade. Para ter uma idéia clara disto, você vê a letra "a" nesta página. Esta tem massa, ainda que massa muito pequena. Tem significado, pois converte uma idéia quando se olha para ela e, certamente, tem mobilidade, pois você pode mudar o livro de lugar. Agora, olhando para o livro, você tem o papel de um ponto de orientação, na medida em que não se concebe como tendo uma identidade fixa, uma posição fixa, uma massa fixa. Se você, ao olhar para o livro, não tem massa real, se seu nome não é uma idéia tremendamente fixada com você e se sabe que pode mudar seu corpo de lugar, sem ter de mover-se com ele, então você seria, de modo muito claro e decisivo, um ponto de orientação. Mas se você pensa que tem massa e é massa, se pensa que você é seu nome e se pensa que tem de mudar de lugar somente mudando seu corpo de lugar, então naturalmente uma outra pessoa, uma outra coisa, pode ser seu ponto de orientação. Este pode ser sua mãe. Pode ser sua cidade natal ou, se você é um místico, pode mesmo ser algum espírito. Você pensaria em você mesmo como um símbolo. De igual modo, um símbolo não lembra nada mais do que simboliza e, assim, sua memória pode em grande parte ser a memória de aliados

passados -- pessoas que tomaram conta de você e a quem estava ligado afetuosamente -- e se você estivesse numa palestra, provavelmente faria anotações em lugar de se lembrar do que estava sendo dito. Um ponto de orientação tem o poder de memória sem registros. Um símbolo tem o poder da memória somente na medida em que é um registro.

Assim, vemos que é conveniente que um indivíduo não se identifique com massas, mas que conserve sua capacidade de manipular massas e objetos e energias, de lembrar à vontade, sem a necessidade de registros como os que estão no banco reativo, ou máquinas de fac-símiles, como as que estão no banco da mente analítica.

Em qualquer investigação boa e completa, investiga-se para ver o que se descobre e para encontrar maneira melhores de se fazer coisas. Em qualquer relatório confiável de investigação, a pessoa diz o que descobriu e comunica seu caráter e sua natureza. Nesta ciência, estamos fazendo precisamente isto. Quando falamos da unidade de consciência de estar consciente, não estamos falando para sermos agradáveis, para conquistar amigos ou influenciar professores, estamos simplesmente lhe dizendo o que foi descoberto após vinte e cinco anos de pesquisas e investigações no campo da mente e que decolou da plataforma da física e da matemática e não da filosofia. A unidade de consciência de estar consciente é um fato. É um fato demonstrável e a melhor maneira de demonstrá-lo é usar os processos que realizam isto e, então, descobrir que o indivíduo está melhor, tem melhor memória, está melhor orientado, mais capaz, mais ético, mais feliz, tem melhor comando do tempo, pode comunicar-se melhor, está mais disposto a ter amigos, é menos anti-social do que a pessoa comum, tem maior gosto pela vida e em fazer coisas. Tudo isso pode ser realizado por teste.

Em 1950 tivemos frequentes oportunidades de demonstrar a existência do engrama. Ele parecia ser altamente duvidoso entre as pessoas extremamente especializadas -- está dito em seus diplomas -- no campo da mente. Ser consumado no campo da mente e mesmo assim não saber nada sobre engramas ou fac-símiles, seria realmente uma situação muito idiota, pois a mente é composta de fac-símiles e engramas. Se se quiser examinar objetos ou produtos de energia, bem, naquela época (como agora) estávamos apenas interessados em resultados. O que podemos fazer com esta tecnologia? Se pudermos demonstrar, com esta tecnologia, que podemos melhorar as vidas, tolerâncias, capacidades dos que nos cercam, então por certo teremos feito alguma coisa. Não temos lugar para discussão filosófica sobre este material. É simplesmente um material exequível. Você não discute com as instruções para abrir uma lata fechada a vácuo. Se você não as obedecer, não a abrirá. Ora, não as obedecendo e ainda insistindo nisso, você amassa a lata e estraga seu conteúdo. A gente não se envolve

em dissertações filosóficas sobre as instruções para abrir uma lata. É evidente que são escritas por alguém que sabe como abrir latas e quaisquer horas gastas em se fazer esta pessoa demonstrar que realmente pode abrir latas seria uma perda de tempo. O que se tem a fazer é simplesmente ler as instruções, segui-las cuidadosamente e ver se a lata abre ou não. Embora pareça ser um exemplo muito comum para se aplicar àquela nobre criatura, o Homem, não obstante ele é a declaração mais franca que se poderia fazer sobre o status da Dianética e da Cientologia e seus usos e propósitos.

A Dianética tem como objetivo reparar e consertar esta coisa chamada pelo não iniciado de esta civilização, tirando seu destino das mãos dos loucos que pensam ser o organismo todo apenas uma máquina, pondo-o nas mãos das mesmas pessoas, só que desta vez com o ingrediente da sanidade acrescentado. Não há sequer a necessidade de tentar categorizar a Dianética ou dizer que ela se compara com a psicologia, matemática ou engenharia, ou qualquer outra atividade, porque é evidentemente superior a todas essas atividades e não tem de levar nenhuma delas em consideração para funcionar. Tudo que a Dianética precisa é de um auditor treinado, um pré-claro e um pouco de tempo para levar a cabo os seus processos. Se esses ingredientes: o auditor, o pré-claro e um pouco de tempo, não estivessem disponíveis, então não haveria propósito algum em se ter a Dianética, porque não haveria raça humana alguma.

O espírito com que estas conclusões são apresentadas é intensamente prático e agora que alguns imbecis que provavelmente não se dão bem com as esposas e odeiam cães, mas que chegaram à posição de serem capazes de poderem fazer dois átomos se chocarem, seja dando ordens ou por sua própria habilidade, e assim destruir um belo campo de jogo, a presença da Dianética neste mundo não é apenas uma praticabilidade, mas uma urgência.

CAPÍTULO IV

ÊNFASE NA CAPACIDADE

Praticamente qualquer pessoa percebe que pode ser melhor do que é, que pode fazer coisa melhor do que vem fazendo. Uma coisa totalmente diferente é pedir a alguém que perceba que está doente, aberrada ou é estúpido. Por que um homem pode compreender que pode ser mais capaz e muitas vezes não pode compreender que é incapaz? Segue-se, parece, que se um homem percebe que poderia ser mais capaz, então perceberia imediatamente que, até certo ponto, é menos capaz do que poderia ser. Mas não é assim. Com demasiada frequência somos confrontados com a sua insistência no brilhantismo de um homem muito parvo. Pode-se dizer, com alguma veracidade, que a pessoa que afirma não precisar saber mais para ser tão brilhante quanto seus pares, revelaria, sob exame, ser bastante deficiente em capacidade e compreensão.

A Terra tem tido muitos exemplos disso. Provavelmente a melhor maneira de se descrever um Fascista é como um homem muito estúpido que insiste num status quo intolerável para todos os outros, mas que se julga mais inteligente do que todos os outros. Mas mesmo um Fascista do tipo mais moderno -- o Fascista da Fissão -- seria o primeiro a admitir que ele e os outros poderiam ser fascistas muito melhores.

A razão básica disso é simples, quase que insensatamente simples. Podemos entender a compreensão e podemos ver que a compreensão pode aumentar. Estupidez, ignorância, doença, aberração, incapacidade são apenas um definhamento da compreensão e são, em si, menos compreensivas e, portanto, menos compreensíveis. A pessoa não comprehende que pode ficar pior e, portanto, não tem qualquer grande compreensão com as pessoas que lhe dizem que ficará pior. O moribundo acredita até o momento do seu último suspiro, não importa o que esteja dizendo ao seu médico e à sua família, que ele vai melhorar. Não tem compreensão daquele estado de não-compreensibilidade chamada morte. Pode-se compreender o compreensível. Não se pode compreender o incompreensível porque a definição de incompreensibilidade é não-compreensibilidade. Como disse, esta é uma situação quase insensatamente simples.

A vida em seu estado mais elevado é compreensão. A vida em seus estados mais baixos está num nível inferior de compreensão e onde a vida deixou de funcionar e chegou ao que se poderia chamar de incapacidade total, não há compreensão alguma.

Em Dianética e Cientologia temos muito a ver com este assunto chamado compreensão. A compreensão tem componentes muito específicos. Estes componentes são: Afinidade, Realidade e Comunicação.

Afinidade, Realidade e Comunicação formam um triângulo interdependente. Um breve exame revela facilmente que não se pode comunicar na ausência de Realidade e Afinidade. Além disso, não se pode ter Realidade com algo com o qual não se pode comunicar e pelo qual não se sente qualquer afinidade. De igual modo, não se tem afinidade com algo sobre o qual não se tem realidade e com o qual não se pode comunicar. Num sentido ainda mais rigoroso, não se tem afinidade com aquelas coisas sobre as quais não se tem realidade e com as quais não se pode comunicar, e não se tem realidade sobre coisas com as quais não se tem afinidade e sobre as quais não se pode comunicar, e não se pode comunicar sobre coisas com as quais não se tem realidade e pelas quais não se tem afinidade.

Um exemplo vívido disto seria a raiva. A pessoa fica com raiva e então o que diz não comunica com a pessoa com quem ela pode estar raivosa. Num modo mais simples, a maneira mais rápida de romper comunicação com uma máquina seria deixar de sentir qualquer afinidade por ela e recusar-se a ter qualquer realidade a respeito dela.

Damos a este triângulo o nome de Triângulo ARC. Seguem-se as definições precisas destes três componentes:

1. COMUNICAÇÃO é o intercâmbio de idéias ou partículas entre dois pontos. Mais precisamente, a definição de Comunicação é: Causa, Distância, Efeito com Intenção e Atenção e uma duplicação no ponto de Efeito do que emana da Causa.

2. REALIDADE é o grau de concordância alcançado pelos dois extremos de uma linha de comunicação. Em essência, é o grau de duplicação alcançado entre Causa e Efeito. Aquilo que é real é real simplesmente porque se concorda a respeito e por nenhuma outra razão.

3. AFINIDADE é a distância e a similaridade relativas dos dois extremos de uma linha de comunicação. A Afinidade contém uma conotação de massa. A palavra em si subentende que a maior afinidade que poderia existir seria a ocupação do mesmo espaço e isto foi demonstrado pela experiência. Onde as coisas não ocupam o mesmo espaço, sua afinidade é delineada pela distância relativa e pelo grau de duplicação.

Pode-se demonstrar que esses três componentes, Afinidade, Realidade e Comunicação se equacionam na Compreensão. Acima da Compreensão está a Cognoscibilidade sem fórmula ou propósito, e poder-se-ia considerar que esta é uma atividade unitária. Descendo da Cognoscibilidade completa chegariam ao âmbito da Compreensão, pois esta é uma manifestação de Terceira Dinâmica própria de dois ou mais indivíduos. Se fosse um hábil matemático, você poderia descobrir pela Lógica Simbólica como todas as fórmulas matemáticas poderiam derivar-se deste princípio de que a Compreensão é composta de Afi-

nidade, Realidade e Comunicação. Nenhuma matemática que esteja fora deste triângulo é uma matemática válida para o homem. Não existe fator adicional na Compreensão exceto a Significação, mas esta, naturalmente, é a idéia ou consideração mencionada na Fórmula No. 1 da Comunicação. É um truismo que se pudéssemos compreender toda a Vida, então, toleraríamos toda Vida. Além disso, e mais pertinente à capacidade, se pudéssemos ocupar a posição de qualquer parte da Vida, poderíamos sentir uma afinidade suficiente pela Vida para sermos capazes de unirmo-nos a ela ou separarmo-nos dela à vontade.

Quando dizemos "Vida", todos sabemos mais ou menos do que estamos falando, mas quando usamos esta palavra "Vida", praticamente devemos examinar as finalidades e o comportamento e, em particular, as fórmulas desenvolvidas pela Vida para ter o jogo chamado "Vida".

Quando dizemos "Vida" referimo-nos à Compreensão e, quando dizemos "Compreensão", queremos dizer Afinidade, Realidade e Comunicação. Compreender tudo seria viver no mais alto nível de ação e capacidade potenciais. A qualidade da Vida existe na presença de Compreensão -- portanto, na presença de Afinidade, Realidade e Comunicação. A Vida existiria num grau muito menor ativo nos níveis de incompreensão, incompreensibilidade, doença psicossomática e incapacidade físicas e mentais. Como a Vida é Compreensão, ela poderia compreender. Quando ela se volta e confronta o incompreensível, sente-se frustrada e desconcertada. Sente que há um segredo e que o segredo é uma ameaça à existência.

Um segredo é inimigo da Vida e portanto, a Vida, na busca das coisas que pareceriam reduzi-la, encontrará vários segredos que deve descobrir. O segredo básico é que um segredo é uma ausência de Vida e um segredo total seria uma não-vivência total.

Examinemos agora esta fórmula de Comunicação para descobrir que temos de ter uma duplicação no ponto de Efeito do que emana da Causa. O exemplo clássico aqui é um telegrama enviado da Cidade de Nova York para São Francisco dizendo "Eu te amo". Quando chega a São Francisco, a maquinaria da comunicação entregou-o de modo que ele diz "Eu te detesto". Esta falha de duplicação é encarada como um erro e causaria problemas e dificuldades consideráveis. Portanto, não poderia ser considerada uma comunicação muito boa. Não há nada de errado na intenção básica. Não houve nada de errado na Atenção que seria dada ao telegrama em São Francisco. O único erro foi uma falha em duplicar no ponto de Efeito o que emanou da Causa.

Ora, se a Vida é Compreensão, teria extrema dificuldade em comunicar-se com algo que não fosse Compreensão. Por outras palavras, a Vida, confrontada com uma coisa de não-compreensão, sentir-se-ia frustrada, pois a Vida, sendo Compreensão, não poderia tornar-se não-compreensão sem assumir o papel de ser incompreensí-

vel. Assim é que quem busca segredos cai na armadilha de ser ele próprio um segredo.

Onde se tem um ponto de efeito que é uma coisa incompreensível e onde se está ocupando um ponto de causa, para se transmitir uma comunicação até o ponto de efeito, seria necessário que quem estivesse no ponto de causa reduzisse de um modo ou de outro sua comprehensibilidade para incompreensibilidade. O vendedor conhece este truque muito bem. Olha para seu cliente, reconhece que seu cliente está interessado em golfe, e finge estar interessado em golfe também, para fazer com que seu cliente ouça sua conversa de vendedor. O vendedor estabelece pontos de concordância e duplificação em potencial, passando em seguida para a comunicação. Assim, os que buscam a verdade, muitas vezes têm entrado apenas em labirintos de inverdades -- segredos -- e eles próprios se tornaram incompreensíveis, com conclusões de incompreensibilidade. Assim, temos o estado de condição de ser dos compêndios filosóficos da Terra. Um exemplo maravilhoso disto é Immanuel Kant, o Grande Chinês de Königsburg, cuja total inversão de opinião entre seu primeiro e segundo livros frustra toda a nossa comprehensão, como aconteceu com a comprehensão dos estudantes de filosofia de fins do século XVIII. Mas o próprio fato de ser incompreensível fê-lo perdurar, pois a Vida sente-se desafiada por esta coisa que, pretendendo ser comprehensão, é, ainda assim, uma incompreensibilidade. Esta é a sepultura para onde tantos filósofos vão. É o caixão dentro do qual o matemático que procura os segredos do universo pela matemática eventualmente se deixam pregar. Mas não há razão porque todos deveriam sofrer, simplesmente por olharem para uns poucos segredos. O teste aqui é saber se um indivíduo possui ou não o poder de Ser por seu próprio determinismo. Se uma pessoa pode determinar-se a ser incompreensível à vontade, naturalmente pode determinar-se a ser comprehensível novamente. Mas se está obsessivamente, e sem comprehensão, sendo determinada para a incompreensibilidade, então é evidente que está perdida. Assim, descobrimos que a única armadilha na qual a Vida poderia cair é fazer coisas sem saber que as está fazendo. Deste modo, passamos a uma outra delinearção do segredo e descobrimos que o segredo, ou qualquer segredo, só poderia existir quando a Vida determinou confrontá-lo, sem saber e sem compreender que ela assim determinara tal ação. Portanto, o segredo da melhor qualidade seria algo que fizesse a Vida também tender a esquecer que estava olhando para um segredo.

Sempre podemos compreender que nossa capacidade pode aumentar porque, na direção de um aumento de capacidade, há maior comprehensão. A capacidade depende inteiramente de maior e melhor comprehensão daquele campo ou área em que a pessoa se interessa em

ser mais capaz. Quando a pessoa tenta compreender a capacidade, está naturalmente olhando para menos comprehensibilidade, menos compreensão e, portanto, não comprehende a redução da capacidade tanto quanto comprehende o aumento de capacidade. Na ausência de comprehensão da capacidade, adquirimos um medo de perda de capacidade que é sim-plesmente o medo de um desconhecido, ou de uma coisa julgada-ser-in-cognoscível, pois há menos cognoscibilidade e menos comprehensão em menos capacidade.

Como a Vida não quer confrontar coisas que são menos parecidas com Vida, tem-se a tendência de resistir e evitar confrontar o menos comprehensível. É somente esta resistência que ocasiona a espiral descendente, a descida para menos capacidade. A Vida não deve seja esta descida para menos capacidade, a menos que a Vida tenha conhecimento dos princípios envolvidos. A própria vida existe nesta menos-capacidade. Há uma regra básica em ação aqui: a pessoa torna-se o que teme. Quando alguém se recusa a duplicar algo, mas permanece no seu ambiente, sua própria resistência à coisa que recusa a duplicar eventualmente fará com que se torne possuído de tantas imagens de energia daquela coisa que se recusa a duplicar, que ele, para ter qualquer massa que seja, ver-se-á na posse daquelas imagens de energia, e sem realmente perceber quando isso aconteceu, pode muito bem aceitar, em seu nível, aquelas coisas que antes recusou-se a duplicar. Chegamos assim ao enigma do engrama, do fac-símile, se compreendermos, ao mesmo tempo, que a Vida não julga, necessariamente, ruim ter massas de energia em seu ambiente e, aliás, é infeliz a menos que tenha alguma energia. Pois se não há energia, então, não há jogo. A vida tem um lema: qualquer jogo é melhor do que nenhum jogo. E tem outro lema: ter condição de ter é melhor do que não ter condição de ter. Vemos, assim, indivíduos agarrando-se aos mais complexos e destrutivos fac-símiles imagináveis. Não querem, necessariamente, essas complexidades, mas querem a energia ou o jogo que estas complexidades parecem oferecer-lhes.

Portanto, para fazer alguém ficar bom, você deve concentrar-se num aumento de capacidade, num aumento de comprehensão. A única razão de acontecerem coisas ruins com a Vida é porque a comprehensão introduziu mais Vida nelas. Quando uma pessoa confronta algum segredo, o fato de o estar confrontando e injetando vida nele apenas faz com que o segredo seja ativado e tenha força em ação. A única maneira como uma situação ruim na existência pode continuar tendo vida é tirando vida de fontes de comunicação próximas. Logo, as coisas ruins da vida têm vida somente na medida em que comprehensão é investida nelas. Temos um exemplo na poliomielite que em determinada época era uma doença insignificante e pouco conhecida. Através de várias publicações, por grande volume de publicidade, por muitos

convites para combater essa doença, ela tornou-se proeminente e manifestou-se nesta sociedade. A única vida que a poliomielite realmente tem é a quantidade de vida que pode ser investida nela. Mas acredita-se que a poliomielite existiria e continuaria em seu caminho se fosse ignorada. Se fôssemos ignorar a poliomielite agora que se sabe a seu respeito, sim, este seria o caso. Aliás, continuaria existindo muito embora todos a ignorassem meticulosamente. Contudo, se fosse completamente compreendida, e se houvesse uma capacidade por parte das pessoas com a qual pudessem confrontá-la sem ter de lhe oferecer resistência, então a questão estaria resolvida.

Fica-se a imaginar por que todas as enfermeiras e todos os médicos nos pavilhões de moléstias contagiosas não pegam imediatamente a doença e temos aqui outro fator que é o mesmo fator que a compreensão, mas enunciado de maneira diferente. As pessoas não adquirem obsessivamente ~~as coisas~~ que não temem. Um indivíduo tem de resistir a algo, de ter medo de algo, tem de temer as consequências de algo antes que este tenha qualquer efeito obsessivo sobre ele. A qualquer momento poderia ter uma duplicação auto-determinada deste, mas esta, não sendo obsessiva, não sendo contra a sua vontade, não causaria qualquer sintoma ruim além do período de tempo que ele lhe determinou.

Parte da compreensão e capacidade é o controle. Naturalmente, não é necessário controlar todas as coisas por toda parte se a pessoa as comprehende. Entretanto, numa compreensão menor das coisas, e naturalmente no espírito de se ter um jogo, o controle se torna um fator necessário. A anatomia do controle é Começar, Parar e Mudar, e isto é tão importante quanto a própria Compreensão e quanto o triângulo que compõe a Compreensão: Afinação, Realidade e Comunicação.

Os médicos e enfermeiras num pavilhão de doenças contagiosas têm um certo grau de controle das doenças que vêm diante de si. Somente quando começam a reconhecer sua incapacidade de manipular essas doenças ou esses pacientes, eles próprios sucumbem a elas. Porém, o fato de que nos últimos séculos temos sido bem sucedidos em manejar as doenças contagiosas, os médicos e enfermeiras podem andar impunemente pelos pavilhões de doenças contagiosas.

Assim, os que combatem a doença, tendo uma certa dose de controle sobre a mesma, deixam de temê-la e, assim, ela não os pode afetar. Naturalmente, haveria um nível de compreensão corporal disto que poderia ainda refletir o medo, mas a mesma declaração ainda seria válida. As pessoas que são capazes de controlar alguma coisa não precisam temê-la e não sofrem efeitos adversos dela. As pessoas que não podem controlar coisas podem receber seus maus efeitos.

Temos aqui um exemplo do que poderia acontecer no âmbito das doenças. E sobre a aberração humana? Descobrimos que os sанatórios do mundo são, com demasiada freqüência, habitados, além dos pacientes, pelas pessoas que antes trabalhavam nesses instituições. É chocante descobrir no Pavilhão Nove a enfermeira que antes supervisionava um hospital de alienados. Temos aqui uma condição em que não houve controle ou compreensão. As pessoas não compreendem a doença mental, a aberração, a insanidade, a neurose. O primeiro esforço real neste sentido que reduziu a contagem foi a Análise Freudiana, mas esta, exigindo tempo demais, não era uma arma eficaz. Portanto, esses médicos e enfermeiras nas instituições onde eles próprios são pacientes, sabiam claramente que não tinham qualquer controle real sobre a insanidade. Assim, não tendo controle sobre ela, tornavam-se sujeitos a ela. Não podiam começar, parar e mudar a insanidade. O desvario desse estado é representado pela tortura medieval que tem sido utilizada nessas instituições à guisa de "curas". Para as pessoas nessas instituições, "curados" significava apenas "mais quietos". O curso natural da existência os levaria a pensar em termos de eutanasia, e assim foi -- que seria melhor matar o paciente do que deixar que sua insanidade continuasse. E eles têm até mesmo realizado isto à taxa de dois mil pacientes alienados mortos por ano nas máquinas de choque elétrico. E têm realizado isto com uma altíssima taxa de mortos em operações cirúrgicas do cérebro. A única eficiência do choque elétrico e das operações no cérebro é tornar o paciente menos vivo e mais morto e o produto final da morte, que vemos tantas vezes, seria a única maneira de deter a insanidade. Naturalmente, essas pessoas não podiam imaginar o fato de que imortalidade e insanidade nas gerações futuras surgiriam como um problema. Tinham de conhecer que se matassem o paciente, ou se simplesmente o fizessem ficar muito mais quieto, haviam triunfado até certo ponto. Pelo fato de que o Homem, são ou insano, não deve ser destruído, de acordo com a lei, vai contra esta "solução".

Com a Dianética, para usar o estudo num campo de aplicação relativamente limitado, assumimos um certo controle sobre a insanidade, a neurose e a aberração e realmente podemos começar, parar e mudar a aberração. No primeiro livro, "Dianética: A Ciéncia Moderna da Saúde Mental", apresentou-se técnicas que poriam à vista, e então venceriam, praticamente qualquer manifestação mental conhecida no campo da insanidade e da aberração. Nos casos em que um auditor era incapaz de fazer qualquer coisa pelo insano ou pelo neurótico, a falha (se houvesse falha) em geral estava no fato de que o auditor na realidade estava com medo. Seu medo originava-se inteiramente da sua insegurança em começar, parar e mudar a condição.

Na instrução moderna dada no Hubbard Professional College, pouca ou nenhuma ênfase é empregada ao caso do estudante, mas quando este se forma, verifica-se que está num tom muito elevado. Concentra-se totalmente em dar ao estudante a capacidade de lidar com todo e qualquer tipo de caso e ele se torna seguro o bastante em sua capacidade -- se ele se formar -- de andar sem qualquer medo e com considerável calma pelas áreas de psicose, neurose e doença física. Recebeu as tecnologias pelas quais esses maus comportamentos da Vida podem ser controlados. Pelo fato de poder começá-los, pará-los e mudá-los, não mais precisa temê-los e pode trabalhar incólume em meio aos insanos se esta for a sua missão.

Acontece que o manejo de psicose, neurose e doença psicosomática não é a missão do auditor. Aliás, estas coisas sanam apenas se forem mais ou menos ignoradas. Enquanto se der ênfase à capacidade, qualquer mau funcionamento eventualmente desaparecerá. A missão do auditor é no sentido da capacidade. Se aumenta a capacidade geral do préclaro em todos e quaisquer campos, então, é natural que qualquer má capacidade, como as representadas pela psicose, neurose e doença psicosomática desaparecerá. Entretanto, o auditor não está sequer dissimuladamente interessado nessas manifestações. Vê ao seu redor um mundo que poderia ser muito mais capaz. Sua obrigação é torná-lo mais capaz. Embora as profissões em geral não reconheçam que há qualquer coisa errada com suas capacidades, elas podem reconhecer que suas capacidades podem melhorar. Um auditor bem treinado que trabalhava com processing de grupo na Força Aérea dos Estados Unidos pôde triplicar o número de pilotos que se formaram com êxito numa cola e pôde reduzir em três quartos a taxa de acidentes com aviões de alta velocidade. Esta não é uma afirmação insensata. É apenas uma aplicação dos dados de pesquisas já disponíveis. A missão é capacidade maior, não uma erradicação da incapacidade.

Pode-se dizer que apenas dar maior compreensão aos que o cercam é missão suficiente para um auditor bem treinado, pois ao assim proceder, por certo aumentaria a capacidade dessas pessoas. Ao aumentar essa capacidade, seria capaz de aumentar a Vida delas. O denominador comum de toda neurose, psicose, aberraçao e doença psicosomática é "não pode funcionar". Qualquer nação que tenha elevada incidência destas terá reduzida a sua produção e terá reduzida a sua longevidade.

E o que faz ele sobre "estar muito mal?" Bem, se a pessoa depende por muito tempo de outros para que façam alguma coisa a respeito, ou se depende de força, ela fracassará. Deste ponto de vista, a única pessoa que pode pôr mais Vida, mais Compreensão, mais Tolerância e mais Capacidade no ambiente é ela própria, apenas existindo num estado de maior Compreensão. Sem mesmo ser atuante no

campo do auditing, apenas sendo mais capaz, um indivíduo pode resolver muitos dos problemas e dificuldades dos que o cercam.

A ênfase é na capacidade.

* Entre os incapazes está o criminoso, que é incapaz de pensar sobre o seu semelhante, incapaz de determinar suas próprias ações, é incapaz de obedecer ordens, incapaz de fazer coisas crescerem, é incapaz de determinar a diferença entre o bem e o mal, é incapaz totalmente de pensar no futuro. Qualquer pessoa tem algumas destas, o criminoso tem todas elas. LRH

CAPÍTULO V

O CÓDIGO DO AUDITOR

Existem vários códigos em Cientologia e em Dianética. O único que tem de ser obedecido se quisermos obter resultados num préclaro é o Código do Auditor de 1954. No primeiro livro, "Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental", tínhamos um Código do Auditor oriundo mais ou menos de um ideal do que de experiência prática. Nos anos que se seguiram, muito auditing foi feito e grande número de erros foi cometido pelos auditores. E quando tomamos o denominador comum do que fez com que os préclaros progredissem pouco ou tivessem progresso negativo, descobrimos que estas coisas podiam ser codificadas de modo a informar ao auditor que deseja obter resultados, sobre o que evitar em seu processing.

Quando um psicanalista ou um psicólogo usa a Dianética, está muito sujeito a operar em seu próprio sistema de conduta. É a conduta do profissional quase tanto quanto os processos que fazem a Dianética funcionar. Na psicanálise, por exemplo, descobrimos que a falha básica do trabalho de Freud na prática, e tal como usado pelos analistas, fracassava principalmente devido a duas coisas feitas pelo analista no consultório. Independente do valor da teoria da libido de Freud, a eficiência era reduzida pela avaliação que o analista fazia pelo paciente. Este não tem permissão de resolver seu próprio problema, ou chegar às suas próprias conclusões. Recebe interpretações prontas. Na psicologia não há código operacional, pois a psicologia clínica não é muito praticada e, aliás, é proibida em muitos estados. Embora a psiquiatria possa ter um modus operandi, nemhum dos versados neste manejo do insano -- a função da psiquiatria -- lhe daria o nome de código destinado a induzir um melhor estado de ser num paciente.

Na educação, que é em si uma terapia, descobrimos uma ausência quase total de conduta codificada além da estabelecida pelas juntas escolares para regular a atitude social dos educadores e restringir possível crueldade nestes. Embora a educação seja bastante difundida e seja, aliás, a prática melhor aceita por esta sociedade para o melhoramento dos indivíduos, carece de qualquer método rigorosamente acordado ou codificação de conduta para a transmissão de dados ao estudante. O costume tem ditado uma certa polidez por parte do professor ou mestre. Em geral se acredita ser necessário examinar com rigor e meticulosidade. Os estudantes não devem cochichar ou mascar chiclete, mas a educação em geral não tem nenhum código destinado a facilitar o fluxo de dados da cátedra ao banco do estudante. Ao contrário, grande número de estudantes declararia que qualquer código existente se destina a deter qualquer fluxo que seja.

A Dianética está numa posição porque é ela própria e, embora as pessoas possam procurar classificá-la como terapia mental, está mais próxima do nível da educação no que diz respeito à própria sociedade. Sua meta é o melhoramento da mente numa base auto-determinada e seu uso é destinado aos indivíduos e grupos. Como é um acúmulo de dados que aparentemente são fatores concordados dos quais a existência é elaborada, e embora a simples leitura desses dados muitas vezes libere um indivíduo, também é disseminada numa base individual e de grupo, diretamente a indivíduos e grupos, sendo uma forma de auto-reconhecimento.

Para você se deslocar bem em qualquer auto-estrada seria bom se obedecesse aos sinais. Neste Código do Auditor de 1954 temos vários postes indicadores, e se suas instruções forem obedecidas, obter-se-á os melhores resultados. Se não forem obedecidas, corre-se o risco de ver o pré-claro enguiçado e necessitando de um reboque na forma de um auditor melhor. Além do comando nos pró-prior processos, a diferença entre o Auditor de Livro e o Auditor Profissional está na observância deste código. Muito tempo é investido no auditor no Hubbard Professional College para demonstrar-lhe os efeitos da desobediência deste código e da obediência ao mesmo, e em levá-lo a praticá-lo meticulosamente. Esta supervisão no H.P.C. é relativamente simples. Olha-se uma classe e encontra-se alguém que não está em boa forma. Descobre-se quem o auditou e então se sabe o que o Auditor não está cumprindo do Código do Auditor. O estudante infrator é separado e é novamente instruído. Um auditor formado tem de conhecer este código de cor e, mais importante, tem de ser capaz de praticá-lo com a mesma facilidade inconsciente com que um aviador pilota um avião.

O CÓDIGO DO AUDITOR DE 1954

1. Não avalie pelo pré-claro.
2. Não invalide ou corrija os dados do pré-claro.
3. Use os processos que melhoram o caso do pré-claro.
4. Mantenha todos os compromissos, uma vez assumidos.
5. Não dê processing a um pré-claro após as 22 horas.
6. Não dê processing a um pré-claro mal alimentado.
7. Não permita uma mudança freqüente de auditores.
8. Não se comisere com o pré-claro.
9. Não permita que o pré-claro encerre a sessão independentemente por sua própria decisão.
10. Jamais abandone um pré-claro durante uma sessão.
11. Jamais se irritie com um pré-claro.
12. Sempre reduza o intervalo de comunicação pelo uso continuado da mesma pergunta ou processo.
13. Sempre continue um processo enquanto produzir mudança e não mais.

14. Esteja disposto a conceder condição de ser ao pré-claro.
15. Nunca misture os processos de Dianética com os de várias outras práticas.
16. Mantenha comunicação nos dois sentidos com o pré-claro.

Este é realmente O Código do Auditor de 1954, Alterado, porque tem uma cláusula adicional à divulgação original deste código -- o número 16: Mantenha comunicação nos dois sentidos com o pré-claro.

Se alguém separasse essas várias disposições, descobriria que todas elas são muito importantes, mas que três delas estão mais vitalmente relacionadas com o processing do que as outras e que essas três, se ignoradas, resultariam sempre, e inevitavelmente, em fracasso do caso. Essas três são a diferença entre um bom auditor e um mau auditor. São os números 12, 13 e 16.

Na 12, descobrimos que o auditor deve reduzir todo intervalo de comunicação encontrado pelo uso continuado da mesma pergunta ou processo. Quase todo fracasso de caso contém um pouco disto. A diferença entre um Auditor Profissional e um Auditor de Livro é muito visível nesta e nas outras duas disposições mencionadas. Um bom auditor entenderia o que é um intervalo de comunicação -- o espaço de tempo entre a pergunta feita e o recebimento de uma resposta direta àquela pergunta, independente do que ocorre no intervalo -- e ele teria muito cuidado em usar somente num pré-claro aqueles processos aos quais o pré-claro poderia responder razoavelmente, e estaria bem certo em não se afastar de um intervalo de comunicação no qual a sessão tivesse entrado. Um mau auditor acreditaria, ao se defrontar com um intervalo de comunicação, que simplesmente encontrou um beco sem saída, e passaria apressadamente para outra pergunta.

No número 13: "Sempre continue um processo enquanto produzir mudança e não mais", encontramos a maior fragilidade por parte dos auditores. Um auditor que não esteja em boas condições ou que não seja bem treinado, fará "P & R" com o pré-claro. Quando o pré-claro começa a mudar, o auditor mudará o processo (por "P & R" queremos dizer que a resposta à pergunta é a pergunta e indicamos uma duplicação). Temos aqui um auditor possivelmente tanto sob o comando do pré-claro, e não o inverso, que o auditor simplesmente duplica obsessivamente o que o pré-claro está fazendo. O pré-claro começa a mudar e portanto o auditor muda. Um processo deve ser trabalhado enquanto produzir mudança. Se o pré-claro está mudando, é o que o auditor quer. Se o auditor parasse e mudasse para algum outro processo só porque o pré-claro apresentou alguma mudança, descobrimos alguns pré-claros muito doentes. Além disso, um auditor está sujeito a continuar um processo durante muito tempo depois que cessou de produzir mudança. Ele e o pré-claro entram nu-

ma espécie de maratona, uma corrida de obstáculos motivada por máquina, no Procedimento de Abertura por Duplicação, que provavelmente, após dez horas, não produziu outras alterações no pré-claro. Mas esse par poderia continuar até cinqüenta horas com o processo e ficaria muito desapontado ao descobrir que por quarenta horas nada acontecera. Isto, porém, é muito menos prejudicial como ação do que apenas mudar um processo simplesmente porque está produzindo mudança.

A manutenção de uma comunicação nos dois sentidos é a mais melindrosa atividade em auditing. Um auditor que está sendo um auditor e concentrando-se no controle do pré-claro, com demasia-
da frequência esquece-se de ouvir quando o pré-claro fala. Muitos auditores estão tão atentos ao processo que quando este produz uma mudança que o pré-claro julga que deveria informá-lo, o auditor o ignora. Ignorar um pré-claro no momento em que este deseja transmi-
tir alguma informação vital, em geral manda o pré-claro direto para apatia. Ao mesmo tempo, um auditor não deve permitir que o pré-cla-
ro continue falando sem parar, como no caso de uma senhora que dis-
se ter falado para o auditor durante três dias e três noites. O valor terapêutico disto foi zero, pois o auditor estava ouvindo uma máquina, não o pré-claro. Deve-se compreender muitometiculosamente a diferença entre uma linha de comunicação obsessiva, ou compulsive, e uma comunicação real. Ouvir circuitos naturalmente valida os circuitos. O auditor deve dar atenção ao racional, ao usual, ao concordado, e deve deixar de lado as manifestações bizarras, extravagantes, compulsivas e obsessivas do pré-claro. A manuten-
ção de comunicação nos dois sentidos é na realidade um processo em si, é o primeiro e mais básico processo da Dianética e prossegue por todos os processos restantes.

Simplesmente porque localizamos com precisão três destes não é motivo para ignorar os outros. Toda vez que tem havido um "surto psicótico" em virtude de auditing ou durante este, ocorreu quando o pré-claro estava inadequadamente alimentado, quando o pré-claro tem tido uma mudança freqüente de auditores, e quando a comunicação nos dois sentidos não tem sido mantida. O esforço por parte do pré-claro para transmitir uma mudança vital ao auditor foi ignorado. Todos esses "surtos psicóticos" foram reparados, mas como esses fatores estavam presentes, o conserto foi muito difícil. Audite-os cedo, audite-os com inteligência, ouça o que têm a dizer sobre o que está acontecendo, assegure-se de que estão se alimen-
tando regularmente, e só mude o auditor do pré-claro o mais rara-
mente possível, e não ocorrerá nenhum surto psicótico.

Se você está investigando a Dianética simplesmente para descobrir se é viável ou não, deve estar ciente do fato de que o Código do Auditor, seu cumprimento, é uma função essencial da Dia-

nética. A Dianética funciona muito mal na ausência do Código do Auditor. É parte do processo, não apenas um modo educado de lidar com pessoas. Assim, se a Dianética é testada na ausência do Código do Auditor, não pense que ela tenha sido realmente testada.

Pode-se acrescentar outra frase a este código, mas ela seria mais pertinente ao viver do que ao auditing. Esta frase seria: "Mantenha silêncio junto de pessoas inconscientes ou semi-conscientes". A razão para isto está contida em "Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental" e em Dianética Preventiva. Tais comentários tornam-se "engrânicos". Entretanto, a adição desta ao Código do Auditor não é prática, pois um auditor muitas vezes se vê falando com um pré-claro "tonto". Como um auditor está reduzindo todo intervalo de comunicação que encontra mediante uma repetição da pergunta, a formulação de uma pergunta ou dar um comando a um pré-claro semi-consciente torna-se, assim, relativamente não-aberrativa, pois mais cedo ou mais tarde a pergunta embutida na inconsciência se soltará e o intervalo de comunicação não aplinará até que isso o - corra. Assim, a simples redução do intervalo de comunicação em si irradica tais frases. Então, esta não é parte do Código do Auditor. Todavia, quando há contra-inconsciência ou semi-consciência, como em momentos imediatamente após o ferimento de uma criança, um acidente de rua, uma cirurgia, mantemos silêncio quando não estamos auditando a pessoa. Mâes e pais se poupariam de muita inquietação mental mais tarde, por parte de uma criança, se soubessem e obedecessem esta regra, e de muitas outras maneiras ela é muito importante. Um homem pode ser morto por excesso de conversa perto dele enquanto está ferido. Por mais inconsciente que pareça estar, alguma coisa está sempre registrando. O interrogatório da polícia no local de um acidente, onde a pessoa que está sendo interrogada está em estado de choque, ou onde outras vítimas do acidente estão presentes, talvez seja a conduta mais aberrativa nesta sociedade. De qualquer modo, o interrogatório da polícia é muito restimulativo, e muitas complicações sérias após os acidentes remontam imediatamente a esta atividade por parte da polícia. Pode ser muito importante para algum escrivão de polícia, em algum lugar, saber exatamente o que causou isto. É muito importante que as pessoas envolvidas neles vivam e sejam felizes depois. Não é que não gostemos da polícia. Não é este o caso. Apenas acreditamos que a polícia também deveria ser civilizada.

A simples decoração deste código não basta. É indicado decorá-lo para praticá-lo, mas a prática deste código é que é importante. A sua observância é a marca de um bom auditor e indica a recuperação do caso.

Se um auditor quiser aumentar a capacidade do pré-claro,

sua capacidade no campo do auditing deve ser considerável. Essa capacidade começa com a compreensão e observância do Código do Auditor de 1954, Alterado.

CAPÍTULO VI

NA ARMADILHA

Na Grécia, em Roma, na Inglaterra, na América Colonial, na França e em Washington, fala-se muito sobre Liberdade. Aparentemente, Liberdade é encarada como a meta de uma nação ou de um povo. De igual modo, se estamos restituindo a capacidade ao préclaro, temos de restituir-lhe a Liberdade. Se não restituímos a Liberdade, não podemos restituir a capacidade. O profissional de luta livre de músculos retesados, o motorista tenso, o piloto de jato com tempo de reação congelado não são capazes. Sua capacidade está num aumento de Liberdade, numa liberação de tensão, e numa comunicação melhor com seu ambiente.

O principal problema com a Liberdade é não ter uma anatomia. Algo que é livre é livre. Não é livre com fios, caminhos, desvios ou represas, é simplesmente livre. Existe algo mais a respeito da Liberdade que é intensamente interessante, ela não pode ser apagada. Em "Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental" aprendemos que os momentos de prazer não são apagáveis. A única coisa que era apagável era dor, desconforto, distorção, tensão, agonia, inconsciência. No linguajar cientológico mais moderno, a Liberdade não pode ser "asedied" (vista exatamente como é), é algo que é imperecível. Você pode ser capaz de concentrar a atenção de algo em algo que não seja livre e, assim, levá-lo a um estado de crença de que a Liberdade não existe, mas isto não significa ter apagado a liberdade do indivíduo. Você não a apagou. Toda a liberdade que ele jamais teve ainda está lá. Além disso, Liberdade não tem quantidade e, por definição, não tem localização no espaço ou no tempo. Assim, vemos a unidade da consciência de estar consciente como a coisa potencialmente mais livre que possa existir. Assim, o homem concentra-se na Liberdade.

Mas se Liberdade não tem anatomia, então queira explicar como se pode alcançar algo que não pode ser totalmente explicado. Se alguém fala sobre um "caminho para a Liberdade", está falando sobre uma linha linear. Esta, portanto, deve ter limites. Se há limites, não há liberdade. Isto traz à mente a proposição interessante de que, teoricamente, o melhor de todos os processos seria fazer uma pessoa admitir que é livre e então pedir-lhe simplesmente admitir ser livre outra vez. Aliás, em muitos casos do tipo de tom alto este é um processo bastante viável. Uma pessoa está doente, em geral tem um tom bom, o auditor simplesmente lhe pede que admita ser livre e ela deixará de estar doente. Esta mágica, porém, limita-se àquelas pessoas que têm algum conceito do que significa "livre". Fale a uma pessoa que trabalha das oito às 17 horas, sem metas e sem futuro, sem crença na organização e nas metas desta, que está sendo obrigada pelas prestações, aluguel e outras barreiras do tipo econômico, a investir todo o seu salário tão logo o recebe, e temos um in-

divíduo que perdeu a noção de Liberdade. Sua concentração está tão completamente fixada em barreiras que Liberdade tem de ser em termos de menos barreiras. Assim, em processing, temos de auditar no sentido de cada vez menos barreiras para alcançar a Liberdade.

Se Liberdade é tão premente, e é tão útil, e é em si uma espécie de sinônimo de capacidade -- mesmo que não totalmente -- então nossa tarefa é compreender um pouco mais sobre Liberdade como ela própria para alcançarmos sua consecução, pois infelizmente, para o grosso da humanidade, não basta apenas dizer "seja livre" e fazer uma pessoa recuperar-se.

A Vida está sujeita a uma estupidez em muitos casos em que ignora um desastre até que tenha ocorrido. O fazendeiro do centro-oeste tem uma expressão para isto: "Pôr a tranca na porta depois da casa arrombada". É preciso um desastre para educar as pessoas sobre a existência de tal desastre. É a educação pela dor, pelo impacto, pela punição. Portanto, uma população que esteja confrontada com um desastre único que eliminará a esfera não terá a oportunidade de aprender muita coisa sobre a esfera antes que seja eliminada. Assim, se ela insistisse em aprender por experiência para evitar tal desastre, jamais teria essa oportunidade. Se nenhuma bomba atômica de qualquer tipo tivesse sido lançada durante a Segunda Guerra Mundial é provável que não houvesse a menor preocupação com a fissão atômica, embora a fissão atômica pudesse ter-se desenvolvido até o tipo arrase-planeta, sem jamais ser usada contra o Homem, e portanto a arrase-planeta ser usada na Terra, destruindo-a.

Se uma pessoa não soubesse o que é um tigre e quiséssemos demonstrar-lhe que não havia tigres presentes, teríamos muita dificuldade em fazê-lo. Temos aqui uma liberdade de tigres, sem saber nada a respeito de tigres. Antes que pudesse compreender uma ausência de tigres, teria de compreender a presença de tigres. Este é o processo de aprendizado conhecido como "por experiência".

Para saber alguma coisa, se quisermos usar métodos educacionais, é necessário saber também seu oposto. O oposto de tigres provavelmente existe nas selvas da Malásia onde os tigres são tão freqüentes que a ausência de tigres seria realmente uma novidade. Um país que fosse totalmente super-povoado de tigres talvez não compreendesse a idéia de que não havia tigres. Em algumas partes do mundo haveria muita discussão com a população de uma área super-povoada de tigres para lhe dar uma idéia do que seria uma ausência de tigres. Muitos casos em processing perderam de repente um sómático para se desobrirem num estado novo e desconhecido. Este sómático era tão rotineiro, tão constante e tão penetrante que eles não podiam compreender intelectualmente como seria a vida sem aquele sómático específico.

Logo, a compreensão de Liberdade é ligeiramente complexa se as pessoas que não a têm não forem capazes de compreendê-la e assim, temos um indivíduo que nada sabe sobre exteriorização e sabe tudo sobre estar em contato constante com as sensações de um corpo que não consegue entender a idéia da liberdade resultante da exteriorização. Essas pessoas sequer acreditam que a exteriorização possa existir e, assim, a combatem. São tão pouco experientes no assunto da Liberdade que este tipo de liberdade lhes "é conhecido como inexistente".

A maneira de demonstrar a existência de Liberdade é convidar a pessoa a experimentar a Liberdade, mas se ela não sabe o que seja Liberdade, então não se exteriorizará. Temos de chegar a algum tipo de escala gradativa sobre o assunto ou fazê-la dar a volta e confrontar diretamente com o oposto de Liberdade.

Mas o oposto de Liberdade é escravidão e todo mundo sabe disso -- será mesmo? Não creio que essas duas coisas sejam uma dicotomia. A Liberdade não é o positivo de uma condição em que a escravidão seja o negativo, a menos que estejamos lidando inteiramente com o organismo político. Quando estamos lidando com o indivíduo é necessária uma terminologia melhor e se requer mais compreensão da anatomia^{da}/Liberdade-Negativa.

Liberdade-Negativa é um aprisionamento. A Liberdade é a ausência de barreiras. Menor Liberdade é a presença de barreiras. Liberdade-Totamente-Negativa seria a onipresença de barreiras. Uma barreira é matéria, energia, tempo ou espaço. Quanto mais matéria, energia, tempo ou espaço assume comando do indivíduo, menor a Liberdade que esse indivíduo tem. Compreende-se melhor isto como aprisionamento, porque a escravidão sugere uma intenção, e o aprisionamento poderia ser considerado quase sem intenção. Uma pessoa que cai numa armadilha para ursos talvez não pretendesse cair nela, e uma armadilha para ursos talvez não se destinasse a fazer com que uma pessoa caísse em suas estacas. Não obstante, ocorreu um aprisionamento. A pessoa está na armadilha para ursos.

Se alguém deseja compreender a existência e sua infelicidade nela, deve compreender o aprisionamento e seus mecanismos.

Em que uma pessoa pode ser aprisionada? Básica e principalmente; pode ser aprisionada em idéias. Pelo fato de se poder considerar que liberdade e capacidade sejam de certo modo sinônimos, então as idéias de incapacidade são primária e principalmente um aprisionamento. Atrevo-me a dizer que entre os homens tem ocorrido o incidente em que uma pessoa estava sentada numa campina aberta acreditando totalmente estar completamente presa por uma cerca. Há o incidente mencionado na Auto-Análise da pesca no Lago Tanganica

onde os raios solares, sendo equatoriais, atingem ardente mente o fundo do lago. Os nativos da região pescam amarrando várias ripas numa linha comprida. Pegam as duas extremidades desta linha levando-as para suas canoas e depois remam até à margem, a linha com as ripas esticada entre elas. O sol, brilhando sobre o lago, lança as sombras dessas ripas até o fundo, de modo que a gaiola de sombras se move na direção da parte rasa. Os peixes, vendo essa gaiola fechar-se sobre eles, debatem-se freneticamente nos baixios onde não podem nadar e são pescados, amontoados em cestas e cozidos. Não há nada a temer, exceto sombras.

Quando saímos da mecânica, o homem vê-se em terreno inseguro. A idéia de que idéias podem ser tão fortes e penetrantes é estranha à maioria dos homens. Por exemplo, um governo atacado pelos comunistas não percebe estar sendo atacado apenas por idéias. Julga-se atacado por canhões, bombas, exércitos, mas não vê canhões, bombas, exércitos. Vê somente homens reunidos, trocando idéias. Se essas idéias são sensatas ou não, não vem ao caso; são pelo menos penetrantes. Nenhuma blindagem de dezesseis polegadas poderia deter uma idéia. Assim, um país pode ser preso numa armadilha, tomado e tornado comunista, simplesmente pela difusão da idéia comunista. Um país que não consegue compreender isso, armasse, mantém seus canhões engatilhados, seus exércitos em alerta e en tão finalmente sucumbe à idéia que agora penetrou nas cabeças das suas forças armadas, que ele utilizara com tantas esperanças. O colapso da Alemanha na Primeira Guerra Mundial foi um exemplo disso. Seus exércitos, sua grande frota, estavam todos arvorando a bandeira vermelha. Embora a pressão aliada e as condições de inanição na Alemanha tivessem muito a ver com sua derrota, no entanto foi provocada pela idéia comunista infiltrada nas mentes dos homens que foram originalmente armados e treinados para proteger a Alemanha. E o comunismo, apenas uma idéia, prende as mentes dos homens. Eles se vêm organizados em células, vêm seus costumes abandonados e são arregimentados por uma tirania militante, biológica e desalma da, sem senhor. Eis aqui uma idéia transformando-se numa espécie de armadilha.

Assim, em primeiro lugar e principalmente, temos a idéia. Em seguida, elas próprias o produto das idéias, temos as mecânicas mais óbvias do enjaulamento em matéria, energia, espaço e tempo.

A barreira mais comum que o homem reconhece como tal seria uma parede. É uma barreira tão evidente que as pessoas comumente supõem que todas as barreiras sejam compostas de paredes sólidas. Entretanto, praticamente qualquer objeto pode ser transformado numa barreira. Um uso menos comum de um objeto como uma barreira seria um que inibisse, por algum tipo de sucção ou arrasto, o afastamento

dele. Um bloco sólido de consideráveis propriedades magnéticas manterá um pedaço de aço preso a ele. Logo, a gravidade é um tipo de barreira. Mantém as pessoas ou unidades de vida da Terra na Terra.

A energia seria outra barreira. Uma lâmina de energia ou algo que conduzisse energia, como uma cerca eletrificada, pode revelar-se uma barreira formidável. Uma nuvem de partículas radiativas que obstruísse a passagem para outro espaço também seria uma barreira. Raios tratores (que puxam), como no caso da gravidade, podem ser considerados uma espécie de barreira, mas na forma de energia.

Uma outra barreira, facilmente compreendida, é a do espaço. Espaço em demasia será sempre uma barreira. O espaço impede um indivíduo de prosseguir para outra parte da galáxia. Uma das melhores prisões que se poderia imaginar seria uma localizada num pequeno pedaço de matéria cercado por tal quantidade de espaço que ninguém poderia cruzá-lo. O espaço é uma barreira tão eficiente que as pessoas no Sudoeste dos Estados Unidos, ao cometerem crimes, descobrem que seu caminho está bloqueado por toda parte pelo gigantismo do espaço. Na cidade de Nova York seria muito fácil para eles desaparecerem, após cometerem um crime, mas ao tentar atravessar um espaço de tal tamanho como o Sudoeste, ficam expostas à visão por toda parte, pois não há nada mais para chamar a atenção da polícia.

Uma outra barreira bem diferente, menos compreendida, mas extremamente perfeita como barreira, é o tempo. O tempo impede sua passagem para o ano de 1776 e evita que você se reapodere de coisas que teve em sua juventude. Também impede você de ter coisas no futuro. O tempo é uma barreira extremamente eficaz. A ausência de tempo também pode ser uma barreira, pois neste caso o indivíduo é incapaz de executar seus desejos e é tão constrangido pela pressão do próprio tempo.

Matéria, energia, espaço e tempo podem, portanto, ser barreiras. Todavia, uma unidade da consciência de estar consciente, que é a personalidade e a unidade da condição de ser da pessoa, composta de qualidade, não de quantidade, pode estar onde quer que deseje estar. Não há parede grossa o bastante, nem qualquer espaço amplo o bastante para impedir o reaparecimento, em algum outro ponto, de uma unidade da consciência de estar consciente. Como esta é o indivíduo, e não algum fantasma do indivíduo, e como o próprio indivíduo é uma unidade da consciência de estar consciente e não sua maquinaria e seu corpo, vemos que tão logo comprehende completamente que é uma unidade da consciência de estar consciente, deixa de ser limitado por barreiras. Assim, os que buscam enjaulamento para indivíduos são totalmente avessos à idéia de exteriorização, e a pessoa que não conhece nada, exceção barreiras, está sujeita a crer que uma condição de não-barreiras não poderia existir. Mas uma condição de não-barreiras pode existir, e esta é, em si, a Liberdade.

Logo, ao examinarmos a Liberdade, temos de examinar por que as pessoas não a alcançam facilmente ou a compreendem. Não alcançam a Liberdade porque sua atenção está fixada em barreiras. Olham para a parede, não para o espaço de ambos os lados da parede. Têm entidades e circuitos demônios que exigem sua atenção; aliás, o próprio corpo poderia ser considerado um organismo que exige atenção. Poder-se-ia crer que sua função total fosse comandar interesse e atenção. É muito interessante que as pessoas não concebam que à sua retaguarda está toda a Liberdade que qualquer um jamais desejou. Chegam ao ponto de acreditar que a Liberdade não é desejável e que se a alcançassem, não a quereriam. Isto nos lembra os prisioneiros que vez por outra ficam "loucos por prisão" o suficiente para exigir paredes que os confinem e espaços restritos, depois que são libertados da cadeia. Certa feita, Manuel Komroff escreveu um conto muito interessante sobre o assunto, a história de um velho que passara vinte e cinco anos na prisão e que ao ser libertado pediu apenas o menor quarto na casa de seu filho e ficava muito feliz quando podia ver alguém no telhado em frente que tivesse a aparência de um guarda, e que recolocouativamente as grades na sua janela. Poder-se-ia considerar que uma pessoa que tivesse passado muito tempo num corpo tivesse tal fixação nas barreiras impostas pelo corpo, que assim que um auditor tenta retirá-las, o préclaro as recoloca rapidamente. Poder-se-ia dizer que tal pessoa é "louca por prisão", mas a condição é remediável.

A anatomia do enjaulamento é interessante, e a razão porque as pessoas caem em armadilhas e, aliás, de toda a mecânica do enjaulamento, são agora compreendidas. Realizou-se muitas experiências em Cientologia para determinar os fatores que resultavam em enjaulamento e descobriu-se que/^a resposta a todo o problema estava na comunicação nos dois sentidos.

Em linhas gerais, as leis por trás disso são: A fixação ocorre somente na presença de comunicação num só sentido. O enjaulamento ocorre somente quando não se deu ou recebeu respostas às coisas que enjaulam a pessoa. Desta forma, vemos que o próprio Triângulo de ARC e, mais importante, o fator de Comunicação daquele triângulo, surgem para nos dar um caminho para a Liberdade.

Pode-se dizer que todo o enjaulamento que existe é a espera que se tem por uma resposta.

Aqui, encontramos o Homem. Ele é basicamente uma unidade de consciência de estar consciente que é capaz de produzir, e é ativo na produção de matéria, energia, espaço e tempo, bem como de idéias. Descobrimos que ele está mais ou menos fixado em idéias, matéria, energia, espaço e tempo e no processo e funções que os envolvem. E descobrimos que estes, sendo os produtos da unidade de

consciência de estar consciente, não dá respostas à unidade de consciência de estar consciente e, assim, a unidade de consciência de estar consciente fornece a si mesma essas respostas.

O enjaulamento é o oposto de liberdade. Uma pessoa que não é livre está enjaulada. Pode ser enjaulada por uma idéia, pode ser enjaulada por matéria, pode ser enjaulada por energia, pode ser enjaulada por espaço, pode ser enjaulada por tempo, pode ser enjaulada por todos estes. Quanto mais completamente um pré-claro está enjaulado, menos livre é. Não pode mudar, não pode mover-se, não pode comunicar, não pode sentir afinidade e realidade. Pode-se dizer que a própria morte é o enjaulamento final do Homem, pois quando um homem está totalmente enjaulado, está morto.

Nossa tarefa na investigação e no auditing é descobrir para o indivíduo e para o grupo o caminho para maior liberdade, que é o caminho para maior capacidade.

Os processos que o auditor usa atualmente destinam-se totalmente a assegurar maior liberdade para o indivíduo, para o grupo, para a Humanidade. Qualquer processo que conduza à maior liberdade para todas as Dinâmicas é um bom processo. Todavia, devemos nos lembrar que um indivíduo funciona em todas as Dinâmicas e que a supressão, por um indivíduo, da Terceira ou Quarta Dinâmica conduz a menor Liberdade para o próprio indivíduo. Assim, o criminoso, ao tornar-se imoralmente livre, prejudica o grupo e prejudica a humanidade e, portanto, ele próprio se torna menos livre. Desta forma, não há Liberdade na ausência de Afinidade, Concordância e Comunicação. Onde uma pessoa se afasta destas, sua Liberdade é seriamente cerceada e ela se vê confrontada por barreiras de grandeza.

Os componentes da Liberdade, quando a observamos pela primeira vez, são, portanto: Afinidade, Realidade e Comunicação, que se resumem em Compreensão. Uma vez alcançada a Compreensão, obtém-se a Liberdade. Para a pessoa que está totalmente enredada na mecânica do enjaulamento é necessário devolver-lhe comunicação suficiente para lhe permitir ascendência para um estado mais elevado de compreensão. Uma vez conseguindo isto, seu enjaulamento está terminado.

Nada disso é realmente um problema muito difícil. No auditing feito hoje em dia isto é muito simples, mas onde o auditing está sendo feito por uma pessoa que não deseja basicamente a liberdade do indivíduo, é mais provável que resulte então em mais enjaulamento do que mais liberdade. Portanto, os obsessivamente enjaulados são os inimigos do pré-claro, pois eles enjaularão outros.

O indivíduo pode alcançar maior liberdade. O indivíduo deseja maior liberdade, uma vez que tenha alguma vaga idéia a respeito. E o auditing feito de acordo com as regras e os códigos precisos da Dianética e da Cientologia conduz o indivíduo para fo-

ra das primeiras áreas de enjaulamento até um ponto em que ele possa alcançar níveis mais altos de Liberdade, seja através de mais auditing ou por ele mesmo. A única razão para precisarmos de um regimento com o qual começar é para iniciar a retirada de um indivíduo do labirinto de espelhos de tal complexidade em que ele próprio, ao tentar abrir seu caminho, apenas se perde.

Esta é a Dianética, 1955!

CAPÍTULO VII

COMUNICAÇÃO

A comunicação tem hoje tal importância em Dianética e Ci-entologia -- como sempre tem sido na trilha completa -- que se pode-ria dizer que se pusermos um préclaro em comunicação, o poremos em boas condições. Este fator não é novo na psicoterapia, mas a concen-tração nele é nova e a interpretação da capacidade como comunicação é totalmente nova.

Se você estivesse em total e completa comunicação com um automóvel numa estrada, por certo não teria qualquer dificuldade em dirigí-lo. Mas se estivesse apenas em comunicação parcial com o carro e em nenhuma comunicação com a estrada, é quase certo que o - correria ~~um~~ acidente. A maioria dos acidentes ocorre quando o moto-rista está distraído por uma discussão que teve, ou por um engarra-famento, ou por uma cruz à beira da estrada indicando onde alguns motoristas morreram, ou pelos seus próprios medes de acidentes.

Quando dizemos que alguém deveria estar em tempo presen-te, queremos dizer que deveria estar em comunicação com seu ambien-te. Queremos dizer também que deveria estar em comunicação com seu ambiente tal como existe, não como existia. E quando falamos de previsão, estamos dizendo que ele deveria estar em comunicação com seu ambiente como existirá, e também como existe.

Se a comunicação é tão importante, o que é comunicação? A melhor maneira de expressá-la é pela sua fórmula, que foi isolada e por cujo uso se pode obter grande número de resultados interessan-tes em mudanças na capacidade.

Há dois tipos de comunicação, ambos dependendo do ponto de vista adotado. Temos a comunicação que sai e a comunicação que entra. Uma pessoa que está falando com alguém está se comunicando com esse alguém (esperamos) e esse alguém com quem ela está falando está recebendo comunicação daquela pessoa. Quando a conversa muda, vemos que a pessoa a quem se falava está agora falando, e está fa-lando para a primeira pessoa, que agora recebe comunicação dela.

Uma conversa é o processo de se alternar a comunicação que sai e a comunicação que entra, e temos precisamente aqui a sin-gularidade que causa aberração e enjaulamento. Existe aqui uma re-gra básica: Aquele que emite deve receber -- aquele que recebe deve emitir. Quando vemos esta regra desequilibrada para qualquer das direções, descobrimos a dificuldade. Uma pessoa que esteja apenas emitindo comunicação na realidade não está comunicando de maneira alguma, no sentido mais amplo da palavra, pois para comunicar-se to-talmente, teria de receber, bem como emitir. Uma pessoa que esteja unicamente recebendo comunicação está também desarranjada, pois se

recebe, também tem de emitir. Toda e qualquer objeção que se tenha às relações sociais e humanas encontram-se basicamente nesta regra de comunicação, onde é desobedecida. Qualquer um que esteja falando, se não estiver num estado compulsivo ou obsessivo de ser, fica consternado quando não recebe respostas. De igual modo, qualquer pessoa a quem se esteja falando fica consternada quando não lhe dão oportunidade de dar sua resposta.

Pode-se compreender até mesmo o hipnotismo por esta regra da comunicação. O hipnotismo é um influxo contínuo sem uma oportunidade para o sujeito emitir. Isto é levado a tal ponto no hipnotismo que o indivíduo está realmente enjaulado no ponto em que está sendo hipnotizado, e permanecerá enjaulado naquele ponto, em certo grau, daí por diante. Assim, pode-se ir ao ponto de dizer que a chegada de uma bala é uma espécie pesada de hipnotismo. A pessoa que recebe a bala não emite uma bala e, assim, é ferida. Se pudesse emitir uma bala imediatamente após receber uma bala, poderia introduzir uma questão interessante, "Seria ela ferida?" Segundo nossas regras, não. Aliás, se ela estivesse em perfeita comunicação com seu ambiente, sequer receberia uma bala de maneira prejudicial. Mas examinemos isto de um ponto de vista altamente prático.

Quando olhamos para duas unidades de vida em comunicação, podemos rotular uma delas como "a" e a outra como "b". Num bom estado de comunicação, "a" emitiria e "b" receberia, em seguida "b" emitiria e "a" receberia. Em cada caso, tanto "a" quanto "b" saberia que a comunicação estava sendo recebida e saberia o que e onde era a fonte da comunicação.

Bem, temos "a" e "b" diante um do outro numa comunicação. "A" emite. Sua mensagem atravessa uma distância até "b" que recebe. Nesta fase da comunicação, "a" é Causa e "b" é Efeito, e o espaço intermediário chama-se Distância. É digno de nota que "a" e "b" são unidades de vida. Uma verdadeira comunicação é entre duas unidades de vida, não é entre dois objetos, ou de um objeto para uma unidade de vida. "A", uma unidade de vida, é Causa, o espaço intermediário é Distância, "b", uma unidade de vida, é Efeito. Agora um término desta comunicação altera os papéis. Ao receber a resposta, "a" é agora Efeito e "b" é a Causa. Temos, assim, um ciclo que completa uma verdadeira comunicação. O ciclo é Causa, Distância, Efeito com Efeito então tornando-se Causa e comunicando através de uma Distância para a fonte original, que é agora Efeito, e a isto chamamos de comunicação nos dois sentidos.

Ao examinarmos isto melhor, verificamos que há outros fatores envolvidos. Há a intenção de "a". Esta, em "b", torna-se a atenção, e para que haja uma verdadeira comunicação, deve ocorrer uma duplicação em "b" do que emanou de "a". Naturalmente, para emitir uma comunicação, "a" deve ter dado atenção a "b" e "b" deve ter dado

CAPÍTULO VII

COMUNICAÇÃO

A comunicação tem hoje tal importância em Dianética e Ci-entologia -- como sempre tem sido na trilha completa -- que se pode-ria dizer que se pusermos um pré-claro em comunicação, o poremos em boas condições. Este fator não é novo na psicoterapia, mas a concen-tração nele é nova e a interpretação da capacidade como comunicação é totalmente nova.

Se você estivesse em total e completa comunicação com um automóvel numa estrada, por certo não teria qualquer dificuldade em dirigí-lo. Mas se estivesse apenas em comunicação parcial com o carro e em nenhuma comunicação com a estrada, é quase certo que o - correria um acidente. A maioria dos acidentes ocorre quando o moto-rista está distraído por uma discussão que teve, ou por um engarra-famento, ou por uma cruz à beira da estrada indicando onde alguns motoristas morreram, ou pelos seus próprios medes de acidentes.

Quando dizemos que alguém deveria estar em tempo presen-te, queremos dizer que deveria estar em comunicação com seu ambien-te. Queremos dizer também que deveria estar em comunicação com seu ambiente tal como existe, não como existia. E quando falamos de previsão, estamos dizendo que ele deveria estar em comunicação com seu ambiente como existirá, e também como existe.

Se a comunicação é tão importante, o que é comunicação? A melhor maneira de expressá-la é pela sua fórmula, que foi isolada e por cujo uso se pode obter grande número de resultados interessan-tes em mudanças na capacidade.

Há dois tipos de comunicação, ambos dependendo do ponto de vista adotado. Temos a comunicação que sai e a comunicação que entra. Uma pessoa que está falando com alguém está se comunicando com esse alguém (esperamos) e esse alguém com quem ela está falando está recebendo comunicação daquela pessoa. Quando a conversa muda, vemos que a pessoa a quem se falava está agora falando, e está fa-lando para a primeira pessoa, que agora recebe comunicação dela.

Uma conversa é o processo de se alternar a comunicação que sai e a comunicação que entra, e temos precisamente aqui a sin-gularidade que causa aberração e enjaulamento. Existe aqui uma re-gra básica: Aquele que emite deve receber -- aquele que recebe deve emitir. Quando vemos esta regra desequilibrada para qualquer das direções, descobrimos a dificuldade. Uma pessoa que esteja apenas emitindo comunicação na realidade não está comunicando de maneira alguma, no sentido mais amplo da palavra, pois para comunicar-se to-talmente, teria de receber, bem como emitir. Uma pessoa que esteja unicamente recebendo comunicação está também desarranjada, pois se

recebe, também tem de emitir. Toda e qualquer objeção que se tenha às relações sociais e humanas encontram-se basicamente nesta regra de comunicação, onde é desobedecida. Qualquer um que esteja falando, se não estiver num estado compulsivo ou obsessivo de ser, fica consternado quando não recebe respostas. De igual modo, qualquer pessoa a quem se esteja falando fica consternada quando não lhe dão oportunidade de dar sua resposta.

Pode-se compreender até mesmo o hipnotismo por esta regra da comunicação. O hipnotismo é um influxo contínuo sem uma oportunidade para o sujeito emitir. Isto é levado a tal ponto no hipnotismo que o indivíduo está realmente enjaulado no ponto em que está sendo hipnotizado, e permanecerá enjaulado naquele ponto, em certo grau, daí por diante. Assim, pode-se ir ao ponto de dizer que a chegada de uma bala é uma espécie pesada de hipnotismo. A pessoa que recebe a bala não emite uma bala e, assim, é ferida. Se pudesse emitir uma bala imediatamente após receber uma bala, poderia introduzir uma questão interessante, "Seria ela ferida?" Segundo nossas regras, não. Aliás, se ela estivesse em perfeita comunicação com seu ambiente, sequer receberia uma bala de maneira prejudicial. Mas examinemos isto de um ponto de vista altamente prático.

Quando olhamos para duas unidades de vida em comunicação, podemos rotular uma delas como "a" e a outra como "b". Num bom estado de comunicação, "a" emitiria e "b" receberia, em seguida "b" emitiria e "a" receberia. Em cada caso, tanto "a" quanto "b" saberia que a comunicação estava sendo recebida e saberia o que e onde era a fonte da comunicação.

Bem, temos "a" e "b" diante um do outro numa comunicação. "A" emite. Sua mensagem atravessa uma distância até "b" que recebe. Nesta fase da comunicação, "a" é Causa e "b" é Efeito, e o espaço intermediário chama-se Distância. É digno de nota que "a" e "b" são unidades de vida. Uma verdadeira comunicação é entre duas unidades de vida, não é entre dois objetos, ou de um objeto para uma unidade de vida. "A", uma unidade de vida, é Causa, o espaço intermediário é Distância, "b", uma unidade de vida, é Efeito. Agora um término desta comunicação altera os papéis. Ao receber a resposta, "a" é agora Efeito e "b" é a Causa. Temos, assim, um ciclo que completa uma verdadeira comunicação. O ciclo é Causa, Distância, Efeito com Efeito então tornando-se Causa e comunicando através de uma Distância para a fonte original, que é agora Efeito, e a isto chamamos de comunicação nos dois sentidos.

Ao examinarmos isto melhor, verificamos que há outros fatores envolvidos. Há a intenção de "a". Esta, em "b", torna-se atenção, e para que haja uma verdadeira comunicação, deve ocorrer uma duplicação em "b" do que emanou de "a". Naturalmente, para emitir uma comunicação, "a" deve ter dado atenção a "b" e "b" deve ter dado

à sua comunicação alguma intenção, pelo menos de ouvir ou receber, de modo que temos Causa e Efeito tendo intenção e atenção.

Mas existe outro fator que é muito importante. É o fator da duplicação. Poderíamos expressá-lo como Concordância. O grau de concordância alcançado entre "a" e "b" neste ciclo de comunicação torna-se sua Realidade, e isto é feito mecanicamente pela Duplicação. Por outras palavras, o grau de Realidade alcançado neste ciclo de comunicação depende da quantidade de duplicação. "B", como Efeito, deve até certo ponto duplicar o que emanou de "a" como Causa, para que a primeira parte do ciclo faça efeito, e então "a", agora como Efeito, deve duplicar o que emanou de "b", para que a comunicação seja concluída. Se isto for feito, não há consequência aberrativa. Se essa duplicação não ocorre em "b" e então em "a", obtemos o que equivale a um ciclo inacabado de ação. Se, por exemplo, "b" não duplicou vagamente o que emanou de "a", a primeira parte do ciclo de comunicação não se realizou, e pode resultar em grande quantidade de desordem, discussão e explicações. Então, se "a" não duplicou o que emanou de "b", quando "b" foi causa no segundo ciclo, também ocorreu um ciclo de comunicação incompleto com consequente irrealidade. Ora, naturalmente, se reduzimos a Realidade, reduziremos à Afinidade, de modo que quando a duplicação está ausente, a Afinidade parece decair. Um ciclo de comunicação completo resultará em elevada Afinidade e, com efeito, se apagará. Se desorganizarmos quaisquer desses fatores, temos um ciclo de comunicação incompleto e temos "a" e "b", ou ambos, esperando pelo fim do ciclo. Neste sentido, a comunicação torna-se aberrativa.

A palavra "aberrar" significa fazer algo desviar-se de uma linha reta. A palavra vem basicamente da óptica. Aberração é simplesmente algo que não contém linhas ~~retas~~. Uma confusão é um feixe de linhas tortas. Uma massa é nada mais nada menos do que uma confusão de comunicação mal administrada. As massas e depósitos de energia, os fac-símiles e engramas que rodeiam o pré-claro são nada mais nada menos do que ciclos de comunicação inacabados que ainda aguardam sua resposta adequada em "a" e "b".

Um ciclo de comunicação inacabado gera o que se poderia chamar de "fome de resposta". Uma pessoa que esteja esperando por um sinal de que sua comunicação foi recebida, está sujeita a aceitar qualquer influxo. Quando uma pessoa esperou sistematicamente, por um período muito longo de tempo, por respostas que não chegaram, qualquer tipo de resposta de qualquer parte será atraída para ela, por ela, como um esforço para remediar sua escassez de respostas. Assim, porá em ação e operação frases engrânicas existentes no banco contra si própria.

Ciclos de comunicação incompletos causam uma escassez de respostas. Não tem muita importância que respostas foram ou seriam, contanto que se aproximem vagamente do assunto em pauta. Mas importa quando uma resposta totalmente inesperada é dada, como na comunicação compulsiva ou obsessiva, ou quando nenhuma resposta é dada.

A própria comunicação só é aberrativa quando a comunicação que emana da Causa foi repentina e "non sequitur" com o ambiente. Temos aqui a violação da atenção e intenção.

O fator de interesse também entra aqui, mas é muito menos importante, pelo menos do ponto de vista do auditor. Não obstante, explica muita coisa sobre o comportamento humano, e explica de maneira considerável os circuitos. "A" tem a intenção de interessar "b". "B", quando lhe falam, torna-se interessante. De igual modo, "b", quando emite uma comunicação, está interessado e "a" é interessante. Temos aqui, como parte da fórmula da comunicação (mas como disse, uma parte menos importante), uma mudança contínua do ser interessado para ser interessante por parte de ambos os terminais, "a" ou "b". A Causa é interessada, o Efeito é interessante.

Bem mais importante é o fato de que a intenção de ser recebido, por parte de "a", impõe a "a" a necessidade de ser duplicável. Se "a" não pode ser duplicável em qualquer grau, então, naturalmente, sua comunicação não será recebida em "b", pois "b", incapaz de duplicar "a", não pode receber a comunicação. Como exemplo disso, digamos que "a" fala em chinês, ao passo que "b" só comprehende francês. Para "a" é necessário fazer-se duplicável falando em francês com "b" que só entende francês. No caso em que "a" fala um idioma e "b" outro, e eles não têm um idioma em comum, temos o fator da mímica possível e uma comunicação ainda pode ocorrer. "A", admitindo-se que tenha mão, pode levantar sua mão. "B", supondo-se que também tenha, poderia levantar sua mão. Então "b" poderia levantar sua outra mão e "a" poderia levantar sua outra mão, e teríamos completado um ciclo de comunicação por mímica. A comunicação por mímica também poderia ser chamada de comunicação em termos de massa.

Vemos que Realidade é o grau de duplicação entre Causa e Efeito. Afinidade é monitorada pela intenção e pelos tamanhos das partículas envolvidas, bem como pela distância. A maior Afinidade que existe para qualquer coisa é ocupar seu mesmo espaço. À medida que a distância se amplia, a Afinidade cai. Além disso, à medida que a quantidade de massa ou de partículas de energia aumenta, também a Afinidade cai. Ademais, à medida que a velocidade se afasta do que "a" e "b" consideraram a velocidade ideal -- seja velocidade maior ou menor do que consideraram ser a velocidade adequada, a Afinidade cai.

Existe um outro ponto preciso sobre a comunicação, é a expectativa.

Basicamente, todas as coisas são considerações. Consideramos que as coisas são, e portanto elas são. A idéia é sempre anterior à mecânica da energia, espaço, tempo e massa. Seria possível ter idéias sobre comunicação totalmente diferentes destas. Entretanto, acontece que estas são as idéias de comunicação comuns neste universo, e que são utilizadas pelas unidades de vida deste universo. Temos aqui a concordância básica sobre o assunto da comunicação na fórmula da comunicação, tal como apresentada aqui. Como as idéias são anteriores a esta, um metano pode obter, além da fórmula da comunicação, uma idéia singular sobre com que exatidão a comunicação deve ser realizada, e se esta não tiver a concordância geral, ele pode ver-se definitivamente fora de comunicação. Tomemos o exemplo de um escritor modernista que insiste que as três primeiras letras de cada palavra devem ser eliminadas, ou que nenhuma sentença deve ser completada ou que a descrição das personagens deve ser feita segundo uma representação cubista. Ele não alcançará concordância entre seus leitores e se tornará, até certo ponto, num "único". Existe uma ação contínua de seleção natural, poder-se-ia dizer, que elimina as idéias de comunicação estranhas ou singulares. Para estarem em comunicação, as pessoas abraçam as idéias básicas, tais como apresentadas aqui, e quando alguém tenta desviar-se demais destas regras, simplesmente não o duplicam e assim ele efetivamente sai de comunicação.

Temos visto toda uma raça de filósofos sairem de existência desde 1790. Temos visto a filosofia tornar-se um assunto muito sem importância, quando outrora era uma moeda muito comum entre as pessoas. Os próprios filósofos põem-se fora de comunicação com as pessoas ao insistirem em usar palavras de definições especiais que não poderiam ser facilmente assimiladas pelas pessoas em geral. A moeda da filosofia não podia ser facilmente duplicada pelas pessoas com vocalubários relativamente limitados. Tome palavras difíceis como "telecinese". Embora provavelmente signifique algo muito interessante e muito vital, se você relembrar bem, nenhum motociclista de taxi mencionou esta palavra para você enquanto pagava a corrida ou mesmo durante os momentos mais verborrágicos da corrida. Provavelmente, a dificuldade básica da filosofia era ter se tornado germânica na sua gramática, um exemplo dado por Emmanuel Kant. E se você se lembra daquela maravilhosa história de Saki, um homem certa vez morreu esmagado quando tentava ensinar verbos irregulares alemães a um elefante. A filosofia abriu mão de parte da sua responsabilidade por um ciclo de comunicação ao se tornar induplicável pelos seus leitores. É responsabilidade de qualquer pessoa que queira comunicar-se usar um vocabulário que possa

ser compreendido. Assim, a filosofia não pode sequer começar um ciclo de comunicação sensato em cerca de cento e cinqüenta anos e, portanto, está morta.

Tomemos agora a pessoa que se tornou muito "experiente" na vida. Esta pessoa tem uma trilha do tempo particular. Esta trilha do tempo é a sua própria trilha do tempo e não a de outra pessoa qualquer. As individualidades básicas entre os homens se baseiam no fato de que diferentes coisas aconteceram com eles e que vêm essas diferentes coisas de diferentes pontos de vista. Assim, temos individualização e temos opinião, consideração e experiência individuais. Dois homens que caminham pela rua testemunham um acidente. Cada um deles vê o acidente de pelo menos um ponto de vista ligeiramente diferente. Ao consultarmos doze testemunhas do mesmo acidente, é bem provável que encontremos doze acidentes diferentes. À parte o fato de que as testemunhas gostam de lhe dizer o que julgam ter visto, em lugar do que viram, houve realmente doze pontos diferentes dos quais o acidente foi visto e, portanto, doze aspectos diferentes da ocorrência. Se essas doze pessoas fossem reunidas e se comunicassem entre si sobre este acidente, então chegariam a um ponto de concordância sobre o que realmente aconteceu. Pode não ter sido o acidente, mas por certo é o acidente concordado, que então se torna o acidente real. É deste modo que os júris se portam. Podem ou não estar julgando o crime real, mas certamente estão julgando o crime acordado.

Em qualquer guerra, demora de dois a três dias para que ocorra concordância suficiente para se saber o que aconteceu numa batalha. Embora possa ter havido uma batalha de verdade, uma sequência real de incidentes e ocorrências, o fato de que cada homem na batalha a via do seu próprio ponto de vista particular, e queremos dizer com isto simplesmente "o ponto de onde ele estava olhando", e não suas opiniões →ninguém viu a batalha na sua totalidade. Assim, o tempo deve intervir para que ocorra comunicação suficiente sobre o assunto da batalha, de modo que todos tenham alguma aparência de concordância sobre o que aconteceu. Naturalmente, quando os historiadores abordam esta batalha e começam a escrever narrativas diferentes a respeito, das memórias dos generais que estavam tentando explicar suas derrotas, obtemos um relato realmente bastante distorcido. Entretanto, no tocante à história, isto passa a ser a batalha concordada. Quando lemos os historiadores, verificamos que jamais se saberá realmente o que aconteceu em Waterloo, em Bennington, em Maratona. Como podemos considerar como comunicação um soldado atirando contra outro soldado, vemos que estamos estudando comunicações sobre comunicação. Esta atividade erudita é muito boa, mas não nos faz avançar muito na solução dos problemas humanos.

Vimos estas duas palavras "Causa" e "Efeito" desempenhar uma função importante na fórmula da comunicação. Vimos que a Primeira

Causa se torna, ao final do ciclo, o último Efeito. Ademais, no ponto intermediário, o Primeiro Efeito muda imediatamente para Causa, para ter um bom ciclo de comunicação. Então, o que queremos dizer por "Causa"? Causa é simplesmente o ponto de emanação da comunicação. O que é "Efeito"? Efeito é o ponto de recebimento da comunicação. Como estamos interessados apenas em unidades de vida, vemos que podemos verificar facilmente a causa a qualquer momento. Não estamos interessados na Causa secundária ou terciária. Não estamos interessados em assistir causas de qualquer maneira. Não estamos interessados em efeitos secundários ou terciários. Não estamos interessados em assistir efeitos de qualquer maneira. Consideramos que sempre que olhamos para um ponto de origem de uma comunicação estamos olhando para Causa. Como toda a trilha é composta deste padrão de Causa e Efeito, uma pessoa, sempre que vê um possível ponto de causa, inclina-se a procurar por um ponto de causa anterior, e depois para outro mais anterior, e outro mais anterior, e outro mais anterior, e depois de algum tempo começa a ler a Bíblia, o que é muito ruim para os olhos.

Pelo fato de que toda Causa é simplesmente causa escolhida, e todo Efeito é apenas efeito escolhido, e que o primeiro escalão é o nível de idéia da comunicação, que é Causa escolhida como Causa, que é Efeito escolhido como Efeito, não há mais nada a dizer a respeito disso. Em nosso dicionário, causa aqui significa apenas "ponto de origem". Efeito significa apenas "ponto de recebimento".

Observamos que o ponto de recebimento, a meio caminho no ciclo de comunicação, muda e se torna ponto de origem. Poderíamos classificar esta mudança no centro do ciclo de comunicação de algum outro modo, mas não é necessário fazê-lo. Estariam complicando demais para nossos propósitos.

Chegamos agora ao problema do que uma unidade de vida deve estar disposta a experimentar para comunicar-se. Em primeiro lugar, o ponto de causa primário deve estar disposto a ser duplicável. Deve ser capaz de dar pelo menos alguma atenção ao ponto de recebimento. O ponto de recebimento primário deve estar disposto a duplicar, deve estar disposto a receber, e deve estar disposto a transformar-se num ponto de origem para enviar de volta a comunicação, ou uma resposta. E o ponto de origem primário, por sua vez, deve estar disposto a ser um ponto de recebimento. Como estamos lidando basicamente com idéias e não com mecânica, vemos que deve haver um estado mental entre um ponto de cause e de efeito pelo qual cada um está disposto a ser Causa ou Efeito à vontade, disposto a duplicar à vontade, disposto a ser duplicável à vontade, disposto a mudar à vontade, disposto a experimentar a distância intermediária e, em suma, disposto a comunicar. Onde obtemos estas condições num indivíduo ou num grupo, temos pessoas sadias. Onde ocorre uma má vontade em enviar ou receber comunicação, onde as pessoas enviam comunicações de maneira obsessiva

ou compulsiva, sem direção e sem tentarem ser duplicáveis, onde as pessoas que recebem comunicações permanecem caladas e não dão reconhecimento ou resposta, temos fatores aberrativos. E é muito interessante notar que, do ponto de vista do processing, temos todos os fatores aberrativos que existem. Não precisamos saber de mais nada sobre aberração do que o fato de ser uma desorganização do ciclo de comunicação. Mas, naturalmente, para sabermos isto, temos de conhecer os componentes da comunicação e o comportamento esperado.

Algumas das condições que podem ocorrer numa linha aberrada são uma omissão em ser duplicável antes que se emita uma comunicação, uma intenção contrária a ser recebida, uma má vontade em receber ou duplicar uma comunicação, uma má vontade em experimentar distância, uma má vontade em mudar, uma má vontade em dar atenção, uma má vontade em expressar intenção, uma má vontade em reconhecer e, de modo geral, uma má vontade em duplicar. Poderíamos até mesmo dizer que a razão porque a comunicação ocorre, em vez de ocupar o mesmo espaço e conhecer -- a comunicação introduz a idéia de distância -- é que a pessoa não está disposta a ESTAR no grau necessário para ser qualquer coisa. Prefere comunicar a ser. Assim, verificamos que a incapacidade de comunicar é uma escala graduada -- desce com a incapacidade de ser. Temos indivíduos que chegam ao ponto de apenas estarem disponíveis a ser eles próprios. Na medida em que uma pessoa se torna "a única", não está disposta a comunicar nas dinâmicas restantes. Uma pessoa que se tornou somente ela própria está na situação triste e aflitiva de estar fora da Segunda, da Terceira e da Quarta Dinâmicas, pelo menos.

Alguém poderia ver que a solução para a comunicação é não comunicar. Poder-se-ia dizer que se, para começar, ele não tivesse comunicado, não estaria agora em dificuldades. Pode ser que haja alguma verdade nisso, mas não há verdade no fato de que o processing no sentido de tornar a comunicação desnecessária, ou de reduzir a comunicação, não é processing algum, mas assassinato. Um homem está tão morto quanto não possa comunicar. Está tão vivo quanto possa comunicar. Com incontáveis testes realizados no departamento de redação e investigação da HASI, descobri um ponto que se poderia chamar de concludente, pelo qual o único remédio para a condição de viver é maior condição de comunicação. Devemos ampliar nossa capacidade de comunicar.

Provavelmente o único erro importante existente na Filosofia Oriental, e provavelmente o único em que me frustrei na minha juventude, foi esta idéia de que a pessoa deveria afastar-se da vida. Eu tinha a impressão de que todos os meus bons amigos entre os sacerdotes e homens santos que eu tinha, estavam tentando afastar-se e cortar suas comunicações com a existência. Independente do que os compêndios de Filosofia Oriental possam dizer, esta era a prática das pessoas mais versadas no "know-how" mental e espiritual do Oriente.

Assim, vi pessoas gastando quatorze ou dezoito anos para alcançar um alto nível de serenidade espiritual. Vi muitos homens estudando e muito poucos alcançando seu objetivo. Para meu impaciente e talvez prático ponto de vista ocidental, isto é intolerável. Durante muitos anos fiz esta pergunta: "Comunicar ou não comunicar?" Se alguém se metesse em total dificuldade por causa da comunicação, então, naturalmente deveria parar de comunicar. Mas este não é o caso. Se alguém se mete em dificuldades por comunicar, deve comunicar ainda mais. Mais comunicação, não menos, é a resposta e considero este enigma resolvido após um quarto de século de investigações e reflexões.

CAPÍTULO VIII

A APLICAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

Se você acha que estamos falando de alguma coisa muito esotérica ou de alta matemática, por favor, leia novamente a fórmula da comunicação. Só porque estamos falando dos princípios básicos e fundamentais da sanidade, de aberração, liberdade, conhecimento e segredos, não há razão para que tenhamos de ser complicados. Esperamos que os princípios fundamentais do comportamento sejam complicados simplesmente porque muitas pessoas extremamente complicadas têm discutido este tema. Se Emmanuel Kant não podia, e se Adler confundiu a comunicação, não há razão porque devéssemos fazer o mesmo.

Como falamos das aplicações da comunicação, estamos olhando para as complexidades desses princípios fundamentais, e tendo-os isolado, não vemos qualquer complexidade no produto dos básicos. Digamos que compreendemos perfeitamente que dois mais dois é igual a quatro. Agora, escrevemos isto numa folha de papel e a colocamos numa mesa, ela continua sendo compreensível. Agora escrevemos em outra folha de papel que dois mais dois é igual a quatro e a colocamos na mesma mesa. Agora, numa terceira folha de papel escrevemos dois mais dois é igual a quatro e a acrescentamos às que já estão sobre a mesa. Tomamos quatro blocos de papel e em cada folha escrevemos dois mais dois é igual a quatro, e arrancamos cada folha e as acrescentamos àquelas. Em seguida, pegamos alguns blocos de madeira e escrevemos neles dois mais dois é igual a quatro. Pegamos um pedaço de couro e carvão e escrevemos dois mais dois é igual a quatro e acrescentamos todos aos que já estão na mesa. Em seguida, pegamos alguns quadros-negros e em cada um deles escrevemos dois mais dois é igual a quatro e os colocamos na mesa. E pegamos alguns gizes coloridos e escrevemos dois mais dois é igual a quatro em várias cores em outro quadro-negro e o colocamos na mesa. Em seguida encadernamos dois mais dois é igual a quatro em papel velino e o acrescentamos à pilha na mesa. Pegamos alguns tijolos e riscamos neles "dois mais dois é igual a quatro" e os colocamos na mesa. Agora pegamos quatro galões de tinta e os despejamos sobre os dois mais dois é igual a quatro e lambuzamos tudo o que colocamos sobre a mesa. Depois pegamos um "bulldozer" e empurramos a mesa através da parede. Pegamos um rolo compressor e passamos com ele sobre os escombros. Pegamos concreto e o despejamos sobre tudo e deixamos secar, ainda assim não teremos alterado o fato de que dois mais dois é igual a quatro.

Por outras palavras, seja qual for a mecânica que acrescentamos à fórmula da comunicação, seja qual for a forma que usemos para comunicar, sejam quantos forem os tipos de palavras e signifi-

cados que coloquemos na fórmula da comunicação para que se tornem mensagens, seja como for que misturemos significados, mensagens, pontos de causa e pontos de efeito, ainda teremos uma fórmula da comunicação.

Temos aqui uma pessoa. Ela tem vivido uma existência cheia de acontecimentos. Digamos que começou a vida com perfeito entendimento da fórmula da comunicação. Sua experiência tem sido um afastamento sistemático da fórmula da comunicação apenas na medida em que ela falhou em emitir ou falhou em receber, distorceu, perverteu, ou deixou de retribuir comunicações, e no final daquela existência tudo o que temos de fazer para pô-la numa excelente condição seria o de restaurar em sua total clareza sua capacidade de executar a fórmula da comunicação. A única coisa que aconteceu com ela foi a violação da fórmula da comunicação. Emitiu algo que não foi recebido; quando foi recebido não foi reconhecido, quando foi respondido ela não recebeu; assim, começa a procurar comunicação cada vez mais longe e torna-se cada vez mais complicada em sua visão da comunicação, torna-se cada vez menos duplicável, é cada vez menos capaz de duplicar, suas intenções se desviam cada vez mais, sua atenção torna-se cada vez mais alterada, o que deveriam ter sido linhas retas acabam enroladas numa bola, e temos nosso préclaro após uma existência de vida com o homo sapiens. Tudo o que temos de fazer para conduzi-lo à mais conveniente clareza seria restaurar sua capacidade de cumprir as várias partes da fórmula da comunicação e sua capacidade de aplicar essa fórmula em qualquer coisa neste ou em qualquer outro universo. Teria de estar disposto a duplicar qualquer coisa. Teria de estar disposto a fazer-se duplicável. Teria de ser capaz de tolerar distância e velocidades e massas. Teria de ser capaz de formar suas próprias intenções. Teria de ser capaz de dar e receber atenção. Teria de ser capaz de aceitar ou deixar à vontade as intenções de outros e, mais importante, teria de ser capaz de estar em qualquer ponto e fazê-lo ponto de causa ou de recebimento à vontade. Se fosse capaz de fazer isto, não seria possível ser enredado, pois aqui estamos entrando intimamente no mais profundo segredo da armadilha.

O que é um segredo? É a resposta que jamais foi dada, e isto é tudo o que um segredo é. Assim, o conhecimento e uso da fórmula da comunicação na estrutura da Dianética e da Cientologia, resolvem todo e qualquer segredo e mesmo a crença em segredos.

A única coisa que se poderia dizer para aberrar a comunicação seria limitação, ou medo de limitação. Uma pessoa que não está comunicando é alguém que está limitando a comunicação. Uma pessoa que esteja comunicando compulsivamente está com medo de ser limitada em sua comunicação. Uma pessoa que esteja falando sobre

outro assunto que não o que a Causa estava dedicando sua atenção, tem sido tão limitado no assunto da comunicação alhures, ou tem sofrido tal escassez de comunicação alhures, que ainda está envolvida com a comunicação alhures. Isto é o que queremos dizer por "não estar em tempo presente".

Quando olhamos para problemas sem os quais a humanidade parece não poder viver, descobrimos que um problema é nada mais nada menos do que uma confusão das linhas de comunicação, pontos de causa ou efeito ausentes, distâncias indetermináveis, intenções mal interpretadas, falta de atenção, e falhas na capacidade de duplicar e de ser duplicável. Afaste-se da fórmula da comunicação em qualquer direção e isto resultará num problema. Um problema, por definição, é algo sem uma resposta, não porque as duas palavras sejam similares, mas porque toda a humanidade as têm confundido. Verificamos que a resposta para uma comunicação e a resposta para um problema podem, para nossas finalidades, ser sinônimas.

Quando alguém deixou de obter respostas sistematicamente para as suas comunicações, começa a entrar numa escassez de respostas, e terá problemas para ter soluções, mas não resolverá quaisquer dos problemas porque já tem uma escassez de respostas. Um auditor recebe um pré-claro que tem uma escassez de respostas, des~~obre~~ que o pré-claro tem um circuito de problemas, tenta resolver alguns dos problemas do pré-claro, des~~obre~~ que o pré-claro cria novos problemas mais depressa do que os antigos são resolvidos. Uma coisa que o pré-claro sabe é não haver quaisquer respostas -- não para o seu tipo específico de problemas. Sabe disso a tal ponto que é incapaz de conceber respostas, o que significa, para ele, que é incapaz de conceber soluções. É como o velho na história de Manuel Könroff que, após ser libertado da cadeia, ainda cria uma cela para si. Não pode olhar para a liberdade. Não acredita que a liberdade exista. Não pode imaginar um mundo sem tigres. Naturalmente, o remédio para isto é fazê-lo remediar sua falta de respostas fazendo-o criar imagens mentais de respostas.

A expressão confusa que você vê no rosto de um matemático é a tarefa que deu a si mesmo de procurar respostas simbólicas para abstrações hipotéticas, nenhuma das quais, naturalmente, é resposta humana. Quanto mais ele simboliza, mais fórmulas cria, mais se afasta da raça humana. As respostas só são respostas quando vêm de unidades de vida. Tudo o mais é um excesso de mercadorias. Nenhuma fórmula matemática jamais deu qualquer resposta a qualquer coisa, a menos que fosse para o problema da comunicação em si, mas esta, e chamo a sua atenção, não estava envolvida com, nem se originou da matemática tal como a conhecemos. A fórmula da comunicação originou-se da observação da vida e do trabalho com ela.

Pode originar-se somente porque se abandonara totalmente à idéia de que a energia podia dizer qualquer coisa a qualquer um. A Vida não é energia. A energia é o subproduto da Vida.

Seu recluso é alguém que se convenceu de tal forma que não se pode obter respostas de ninguém que não mais acredita que a própria Vida existe. Na sua opinião, ele é a única coisa viva que existe. Por que? Porque ele é a única coisa que comunica. Ouso afirmar que todo recluso, todo "único", todo indivíduo que se comunica de maneira obsessiva ou compulsiva, associou-se de tal forma com "unidades de vida" que estão tão mortas que se tornou "bem claro" que ninguém mais estava vivo. A atitude de uma criança para com o adulto contém a opinião de que os adultos têm muito pouca Vida neles. Uma criança, com seus entusiasmos, está, em sua família, cercada por toda parte de bloqueios de comunicação de maior ou menor grandeza. Suas perguntas não obtêm respostas. As comunicações que lhe são dirigidas não são formuladas de modo que possam ser duplicadas. Em outras palavras, o adulto não se faz duplicável. Freud e seus colegas estavam totalmente errados em acreditar que a criança é totalmente egocêntrica. Não é a criança que é totalmente egocêntrica. Acredita que está em comunicação com o mundo inteiro. Estudo das crianças demonstra que elas estão muito intensas nas Primeira, Segunda, Terceira e Quarta Dinâmicas. A criança está de tal forma convencida da sua capacidade de comunicar que tocará num fogão aceso. A Vida não tem terrores para ela. Ainda não aprendeu por experiência que não pode comunicar. É o adulto que está recolhido dentro do "único" e acreditamos que a inspiração desta crença sistemática do psicólogo e do psicanalista de que a criança é totalmente egocêntrica e está vivendo em seu próprio mundo deve ser a expressão de uma opinião aceita pelo psicanalista e pelo psicólogo, extraída do seu próprio banco. À medida que a pessoa cresce, está cada vez menos em comunicação com o ambiente até que finalmente está totalmente fora dele. Apenas ela está fora dele na direção errada -- morta.

Onde você ~~vê~~ abstração, onde deseja detectar aberração, pode procurar infrações da fórmula da comunicação. Pode-se desconfiar que as pessoas que infringem sistemática e continuamente parte da fórmula da comunicação estão apenas mortas. Quanto mais se afastam da fórmula da comunicação, mais morte existe para elas. Quanto mais se concentram em segredos, mais questionam as intenções, menos probabilidades têm de assumir o ponto de vista chamado Causa ou o ponto de vista chamado Efeito.

Não se deve chegar ao ponto de dizer que a Vida é comunicação. Contudo, uma condição natural da Vida é ser capaz de comunicar. A Vida, a unidade da consciência de estar consciente, a

capacidade de ter qualidade ilimitada sem quantidade, ou de produzir quantidade, é capaz de comunicação. E também aqui estamos consultando a capacidade. Pode-se conceber que a capacidade é, em primeiro lugar e principalmente, a capacidade de SER e também a capacidade de variar o ser, e isto significa a capacidade de comunicar. É preciso ser capaz de variar a própria condição de ser para retribuir uma comunicação.

Logo, há uma manifestação conhecida como "fluxo preso". Trata-se da comunicação num único sentido. O fluxo pode estar preso na entrada ou pode estar preso na saída. A parte de um ciclo de comunicação que vai da Causa primária para o Efeito pode ser o fluxo que está preso, ou pode ser o outro de "b" de volta para "a" que está preso. Temos aqui vários métodos possíveis de se conseguir um fluxo preso e várias condições de fluxo, na verdade, quatro. O fluxo pode estar preso da Causa primária para Efeito, do ponto de vista da Causa primária. O fluxo pode estar preso da Causa primária para o Efeito primário do ponto de vista do Efeito primário. O fluxo pode estar preso do Efeito-transformado-em-Causa para o Efeito final, do ponto de vista do Efeito-transformado-em-Causa. O fluxo pode estar preso do Efeito-transformado-em-Causa para o Efeito primário, do ponto de vista da Causa primária. Estes quatro fluxos presos -- qualquer um deles ou uma combinação deles -- podem tornar-se a anatomia de um intervalo de comunicação de um caso. Uma pessoa pode ouvir mas não pode responder. Uma pessoa pode causar o começo de uma comunicação, mas não pode receber um reconhecimento. Uma Causa primária pode estar totalmente absorte em impedir que o fluxo chegue ao Efeito primário, etc.

Uma omissão em completar um ciclo de comunicação deixará alguma parte daquela comunicação em suspenso. Por outras palavras, ela o deixará silencioso e isto ficará preso^{na}/trilha. Flutuará no tempo. Restimulará. Atrairá e reterá atenção muito tempo após ter ocorrido.

A própria inconsciência resulta do recebimento de comunicação em excesso e demasiadamente intensa. De igual modo, porém menos freqüente, resulta da emissão de comunicação em excesso e demasiadamente intensa como acontece quando se sopra um balão grande, quando se fica tonto depois de ter soprado em demasia. Teoricamente, quando envia uma grande massa para outra pessoa, o indivíduo pode ficar inconsciente como resultado do envio de massa em excesso, de si, repentinamente, e verificamos que este pode ser o caso. É degradação devido à perda. Uma pessoa dá demais, ou perde demais, e a saída da massa, ou mesmo a idéia, pode causar uma queda na consciência. Pelo fato de que um thetano pode criar à vontade esta situação não é perigosa. Pode-se receber um excesso de comunicação repentina, tal como uma bala de canhão. Inconsciência resultará dis-

so. A maioria dos engramas é composta de massa em excesso que entra e de massa em excesso que sai, de modo a criar uma confusão na qual qualquer resposta, qualquer frase interposta pode então ser eficaz, porque há uma escassez de frases e um excesso de massas. Podemos chegar mesmo a dizer que a única razão pela qual um intercâmbio de massa é sempre eficaz na linha da inconsciência é que esta não contém razões suficientes. Suponho que se se explicasse cuidadosamente a um soldado por que ele tem de ser atingido por uma bala, a chegada da bala não o poria inconsciente nem o feriria. Mas também isto é teoria, pois há muito pouca razão na guerra e, assim, ela jamais foi submetida a uma experiência clínica.

A resolução de qualquer fluxo encalhado é remediar a escassez daquilo que encalhou o fluxo. Podem ser respostas, comunicações originais e oportunidades de responder.

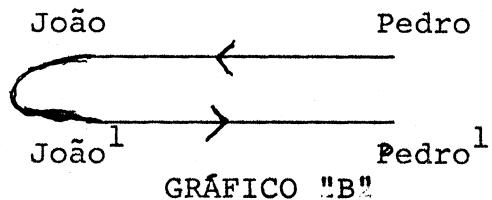
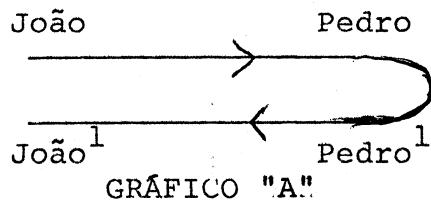
A fórmula da comunicação em funcionamento é melhor compreendida através do "intervalo de comunicação".

CAPÍTULO IX

COMUNICAÇÃO NOS DOIS SENTIDOS

Um ciclo de comunicação e a comunicação nos dois sentidos são, na realidade, duas coisas diferentes. Se examinarmos attentamente a anatomia da comunicação, descobriremos que um ciclo de comunicação não é uma comunicação nos dois sentidos na sua inteireza.

Se examinar o Gráfico "A" abaixo, você verá um ciclo de comunicação.



Temos aqui João como o originador de uma comunicação. É seu impulso primário. Este impulso é dirigido a Pedro. Vemos Pedro recebendo-o, e em seguida Pedro originando uma resposta ou reconhecimento como Pedro¹, cujo reconhecimento é devolvido a João¹.

João disse, por exemplo, "Como vai você?" Pedro recebeu isto e então Pedro (tornando-se Causa secundária) respondeu-a, como Pedro¹, com "Vou bem, obrigado", que retorna a João¹, e assim encerra-se o ciclo.

Agora, o que chamamos de comunicação nos dois sentidos pode ocorrer como no Gráfico "B".

Aqui, temos Pedro originando uma comunicação. Pedro diz, "Tudo em cima?". João recebe isto e então, como João¹, ou como Causa secundária, responde "Acho que sim", resposta esta que é então reconhecida em seu recebimento por Pedro¹.

Nestes dois gráficos descobriremos que no Gráfico "A" o reconhecimento da Causa secundária foi expresso por João¹ com um aceno de cabeça ou com um olhar de satisfação. Também no Gráfico "B", o "Acho que sim" de João¹ na realidade é reconhecido por Pedro¹ com um aceno de cabeça ou alguma expressão que significa reconhecimento da comunicação.

Se João e Pedro forem "homens fortes e calados" -- alternadamente aberrados -- omitirão alguma parte desses ciclos. A omissão mais flagrante e a mais freqüentemente compreendida como "intervalo de comunicação" pelo auditor será João no Gráfico "A" dizer "Como vai você?" e Pedro ficar ali sem falar. Temos aqui João causando comunicação e Pedro¹ deixando de prosseguir o ciclo. Não sabemos nem precisamos, e não estamos interessados em saber se Pedro, como o ponto de recebimento, ouviu-a ou não. Podemos admitir que ele pelo menos estava presente, e que João falou alto o bastante para ser ouvido, e que a atenção de Pedro estava algures próxima de João. Agora, em lugar de prosseguir com o ciclo de comunicação

ção, João fica ali com um ciclo incompleto e jamais tem a oportunidade de tornar-se João¹.

Existem várias maneiras de um ciclo de comunicação não ser completado, e estas poderiam ser classificadas como (1) João deixando de emitir comunicação, (2) Pedro deixando de ouvir comunicação, (3) Pedro¹ deixando de responder a comunicação que recebeu, e (4) João¹ deixando de reconhecer por algum sinal ou palavra que ouviu Pedro¹.

Poderíamos apresentar várias razões para tudo isto, mas nossa finalidade aqui não é dar razões porque não completamos um ciclo de comunicação. Todo o nosso propósito está envolvido com a não-conclusão deste ciclo de comunicação.

Agora, como no Gráfico "A", digamos que temos em João uma pessoa que está originando comunicação compulsiva e continuamente, tenha alguém dando-lhe atenção ou não, e quer estas comunicações sejam pertinentes ou não a qualquer situação existente. Descobrimos que João tende a ser recebido, em seu ato de comunicar, por um Pedro desatento que não lhe ouve e, assim, por um Pedro¹ ausente que não responde e, desse modo, por um João¹ ausente que nunca dá reconhecimento de resposta.

Examinemos a mesma situação no Gráfico "B". Temos aqui, em Pedro, uma originação de uma comunicação. Temos o mesmo João com um efluxo compulsivo. Pedro diz, "Como vai você?" e o ciclo não se completa porque João, demasiado atento à sua própria linha compulsiva, não se torna João¹ e jamais dá a Pedro uma oportunidade de se tornar Pedro¹ e reconhecer a resposta.

Tomemos agora outra situação. Vemos João originando comunicações e Pedro, uma pessoa que jamais origina, comunicando comunicações, mas Pedro é aberradamente inibido na originação de comunicações. Verificamos que João e Pedro, trabalhando juntos, entram então neste tipo de atividade: João origina uma comunicação, Pedro a ouve, torna-se Pedro¹, responde-a e dá a João a oportunidade de tornar-se João¹; isto prossegue relativamente bem, porém mais cedo ou mais tarde atingirá um bloqueio num ciclo nos dois sentidos, que é infringido porque Pedro jamais origina comunicações.

Um ciclo de comunicação nos dois sentidos funcionaria da seguinte maneira: João, tendo originado uma comunicação, e tendo-a completado, pode então esperar que Pedro origine uma comunicação para João, completando deste modo o restante do ciclo de comunicação nos dois sentidos. Pedro realmente origina uma comunicação, esta é ouvida por João, respondida por João¹ e reconhecida por Pedro¹.

Obtemos, assim o ciclo normal de uma comunicação entre dois terminais, pois neste caso João é um terminal e Pedro é um

terminal e podemos ver a comunicação fluindo entre dois terminais. Os ciclos dependem de João originar comunicação, de Pedro ouvir a comunicação, de Pedro tornar-se Pedro¹ e responder a comunicação, de João¹ reconhecer a comunicação, em seguida Pedro originando uma comunicação, João ouvindo a comunicação, João¹ respondendo a comunicação e Pedro¹ acusando recebimento da comunicação. Se fizessem isso, independente do que estivessem falando, jamais entrariam numa discussão e eventualmente chegariam a um acordo, mesmo se fossem hostis um ao outro. Suas dificuldades e seus problemas seriam esclarecidos e estariam em boa forma em relação um ao outro.

Um ciclo de comunicação nos dois sentidos é quebrado quando qualquer dos terminais falha, por sua vez, em originar comunicação. Descobrimos que toda a sociedade tem grandes dificuldades nesta atividade. Está tão acostumada com entretenimento enlatado e tão inibida em originar comunicação por pais que não podiam comunicar, e por educação e outras causas, que as pessoas descem muito baixo na originação de comunicações. Para começar, a originação de comunicação é necessária para que se tenha comunicação. Assim, vemos gente falando principalmente sobre coisas que lhes são impostas por causas externas. Vêem um acidente, discutem-no. Vêem um filme, discutem-no. Esperam por uma fonte externa para lhes dar a ocasião para uma conversa. Mas, pelo fato de que ambos estão num nível baixo na originação de comunicação -- que poderíamos também chamar de baixo em imaginação -- descobrimos que essas pessoas, que dependem de impulsos primários externos, são mais ou menos compulsivas ou inibidoras em comunicação e, assim, a conversa muda de maneira rápida e marcante e pode acabar em notáveis animosidades ou conclusões erradas. Vamos supor que a falta de impulso da causa primordial por parte de João o pôs em comunicação obsessiva ou compulsiva e verificamos que ele está tão ocupado emitindo que jamais tem uma chance de ouvir qualquer um que lhe fale e, se o ouvisse, não lhe responderia. Por outro lado, Pedro pode ser uma Causa primária de tal forma baixa (quer dizer, baixa em originação de comunicação) que jamais se torna Pedro¹ e, se se torna, jamais daria sua própria opinião, empurrando João sempre cada vez mais para a comunicação compulsiva.

Como você pode ver por estes gráficos, poderiam surgir algumas situações singulares. Haveria a questão da resposta obsessiva bem como da resposta inibidora. Uma pessoa pode passar todo o seu tempo respondendo, justificando ou explicando -- tudo a mesma coisa -- nenhuma comunicação primordial tendo sido originada nele. Outro indivíduo, como João¹ no Gráfico "A" ou como Pedro¹ no Gráfico "B", poderia passar todo o seu tempo dando reconhecimento, muito embora nada viesse para ele dar reconhecimento. Entretanto, as manifestações comuns e mais observadas são a originação obsessiva e com

pulsiva e aceitação de não-resposta e não reconhecimento de resposta. E nestes locais podemos encontrar fluxos presos.

Como o único crime no universo parece ser comunicar, e como a única salvação para um thetano é comunicar, podemos compreender facilmente que certamente resultará num emaranhado de comunicação, mas podemos compreender - muito mais alegremente -- que isto pode ser agora solucionado.

Aquilo que estamos discutindo aqui é no mínimo uma teoria e no máximo origina-se de observação. O teste principal disto é saber se resolve ou não casos, e pode estar certo que sim.

Os fluxos ficam presos neste ciclo de comunicação duplo onde ocorre uma escassez de (1) originação de comunicação, (2) recebimento de comunicação, (3) resposta de comunicação dada, (4) reconhecimento de respostas. Assim, pode-se ver que há apenas quatro partes que podem tornar-se aberradas, tanto no Gráfico "A" quanto no Gráfico "B", independente do número de manifestações singulares que possam ocorrer como resultado das mesmas.

Estas observações da comunicação são tão vitais que uma diferença considerável entre os resultados de caso ocorre entre um auditor que dá reconhecimento sempre que seu pré-claro responde e um auditor que não faz isto. Tomemos o "Auditor G" e descobrimos que ele está aplicando o "Procedimento de Abertura de 8-C" num pré-claro, mas que ao final de duas horas de "Procedimento de Abertura de 8-C" o pré-claro teve muito pouco benefício. Em seguida, tomemos o "Auditor K". Este auditor aplica quinze minutos de "Procedimento de Abertura de 8-C" e tem ótimos resultados no pré-claro. A diferença entre o Auditor G e o Auditor K é que o Auditor G nunca dá reconhecimento a qualquer resposta ou declaração, ou originação de comunicação por parte do pré-claro. Simplesmente continua o processo obstinadamente. Por outro lado, o Auditor K está disposto a deixar que o pré-claro origine uma comunicação e sempre dá reconhecimento quando o pré-claro conclui a ação pedida num comando, ou quando o pré-claro apresenta espontaneamente uma resposta verbal. Por outras palavras, G não respondeu ou deu reconhecimento de resposta, mas aplicou o processo com perfeição mecânica, e K respondia e dava reconhecimento, bem como originava ordens. O fato de que a coisa mais escassa que existe é a originação de ordens ou de comunicações, e o fato de que G estava pelo menos fazendo isto, era o bastante para fazer com que G obtivesse algum melhoramento no pré-claro, mas não obteve nada parecido com o melhoramento obtido pelo Auditor K.

O silêncio não é conveniente em parte alguma, exceto para permitir a outra pessoa comunicar ou esperar que a outra dê reconhecimento de resposta. O auditing do silêncio enrolará o pré-claro numa perfeita rede de aberração. O processo total que remedia isto es-

tá em remediar a escassez, por quaisquer meios que sejam, das quatro partes de uma comunicação nos dois sentidos.

CAPÍTULO X

INTERVALO DE COMUNICAÇÃO

Ontem usamos um instrumento chamado E-Meter para registrar se o processo ainda estava ou não obtendo resultados, para que o auditor soubesse por quanto tempo continuar com ele. Embora o E-Meter seja um aparelho de investigação interessante e tenha desempenhado seu papel na pesquisa, hoje não é usado pelo auditor, exceto, talvez, para testar o metabolismo basal do pré-claro. O E-Meter não é mais usado para determinar "o que está errado com o pré-claro". Como há muito desconfiávamos, a intervenção de um aparelho mecânico entre o auditor e o pré-claro tinha a tendência de despersonalizar a sessão e também dava ao auditor uma dependência do universo físico e de seus medidores que não deviam estar ali. Quando começamos a usar E-Meters, sabia que mais cedo ou mais tarde se deveria desenvolver algo, ou que algo apareceria que o tornasse desnecessário. Trabalhei neste sentido bastante sistematicamente e, cerca de seis meses antes que escrevesse isto, desenvolvi o "intervalo de comunicação" como o único instrumento de diagnóstico de que o auditor precisava.

A definição precisa de intervalo de comunicação é: "o período de tempo entre a formulação de uma pergunta, ou originação de uma declaração, e o momento exato em que a pergunta ou a declaração original é respondida".

Se você examinar atentamente esta definição, descobrirá que não se diz absolutamente nada sobre o que acontece entre a formulação da pergunta ou a originação de uma comunicação e sua resposta. O que acontece nesse meio tempo é um intervalo. Não importa se o pré-claro ficou de ponta-cabeça, foi ao Pólo Norte, fez uma dissertação sobre Botânica, ficou calado, respondeu alguma outra pergunta, pensou a respeito, atacou o auditor ou começou a debulhar feijões. Qualquer outra ação, exceto a resposta, e o tempo tomado por essa ação, é um intervalo de comunicação. O auditor tem de compreender isto perfeitamente. Em geral interpreta um intervalo de comunicação como o tempo que o pré-claro demora para responder a pergunta e aplica isto de maneira indulgente como o espaço de tempo entre a formulação da pergunta e o primeiro momento em que o pré-claro começa a falar. Isto não é intervalo de comunicação, pois o pré-claro pode começar a falar sobre algum outro assunto, pode querer mais informações, pode quase responder a pergunta e, ainda assim, não responder realmente a pergunta.

Se você prestar atenção nas pessoas que a cercam, verá que têm grande número de mecanismos de intervalo de comunicação. Em seu esforço para não serem efeito, ou em seu esforço para não serem causa, em suas aberrações sobre comunicação compulsiva, e comunicação inibidora e, entregando-se a comunicação impulsiva, compul-

siva e inibidora, elas conseguem reunir bom número de mecanismos interessantes, mas todos esses mecanismos são intervalos de comunicação.

Eis aqui um exemplo de intervalo de comunicação: João: "Como vai você?" Pedro: "Você está ótimo, João". Aqui, a pergunta nunca foi respondida e continuará como um intervalo de comunicação daí até o fim do universo.

Eis outro exemplo: João: "Como vai você, Pedro?" Pedro: (após vinte minutos pensando): "Ah, acho que hoje estou bem". Como esta é a mais comum forma de intervalo de comunicação, é a mais facilmente observada.

O seguinte intervalo de comunicação é bem menos conhecido: João: "Como vai você, Pedro?". Pedro: "Pra que é que você quer saber?" Também esta pergunta permanecerá sem resposta até o fim do universo.

O tipo mais irritante de intervalo de comunicação é: João: "como vai você, Pedro?" Pedro: ----- silêncio daí por diante. Isto é dramatizado quando as pessoas indagam ansiosamente de uma pessoa inconsciente como ela está e ficam totalmente fora de si. Estão simplesmente diante de um intervalo de comunicação que acreditam se tornará total, e sua ansiedade é simplesmente seu múltiplo sofrimento sobre o assunto do intervalo de comunicação.

Temos aqui outro tipo de intervalo de comunicação. João: "Como vai você, Pedro? Estava falando com Ezequiel outro dia que tenho visto muita gente doente no meu tempo, mas você certamente parece muito mal. Pedro, como está você? Fui ver o médico e ele me disse que tem muito resfriado e outras coisas por aí....." Por outras palavras, João nunca dá a Pedro a oportunidade de responder, e este é o outro lado do intervalo de comunicação.

A compreensão de um auditor sobre o assunto do intervalo de comunicação é limitado se acredita que se trata do intervalo entre o originador da comunicação e a pessoa a quem ela é dirigida. Em nosso Gráfico "A", algumas páginas atrás, este seria de João para Pedro¹. Há um intervalo de retorno, e este é de Pedro¹ para João¹, e como se viu acima, há um intervalo entre João e João¹, no qual João simplesmente continua falando sem assegurar-se de que há um Pedro¹ ali. Você também poderia chamar este intervalo de retorno de "intervalo de reconhecimento de resposta". De João para João não é comunicação alguma. Na realidade, de João para Pedro¹ sem a conclusão do ciclo de comunicação é a mesma coisa. João nunca dá reconhecimento a uma comunicação, de modo que o intervalo de retorno na realidade é de João para João. A sequência correta dessa comunicação é Pedro¹ para João¹. Por outras palavras, para fazer um ciclo de comunicação completo, João

deve dar reconhecimento de algum modo, seja verbal ou por gesto, de que Pedro¹ disse alguma coisa.

De João para João como um intervalo de comunicação (quer dizer, não há reconhecimento) tem como sua base inicial uma ausência, para João, de Pedro para Pedro¹ no Gráfico "B". Por outras palavras, pediu-se a João que originasse uma comunicação de maneira tão sistemática que ele agora o faz compulsiva e obsessivamente, porque tem havido toda uma escassez de originação de comunicação por parte de outras pessoas.

Examinemos agora um tipo altamente especializado de intervalo de comunicação. Temos aqui de João para Pedro, para Pedro¹ para João¹, como no Gráfico "A". Em seguida, temos João esperando que Pedro, no Gráfico "B", origine uma comunicação. Se Pedro não o faz, seguindo-se apenas silêncio, João então origina outra comunicação. Por outras palavras, não temos nenhuma comunicação nos dois sentidos.

O ciclo de comunicação nos dois sentidos não é tão importante em auditing como seria na Vida, pois em auditing o auditor está necessariamente originando comunicação para elevar o pré-claro ao ponto em que possa originar comunicação. Não se remedia a Vida aproximando-se exatamente dela na sala de auditing. O processo é projetado de modo que realize uma reabilitação na Vida, sem ter de vivê-la num nível marcante. Como exemplo disso, o auditor não espera que o pré-claro inverta a posição e origine algum processo para fazer o auditor ficar bem. Mas o auditor espera ser auditado por alguém, mais cedo ou mais tarde, ou espera estar em um nível onde possa elevar-se acima desta necessidade de um intercâmbio de comunicação para viver.

O ponto em que os auditores têm maiores dificuldades com o intervalo de comunicação é o intervalo de retorno. Os auditores raramente dão reconhecimento de resposta à execução de comandos por parte do pré-claro. Como no Procedimento de Abertura de 8-C, um processo que é um dos seis básicos atualmente, o auditor manda o pré-claro tocar a parede. Quando o pré-claro tocou a parede, o auditor está inclinado a dar outro comando sem dar reconhecimento do fato de que o pré-claro tocou a parede. É uma coisa espancosa o que a falta de reconhecimento fará para reduzir a rapidez da recuperação de um caso. Muitas vezes, quando um auditor está fazendo isto, está dando reconhecimento de resposta, ele o está fazendo de um modo tão negligente que o pré-claro não o reconhece como um reconhecimento de resposta, mas como um prelúdio para um novo comando. Um bom auditor assegura-se perfeitamente que o pré-claro sabe que o reconhecimento de resposta ocorreu. Como exemplo, o auditor diz: "Vá até a parede e toque-a". O pré-claro o faz. O auditor diz:

"Muito bem", e com uma pausa bem clara após este reconhecimento, diz: "Agora, vá até aquela parede e toque-a". Por outras palavras, o auditor que é um bom auditor assegura-se de que o pré-claro sabe que um ciclo de comunicação completo ocorreu neste comando de auditing específico.

Outra omissão por parte dos auditores é falhar em deixar o pré-claro originar uma comunicação. O auditor diz ao pré-claro "Vá até aquela parede e toque-a". O pré-claro faz isso, mas a meio caminho do gesto, pára e arfa, e em seguida completa o gesto. O mau auditor deixará de observar e de perguntar sobre este arfar. Este é na realidade a origem de uma comunicação por parte do pré-claro. Não a verbaliza. Não a expressa mais além de algum gesto físico ou de um olhar de desânimo, e mesmo este pode ser quase imperceptível, mas em geral é até onde pode ir na originação de uma comunicação. O auditor que deixa de perceber isto, deixa de informar ao pré-claro que o pré-claro tem permissão de originar uma comunicação. Este arfar deve ser percebido imediatamente pelo auditor com "O que está acontecendo?" ou "O que há?", ou "Alguma coisa aconteceu?" Isto dá ao pré-claro a oportunidade de originar um segundo ciclo de comunicação. Lembre-se de que o gesto ou o arfar foi realmente uma comunicação. O pré-claro provavelmente não dará reconhecimento à declaração do auditor além de começar na origem de uma nova comunicação, mas o fato de que realmente origina uma declaração sobre o que está acontecendo é, em si, um reconhecimento do fato de que ouviu o auditor. Isto é tão vital que muitos casos têm tropeçado e atolado, simplesmente porque o auditor não encorajou o pré-claro a fazer uma declaração quanto a algo que havia ocorrido. Na realidade, quanto mais freqüentemente o auditor possa fazer isto, melhor auditor é e melhores resultados advirão do auditing.

Naturalmente, há o lado oposto disto, quando o auditor pode dar crédito a um efluxo obsessivo ou compulsivo por parte do pré-claro, ao ponto de o auditing ser inteiramente interrompido. Um exemplo disto ocorreu recentemente em que um pré-claro falou para um auditor durante três dias e três noites sem que o auditor reconhecesse totalmente que se tratava apenas de comunicação obsessiva em ação. Mas isto não é comunicação. Não diz respeito à situação e a definição de comunicação compulsiva ou obsessiva é "um efluxo que não diz respeito aos terminais e à situação circunjacentes. Em outras palavras, comunicação compulsiva ou obsessiva é um efluxo que não está em realidade com a realidade existente.

Vemos, portanto, que uma sessão de auditing realmente inclui o ciclo de comunicação nos dois sentidos, mas não o inclui, nunca, a menos que o auditor convide o pré-claro a comentar sobre o que está acontecendo enquanto aplica o processing.

Apenas como um comentário à parte, a maneira de se lidar com uma comunicação obsessiva ou compulsiva é esperar por uma ligeira interrupção no fluxo e introduzir um comando de auditing. Lembre-se que um efluxo obsessivo na realidade não é comunicação. Uma comunicação é sobre o assunto e está de acordo com o ambiente. Também está de acordo com o que está acontecendo.

Ora, acontece que não importa qual processo está sendo aplicado, o básico daquele processo é a comunicação nos dois sentidos. Em auditing como na vida, a comunicação é existência. Na ausência de comunicação temos silêncio e, onde temos silêncio, não temos tempo. O tempo é manifestado no intervalo de comunicação na medida em que o préclaro tem sido submetido a silêncios, ou a coisas como um efluxo obsessivo ou compulsivo que nada tinham a ver com comunicar sobre o assunto em pauta. É também uma espécie de silêncio. Alguém que esteja falando obsessiva e continuamente sobre coisas que poderiam ou não existir, e a ninguém em particular, sem esperar a ocorrência de qualquer ciclo de comunicação.

Um auditor lida com um intervalo de comunicação repetindo uma pergunta ou comando que provocou um intervalo de comunicação. Eis aqui um exemplo. Pedro: "Como vai você, João?" João: silêncio, silêncio - finalmente, um resmungo. Pedro: "Como vai você, João?" Silêncio, silêncio - "O.K., acho." Pedro: "Como vai você, João?" "Estou lhe dizendo que vou bem". Pedro: "Como vai você, João?" João: "Vou bem". Pedro: "Como vai você, João?" João: "Oh, estou bem".

Este é um exemplo de aplainamento de um intervalo de comunicação. Primeiro temos silêncio e nenhuma resposta muito inteligíveis; em seguida, temos silêncio e uma resposta e depois outras manifestações, cada uma das quais demonstra uma mudança de intervalo de tempo até que nos dois últimos comandos -- três, na prática de auditing real -- o mesmo intervalo de tempo estava presente.

O aplainamento de um intervalo de comunicação requer apenas que o préclaro responda após um intervalo de tempo uniforme pelo menos três vezes. Para finalidades práticas, este intervalo de tempo uniforme pode durar até dez segundos. Assim, temos períodos de tempo necessários para responder uma pergunta de auditing como segue: "a resposta requer trinta e cinco segundos; a resposta requer vinte segundos; a resposta requer dez segundos; a resposta requer dez segundos; a resposta requer dez segundos. Para todos os efeitos, com estes três últimos intervalos de dez segundos, o auditor pode considerar que até certo ponto aplainou este comando de auditing específico porque está recebendo uma resposta sistemática. Entretanto, com um intervalo de tempo de dez segundos de duração, o auditor descobrirá que se fizesse a pergunta mais duas ou três vezes, recuperaria novamente um intervalo de tempo mutável.

Esta é a fórmula mecânica do aplainamento do intervalo de comunicação. Dê a ordem, como no "Procedimento de Abertura de 8-C" ou faça a pergunta, como na "Linha Direta" e, em seguida, continue dando a mesma ordem ou fazendo a mesma pergunta até que o pré-claro execute-a após um breve intervalo três vezes iguais.

Existe toda uma manifestação diferente para um intervalo de comunicação totalmente aplainado. Obtemos extroversão. O pré-claro pára de pôr sua atenção em sua mente, mas põe sua atenção no ambiente. Vemos isto acontecer com freqüência no Procedimento de Abertura de 8-C no qual o pré-claro vê o quarto ficar repentinamente claro para ele. Extroverteu sua atenção. Tornou-se livre de um emaranhado de comunicações do passado e de repente olhou para o ambiente. Isto foi tudo o que aconteceu. Num nível de condição de pensar, acontece com muita freqüência. O pré-claro está fazendo o processo muito bem e então começa a lembrar-se de fragmentos de encontros que tem, ou coisa parecida. Só porque faz isso, não é razão para que se deva encerrar a sessão de auditing. Isto simplesmente demonstra uma extroversão. De um modo ou de outro, você tirou o pré-claro do emaranhado de comunicações e o colocou em tempo presente quando extroverteu.

Como assunto, o intervalo de comunicação poderia ser muito grande. Temos toda sorte de intervalos de comunicação evidentes à nossa volta. O mais interessante talvez seja a reação ao choque após um acidente que, vez por outra, presenciamos. Às vezes o corpo demora trinta e seis horas para descobrir e reagir ao fato de ter recebido um impacto. É muito comum um corpo manifestar repentinamente um impacto meia hora após ter ocorrido. É um intervalo de comunicação. Há muitos ângulos engracados no intervalo de comunicação. Às vezes você pergunta a alguém "Como vai você?" e obtém uma resposta da sua máquina social. Ele diz "vou bem". Então, duas ou três horas depois pode lhe dizer "Sinto-me péssimo". Este foi o próprio pré-claro respondendo. Esta foi a unidade da consciência de estar consciente tomando consciência deste intervalo de comunicação.

Poderíamos chamar este universo de um intervalo de comunicação sistemático e contínuo. A pessoa é presa nele à medida em que aumenta esse intervalo. Se não houvesse remédio para o intervalo de comunicação jamais mencionaria o assunto. Entretanto, o remédio existe, e é facilmente aplicado em auditing hoje em dia.

O aprisionamento é, na realidade, um intervalo de comunicação. A pessoa ficou à espera de uma comunicação que nunca houve, esperou que algo respondesse por tanto tempo e com tanta freqüência que se tornou fixada em alguma coisa e não acredita que possa escapar dela. Naturalmente, o primeiro e mais importante fator no intervalo de comunicação é o tempo, e o fator seguinte é a espera. Esta também depende do tempo.

Como se comentou antes, as únicas coisas que podem flutuar na trilha do tempo são os momentos de silêncio quando não o correu comunicação alguma. São os momentos de "não tempo" (seria melhor dizer momentos "atemporais") e, portanto, não têm tempo onde possam viver e, assim, flutuam para adiante na trilha do tempo. Uma singularidade é que um engrama se comporta de maneira tal que põe todos os seus momentos de silêncio em tempo presente com o préclaro e deixa seus momentos de fala ou de ação lá atrás na trilha. Quando levamos uma pessoa de volta ao seu nascimento e escoamos o nascimento, retiramos os momentos de ação. Se também não tirarmos os momentos de silêncio no parto, não tiramos precisamente as coisas que se prendem ao pré-claro em tempo presente. Por outras palavras, o engrama do nascimento não se moveu nem um pouco, mas os momentos de silêncio no nascimento poderiam ter a tendência de virem para tempo presente. Esses momentos de silêncio nos engramas e nos fac-símiles na realidade compõem a matéria existente no pré-claro. Esta matéria é composta menos de momentos de ação do que de momentos de silêncio. Vemos assim que um indivíduo, quanto mais tempo vive neste universo, mais intervalos de comunicação encontra, mais perturbado fica com a existência, maior o seu intervalo de comunicação, e mais silencioso é. Naturalmente, a comunicação obsessiva ou compulsiva está apenas um grau acima do silêncio. É o último esforço desesperado para impedir que as coisas fiquem totalmente quietas. Não é uma comunicação e, na realidade, é uma espécie de silêncio, sobretudo porque muito poucas pessoas a ouvem.

Agora estamos estudando sobre comunicação e estamos comunicando sobre comunicação e você tem toda oportunidade aqui de ficar lindamente enrolado, de modo que lhe pediria para olhar para o seu ambiente e verificar várias manifestações de intervalo de comunicação. Você não é controlado pelo assunto. Pode controlá-lo facilmente. O perigo é não saber as respostas e simplesmente entrar nesses intervalos de comunicação sistemáticos e contínuos que nos são impostos pela falta de comunicação neste universo.

É de grande interesse observar que a imaginação, como função de existência, torna-se avassalada numa ausência de originação de comunicação. Uma pessoa pode tornar-se tão dependente de outros para diversão e para originar comunicações que, ela própria, não faz. Aliás, nesta sociedade é muito impopular originar comunicações. Deve-se sempre dizer que uma outra pessoa pensou a respeito primeiro, ou que remonta aos antigos Ugluks, ou que aconteceu muitas vezes antes, ou que apenas se desencavou essa informação depois que foi sepultada, ou que na realidade está se seguindo instruções do Arcanjo Smearel, em lugar de erguer-se e reconhecer-se culpado da originação de uma comunicação. A menos que se possa originar comunicações, a imaginação da pessoa está muito ruim. Mas acontece que o inverso

naõ é válido. A imaginação não é a coisa que primeiro fica em perigo e então resulta ~~máximamente~~ na falha em originar comunicação. Portanto, a falha em originar comunicação resulta em falha de imaginação, de modo que a reabilitação da originação de comunicação reabilita também a imaginação. Esta notícia é realmente muito boa, sobretudo para qualquer um nas artes criativas, mas quem não está nas artes criativas?

Ao examinar-se todo o tema da comunicação, descobre-se que há muito pouca gente à volta, hoje em dia, que esteja comunicando ativamente, e há muita gente que acha estar comunicando, mas não está. A Associação Médica Americana gostaria de crer que estou incluído na segunda categoria.

CAPÍTULO XI

PAN-DETERMINISMO

Um conceito totalmente novo em Dianética e Cientologia é o de Pan-Determinismo.

No Livro Um falamos de Auto-Determinismo. Em essência, Auto-Determinismo significava o controle, pela unidade da consciência de estar consciente, daquilo que concebe como sendo sua identidade. Fez-se algum esforço no Livro Um para retirar o Auto-Determinismo das Dinâmicas restantes.

Pan-Determinismo é uma palavra que descreve o determinismo ao longo de todas as Dinâmicas. Na realidade, o Auto-Determinismo tentou fazer isto, e nossa primeira idéia de Auto-Determinismo era uma espécie de Pan-Determinismo.

Temos de nos lembrar, aqui, que as Dinâmicas envolvidas na Dianética são as quatro primeiras. As Dinâmicas envolvidas na Cientologia são as quatro últimas do grupo total de oito. As Oito Dinâmicas são:

A PRIMEIRA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência do eu.

A SEGUNDA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através do sexo, ou de filhos, e abrange tanto o ato sexual como a educação e criação de filhos.

A TERCEIRA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através do grupo como grupo.

A QUARTA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através de toda a humanidade e como toda a humanidade.

A QUINTA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através de formas de vida como animais, aves, insetos, peixes e vegetação, e é o impulso para sobreviver como estas.

A SEXTA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência como o universo físico e tem como seus componentes Matéria, Energia, Espaço e Tempo, dos quais derivamos a palavra MEST.

A SÉTIMA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através do Espírito e incluiria as manifestações ou a totalidade das unidades da consciência de estar consciente, thetais, demônios, fantasmas, espíritos, duendes, etc.

A OITAVA DINÂMICA é o impulso para a sobrevivência através de um Ser Supremo, ou mais precisamente, do INFINITO. É chamada de Oitava Dinâmica porque é o sinal do Infinito deitado.

O impulso para a sobrevivência através do eu, do sexo, dos filhos, dos grupos e da humanidade são a competência da Dianética.

Examinemos agora o conceito de Pan-Determinismo. Pan-Determinismo seria a disposição de determinar ou controlar o eu e as dinâmicas que não o eu, até a oitava relacionada acima. Como o Auto-Determinismo, o Pan-Determinismo é auto-escolhido ou auto-determinado, porquanto faz-se isto de maneira consciente e direta, não por uma obsessão, compulsão ou inibição. Naturalmente, um indivíduo indeterminado não existe, mas um indivíduo alter-determinado pode claramente existir. Onde temos Auto-Determinismo, e interpretamos Auto-Determinismo como o determinismo na Primeira Dinâmica, temos somente a disposição de controlar o eu e nenhuma disposição de controlar qualquer coisa além do eu. Se este é o caso, no Auto-Determinismo temos como alter-determinismo o sexo, filhos, grupos, humanidade, e passando-se para a Cientologia, vida animal, vegetação, o universo físico, espíritos, e Deus -- ou o que for mais que possa compor o Infinito. Pelo fato de que o Auto-Determinismo foi interpretado deste modo, deixou o indivíduo num estado de espirito de estar disposto a ser determinado em todas as outras Dinâmicas e por todas as outras Dinâmicas, exceto sua própria dinâmica pessoal. Pelo fato de que todo auditing está na Terceira Dinâmica, e pelo fato de que uma dinâmica pessoal não pode existir, e que um indivíduo como o vemos, um homem, na realidade é um composto e não uma Primeira Dinâmica, mas uma Terceira Dinâmica, vemos que temos dificuldade nesta definição de Auto-Determinismo e com o uso sistemático do Auto-Determinismo. Portanto, é necessário investigar melhor e dar maior precisão a este conceito da disposição de controlar.

Quando dizemos controle não nos referimos ao "caso de controle" onde o controle é obsessivo ou alter-determinado, ou onde o indivíduo está controlando coisas por compulsão ou medo. Referimo-nos simplesmente à disposição de começar, parar e mudar. A anatomia do controle é apenas isto -- começar, parar e mudar coisas. Ora, não é necessário uma pessoa começar, parar e mudar coisas apenas para demonstrar que pode controlá-las. Entretanto, deve ser saudável e capaz, ser capaz de começar, parar e mudar coisas.

Neste ponto, chegamos imediatamente ao que queremos dizer por capacidade. Seria a capacidade de começar, parar e mudar coisas, e se temos uma capacidade de começar, parar e mudar coisas, naturalmente devemos ter uma disposição de começar, mudar e parar coisas. As pessoas que não estão dispostas a se comportarem num certo sentido quanto a começar, parar e mudar coisas, são pessoas muito doentes, e nesta última categoria encontramos o grosso da raça humana no momento em que escrevemos isto.

A diferença básica entre aberração e sanidade, entre incapacidade e capacidade, entre doença e saúde, é o conhecimento da causação pelo eu em oposição à causação desconhecida por outros ou outras coisas. Um indivíduo que sabe estar fazendo isto é muito

mais capaz do que um que está fazendo isto, mas supõe que uma outra coisa o está fazendo. A psicose, em si, é apenas uma inversão de determinismo. Um psicótico é totalmente alter-determinado, um homem sadio é em grande parte Auto-Determinado. O Pan-Determinismo significaria uma disposição em começar, mudar e parar em todas e quaisquer dinâmicas. Esta é a sua definição básica. Uma outra definição, também de precisão, é: a disposição de começar, mudar e parar duas ou mais forças, sejam elas opostas ou não, e estas poderiam ser interpretadas como dois ou mais indivíduos, dois ou mais grupos, dois ou mais planetas, duas ou mais espécies de vida, dois ou mais universos, dois ou mais espíritos, quer opostos ou não. Isto significa que uma pessoa não lutaria, necessariamente, não escolheria lados necessariamente.

Isto contradiz totalmente algumas das mais caras crenças do Homem, mas posso observar prontamente que o Homem não é uma pessoa totalmente sadia e, assim, algumas das suas crenças devem estar um tanto aberradas. Existe uma coisa chamada coragem, mas não uma coisa chamada sanidade totalmente em oposição.

As pessoas que têm medo de controlar estão sujeitas a terem medo do Pan-Determinismo, mas se virem como uma disposição de começar, mudar e parar qualquer Dinâmica, verão que uma pessoa deve estar assumindo a responsabilidade por qualquer das Dinâmicas. Um conquistador, em seu ataque à sociedade, está combatendo o alter-determinismo. Está começando, mudando e parando coisas, devido a uma indisposição em associar-se com outras raças ou costumes que não os seus ou em apoiá-los. Portanto, o que está fazendo pode ser interpretado como "ruim".

Em apoio disto temos todos os ensinos religiosos anteriores, mas estes têm sido flagrantemente mal interpretados. Têm sido interpretados de modo a significar que uma pessoa não deve lutar de nenhum modo, ou defender qualquer coisa, ou ter qualquer coisa, ou possuir qualquer coisa. Isto não é verdade. Uma pessoa que está disposta^a a ser outras identidades, além de si mesma, outras individualidades além de si mesma, não prejudica, necessariamente, essas outras individualidades. Aliás, não podemos fazer a distinção completa do outro, além de si mesmo, porquanto estamos dizendo nisto que ele se prende a algo que chama de eu e o apoia e defende, sem estar disposto a identificar-se com outros.

Um dos debatedores mais irritantes é aquele que se move à vontade entre pontos de vista de si mesmo e os que o escolheram^a como inimigo.

Existe uma importante escala descendente a partir do Pan-Determinismo. Não conduz ao longo de um caminho descendente

das Dinâmicas, mas poderia fazê-lo, é claro. Poder-se-ia simplesmente vê-lo como Pan-Determinismo reduzindo a queda de uma Dinâmica após outra até que se está na Primeira Dinâmica, mas este quadro não é particularmente viável e um auditor não o utiliza.

A escala descendente a partir do Pan-Determinismo é: Pan-Determinismo; Luta; Deve e Não Deve Acontecer Novamente; Reparo; e Associação. Estes são processos reais. No fundo, encontramos uma indisposição de associar-se com qualquer coisa. Logo acima, está uma indisposição em reparar qualquer coisa, mas uma disposição de associar-se um pouco. Acima deste, está uma disposição de associar-se e de reparar um pouco, mas nenhuma disposição em permitir que certas coisas aconteçam novamente. Acima deste, está uma disposição em combater coisas, e acima desta está o Pan-Determinismo. Estes são organizados desta forma porque esta é a escada que o préclaro galga se for trabalhado em certo tipo de processos. Lembra um pouco a velha Escala Emocional, que era: Apatia, Tristeza, Medo, Raiva, Antagonismo, Tédio, Conservantismo e Entusiasmo, mas que neste caso trata-se de uma escala de manifestações de comportamento. Onde um indivíduo que não está disposto a associar-se com várias coisas, por certo está muito longe de ser Pan-Determinado e claramente nem mesmo é Auto-Determinado e tem muito o que subir antes de estar disposto a reparar qualquer coisa, mas neste estado de espírito pode reparar de modo muito geral, mas não está disposto ou é incapaz de criar ou destruir. Uma singularidade, aqui, é que uma pessoa que está disposta a associar-se é apenas capaz de destruir, e uma pessoa tem de estar muito alto na escala antes que possa criar. Aliás, tem de estar próxima do Pan-Determinismo para criar adequadamente. Acima deste nível de reparo, encontramos um indivíduo preso em muitos incidentes que está evitando ocorrerem novamente e está mantendo fac-símiles ou engramas desses incidentes de modo a ter um modelo e, assim, saberá o que não deve ocorrer; e acima deste nível, descobrimos um indivíduo lutando e estando disposto a combater quase tudo; e acima deste nível, encontramos um indivíduo disposto ou capaz de ser praticamente qualquer coisa e, assim, pode estar em paz com coisas e não tem de combater coisas. Um indivíduo em nível de Pan-Determinismo pode criar. Um indivíduo em Associação, como já disse, só pode destruir. Um indivíduo em Reparo ou em Deve e Não Deve Acontecer Novamente, está fazendo um esforço muitíssimo intenso -- e querer dizer Esforço -- para sobreviver.

Tomemos para nosso exemplo de Pan-Determinismo a Segunda Dinâmica. Encontramos aqui um esforço tão exaustivo para ter alter-determinismo que Freud o escolheu como o único fator aberrativo. Não é o único fator aberrativo, mas pelo fato de tratar-se de um influxo desejado, pode-se considerar que tem algum valor aberrativo, juntamente com muitas outras coisas. Examinemo-lo em termos de Auto-

Determinismo e de Pan-Determinismo. Temos aqui um indivíduo que acredita ser um homem, que acredita que seu único prazer sexual pode ser obtido permanecendo muito solidamente um homem e tendo relações sexuais com uma mulher, e crendo com segurança que ele não é uma mulher. Por outro lado, vemos uma mulher determinada a ser ela própria e experimentar como ela própria, e experimentar um influxo sexual de um homem. No caso do homem, como no caso da mulher, temos uma indisposição em ser o outro sexo. Isto é considerado natural, mas você sabe que quando isto é totalmente verdadeiro, quando temos completo determinismo para sermos o eu e não sermos, no menor grau possível, a outra pessoa, não existe nenhum intercâmbio sexual prazeiroso. Temos a condição conhecida como Satirismo e Ninfomania. Temos uma tremenda ansiedade em ter um fluxo sexual.

Provavelmente, a única razão porque você vê o universo é porque ainda está disposto a ser alguma parte dele. Provavelmente, a única razão porque você pode falar com pessoas é porque pode ser a outra pessoa com a qual está falando. Provavelmente, a única razão porque você pode realmente permitir que as pessoas lhe falem é porque você está disposto a deixar que a outra pessoa seja um pouco você, e ela está disposta a deixar que você seja um pouco ela. Pelo fato de que o próprio espaço é uma imagem mental, é um estado de espírito, pode-se ver que a individualidade depende, até certo ponto, da lei que duas coisas não devem ocupar o mesmo espaço. Quando pomos esta lei em ação temos um universo. Até que esta lei entre em ação, não há universo algum, e teríamos muita dificuldade em diferenciar totalmente. Duas coisas podem ocupar o mesmo espaço na medida em que você está disposto a acreditar que elas podem. É muito fácil falar a uma platéia se você estiver perfeitamente disposto a ser uma platéia. É muito difícil falar a uma platéia se você está indisposto a ser uma platéia. De igual modo, é muito difícil ser uma platéia se você está indisposto a estar no palco. Podríamos imaginar que uma pessoa que tivesse considerável dose de medo do palco fosse incapaz de apreciar um desempenho de atores. E assim é. Vemos a pessoa que está na platéia, e que tem considerável medo do palco a contorcer-se e sentindo-se embaralhada por cada ator que comete o menor erro no palco. Por outras palavras, vemos esta pessoa estando compulsivamente no palco, embora esteja na platéia.

Coisas desta natureza têm levado mais de um filósofo a supor que saímos todos do mesmo molde, ou que somos todos a mesma coisa. Esta é uma questão muito discutível. O processing demonstra, de maneira bastante adequada, que somos todos realmente indivíduos e que não somos o mesmo indivíduo e, aliás, as pessoas que acreditam sermos todos o mesmo indivíduo têm muita dificuldade com

isso. Mas é evidente que poderíamos todos ser o mesmo indivíduo, pelo menos se fôssemos totalmente sãos.

O universo físico é uma espécie de transe hipnótico onde o indivíduo se julga capaz de ver de vários pontos. A ilusão torna-se excelente pelo fato de que outros indivíduos acreditam que estão vendo as mesmas coisas dos mesmos pontos que elas ocupam. Somos todos, como unidades da consciência de ser conscientes, basicamente diferentes. Não somos a mesma "fonte de Vida" e evidentemente somos todos diferentemente dotados, não importando o que o Partido Comunista gostaria de acreditar.

Uma das mais significativas diferenças de um homem para outro é o grau a que ele está disposto a ser Pan-Determinado. O homem que tem forçosamente de controlar tudo na sua proximidade, incluindo sua família, em geral não está sendo Auto-Determinado, muito menos Pan-Determinado. Não está sendo sua família. Se estivesse sendo sua família, compreenderia porque ela está fazendo o que está fazendo e ele não sentiria haver qualquer perigo ou ameaça em ela continuar executando os movimentos ou emitindo as emoções que emitem. Mas, fixado como uma pessoa, obsecado com o dano que podem causar a ele ou aos que o rodeiam, um indivíduo está sujeito a lançar-se num caminho de super-controle pesado, sólido dos outros. Agora, tomemos a pessoa que é Auto-Determinada e Pan-Determinada na mesma situação, e verificamos que ela teria compreensão suficiente na proximidade da sua família e das famílias de outros, e com esta compreensão ela estaria disposta a ser e experimentar como o restante da família e verificaria que na realidade poderia controlar a família com considerável facilidade. O estranho disto é que a força pode somente controlar para baixo até a entetha -- a enturbulação -- mas que um Pan-Determinismo controla para cima, para a maior facilidade e compreensão porque há maior ARC presente. Você tem visto indivíduos em torno dos quais existe muita paz e tranquilidade. Quase sempre esses indivíduos mantêm na sanidade e na alegria muitas outras pessoas em seu ambiente e que não são basicamente estáveis ou Auto-Determinadas. A pessoa que está fazendo isto não o está fazendo por obsessão, o está fazendo simplesmente por saber e ser. Compreende o que as pessoas estão falando porque está perfeitamente disposta a ser essas pessoas. Quando se afasta da compreensão do que elas estão falando, ela também se afastou de estar disposta a ser elas. A disposição em compreender e a disposição em ser são, para nossas finalidades, sinônimos.

Agora, como este Pan-Determinismo se liga à comunicação?

Temos visto que as dificuldades originam-se no ciclo de comunicação e no ciclo de comunicação nos dois sentidos, onde as origens de comunicação, as respostas e os reconhecimentos de resposta eram escassos. Portanto, é possível que o indivíduo, tornan-

do-se aberrado pela comunicação, deva ter concebido a necessidade de alter-determinismo. Por outras palavras, é preciso afastar-se do Pan-Determinismo para se cair em qualquer uma das armadilhas da comunicação.

Felizmente para nós, o Pan-Determinismo existe, do contrário não haveria absolutamente nenhum modo de se sair desse emaranhado de má comunicação em que uma pessoa se mete. A única maneira de se sair dele seria fazer com que outras pessoas se aproximassesem e falassem o suficiente e ir bastante a cinemas e procurar outro Auto-Determinismo que poderia comunicar e fazer a pessoa comunicar até que ficasse sadia. Entretanto, isto não precisa ser resolvido deste modo num sentido ilimitado. O estranho é que isto funciona na "imagem mental". Além disso, funciona melhor na imagem mental, pois na imagem mental introduzimos a idéia de Pan-Determinismo.

Quando pedimos a alguém que faça a idéia de que uma outra pessoa está presente, e que não está, e então lhe pedimos que faça essa pessoa dar-lhe respostas, descobrimos, depois de algum tempo, que algumas das principais aberrações apagaram do nosso préclaro. Na primeira parte, o préclaro na realidade está remediando a escassez de resposta -- ou as originações ou reconhecimentos de resposta, no caso de estarem sendo trabalhados -- e, assim, está desemaranhando as linhas de comunicação. A idéia de que ele faria a imagem mental da pessoa falar não teria nada a ver com isto. A comunicação poderia ser quase que pura algaravia, contanto que fosse uma resposta. Isto endireitaria o banco a um grau acentuado. O outro fator que entra nisto é o Pan-Determinismo. Na realidade, estamos fazendo o indivíduo criar uma imagem mental de alguma outra pessoa e fazendo alguma outra pessoa dizer alguma coisa. Por outras palavras, estamos fazendo nosso préclaro assumir o controle, o começar, mudar e parar de outro meio de comunicação. E com mais testes e experiências, descobrimos que podemos fazer isto para todas as Dinâmicas e quando tivermos feito isto para todas as Dinâmicas, teremos elevado o préclaro ao ponto em que ele está disposto a monitorar comunicações em todas as Dinâmicas. E quando está disposto a fazer isto, e obter originações, respostas e reconhecimentos de resposta em todas as Dinâmicas, verificamos que temos uma pessoa muito serena, que pode fazer as coisas mais extraordinárias. Qualquer coisa que você tenha lido sobre as capacidades potenciais do préclaro, e muito mais, se realizam quando seguimos este caminho.. Assim, somos muito felizes pela existência do Pan-Determinismo. Do contrário, não haveria processing para ninguém.

Lembre-se, quando estiver explicando isto para as pessoas, que é a disposição em controlar em toda e qualquer Dinâmica, e que não é um controle obsessivo ou compulsivo para possuir, pro-

teger ou ocultar em qualquer Dinâmica. Todos os males da terra originam-se de uma obsessão de possuir, controlar, proteger e ocultar em outras Dinâmicas além do Eu. O verdadeiro esclarecimento deste modo tem de vir da disposição de ser, em todas s Dinâmicas.

Uma coisa que confere veracidade ao Pan-Determinismo é a selvageria com que o aberrado tenta expulsar um indivíduo de qualquer coisa que se assemelhe ao Pan-Determinismo. Esta é simplesmente uma ação obsessiva por parte da pessoa para subir até o Pan-Determinismo pela força. Não se pode subir ao Pan-Determinismo pela força. A escada até essa altura não é feita de espetos, lanças, surras e forças policiais. É feita de Compreensão: Afinidade, Realidade e Comunicação.

CAPÍTULO XII

OS SEIS PROCESSOS BÁSICOS

Atualmente, o auditor deve ser versado em seis Processos Básicos e deve ser capaz de obter resultados com esses processos antes que possa esperar obter resultados com níveis mais altos de auditing.

Esses seis processos formam um caminho para além do auditor. Verificamos que eles compõem uma escala de tom. Esta escala de tom é como segue: em seus limites mais baixos e mais altos, seja por mímica, palavras ou imagem mental, temos a comunicação nos dois sentidos. Logo acima desta, ocupando uma posição de cerca de 1.1 a 1.8 no Gráfico de Avaliação Humana como aparece na "Ciência da Sobrevivência", Temos a "Linha Direta Elementar". Acima desta temos, de 1.8 a 2.5, o "Procedimento de Abertura de 8-C". Acima deste, de 2.6 a 3.0 temos o "Procedimento de Abertura por Duplicação". Acima deste, temos o "Remédio de Ter", de 3.1 a 3.5 e, acima deste, de 3.6 a 4.0, "Localizar Pontos no Espaço".

CARTA DOS PROCESSOS

Onde estão na Escala de ARC

Exteriorizado	
Localizar Pontos no Espaço	4.0
Localizar Pontos no Espaço	3.6
Remédio de Ter	3.5
Remédio de Ter	3.1
Procedimento de Abertura por Duplicação . . .	3.0
Procedimento de Abertura por Duplicação . . .	2.6
Procedimento de Abertura de 8-C	2.5
Procedimento de Abertura de 8-C	
Linha Direta Elementar	1.8
Linha Direta Elementar	1.1
Comunicação nos Dois Sentidos	1.0
Comunicação nos Dois Sentidos	-8.0
"Claro Instantâneo"	4.0
"Claro Instantâneo"	2.5

Ao auditar estes seis processos básicos, um Auditor torna-se suficientemente capaz de observar e comunicar que pode lidar (ou pode elevar o pré-claro ao ponto em que pode lidar) com o "processo subjetivo" que remedia a comunicação, ou o outro que é o "Claro Instantâneo".

O problema da psicose jamais pertenceu propriamente à Dianética, mas foi solucionado ali. O "Procedimento de Abertura de 8-C" e as técnicas de Mímica, tal como apresentados nos PAB's solucionam a psicose. Resolvem-na rapidamente e cuidam dela adequa-

damente, e neste caso não temos preocupações reais. A única razão porque entrariamos no campo da psicose seria descobrir até onde nossas técnicas funcionaram. Esses seis Processos Básicos também solucionaram a doença psicossomática e fazem outras coisas extraordinárias.

Tal como abordados de maneira mais completa em "A Criação da Capacidade Humana", disponível na HASI, esses Seis Processos Básicos formam o fundamento de todos os processos. Através deles, encontramos a comunicação nos dois sentidos em toda parte. Pode-se dizer, com toda honestidade, que não existe auditing sem comunicação nos dois sentidos.

O processo, a Comunicação nos Dois Sentidos em si, poderia ser subdividido em processos verbais e não-verbais. Os processos verbais incluiriam perguntas sobre o ambiente de tempo presente e a vida e os interesses do pré-claro, etc., e teriam uma resposta direta a cada pergunta, por mais prolongado que fosse o intervalo de comunicação. Por outras palavras, se iniciaria uma comunicação nos dois sentidos de modo a realmente fazer o pré-claro falar com o auditor. No caso das pessoas que têm grandes dificuldades neste sentido, temos técnicas não-verbais como a Mímica, na qual o auditor imita o pré-claro e convence o pré-claro a imitar o auditor. Vários processos são utilizados, como passar uma bola de um para outro, acenar com a cabeça, apertar mãos, sentar, ficar de pé, caminhar pela sala e voltar e sentar -- todos eles são eficazes.

Grande parte deste livro, "Dianética, 1955!" trata do tema da comunicação nos dois sentidos e todo o auditing destina-se a colocar o pré-claro em excelente comunicação nos dois sentidos; os instrutores podem ter alguma dificuldade em transmitir o "processo chamado Comunicação nos Dois Sentidos. Entretanto, é a própria simplicidade, pois tudo que se precisa é fazer com que o pré-claro realmente ofereça comunicação e responda as comunicações que lhe são oferecidas. Há sempre alguma coisa sobre a qual o pré-claro falará.

A imitação (mímica), especialmente quando usada nos psicóticos, é um tema de precisão. Não é um processo novo, é quase tão antigo quanto a psicoterapia, mas é irregular quando usado sem um conhecimento íntimo da validação. Pode-se dizer que aquilo que se valida acontece. A única força ou poder que a Vida tem é aquele que se deriva diretamente da escala superior da Compreensão. Quando a Vida desce a um ponto em que é incompreensível, não pode transmitir nenhuma compreensão. Compreender isto é essencial para um auditor. Deve entender que ele dá poder a tudo o que valida. Fizemos do engrama algo importante e, validando os engramas, na realidade, quando mal auditados, demos força e poder aos engramas. Assim acon-

tece com o psicótico. Imitar as coisas estranhas, esquisitas, bizarras e incomuns que ele faz é dar força e vigor a essas coisas. Não se pode salientar o suficiente que o auditor nunca deve imitar as manifestações estranhas, esquisitas e incomuns do psicótico. A única maneira como o auditor pode fazer a imitação funcionar de maneira sistemática, continua e rápida é validando o que o ambiente considera o concordado, o usual, o rotineiro, o comum. Talvez o psicótico esteja torcendo as mãos, loucamente, e vez por outra acenando levemente com a cabeça. O auditor, para imitá-lo, não torceria as mãos, mas acenaria levemente com a cabeça, porque um aceno é a manifestação concordada no ambiente, não o torcer de mãos. Se o auditor fizer isto, o pré-claro começará a acenar cada vez mais com a cabeça e torcer cada vez menos as mãos. Se o auditor começasse a imitar o psicótico torcendo as mãos, descobriria que o psicótico provavelmente pararia de torcer as mãos, mas faria algo muito mais bizarro. E se o auditor imita esta outra coisa muito mais bizarra, o psicótico simplesmente passará para outra ainda mais louca ou pode ficar totalmente imóvel, pois o único medo que tem é de tornar-se previsível. O psicótico está sob o controle de entidades, os circuitos-demônio. Tem um grão de sanidade presente, pois do contrário não seria capaz de funcionar nem um pouco. Portanto, as coisas que faz e são sadias devem ser imitadas, ~~xxxxxxxxxxxxxx~~ e, assim, reforçadas. Se um auditor conhece isto completamente e o pratica de maneira expedita, descobrirá que os psicóticos podem ser trazidos para a comunicação nos dois sentidos e passados imediatamente para o Procedimento de Abertura de 8-C, o processo adequado para psicóticos. O 8-C, embora não seja um processo de psicóticos, funciona neles. Entretanto, ao trabalhar o Procedimento de Abertura de 8-C no psicótico, o auditor deve tomar muito cuidado para não ultrapassar a parte "a" por um período muito prolongado de tempo.

Do processo conhecido como "Comunicação nos Dois Sentidos", passamos para o processo conhecido como "Linha Direta Elementar". O Linha Direta Elementar tem dois comandos básicos. Um destes comandos é usado continuamente, repetido, repetido, repetido e repetido até que o intervalo de comunicação esteja totalmente aplaudido e então o outro comando é usado repetidamente até que o intervalo de comunicação esteja totalmente aplaudido, quando então se verificará que o primeiro comando agora dará intervalo de comunicação. E, assim, é usado repetidamente ~~é~~ em seguida o segundo é usado repetidamente. Por outras palavras, o que fazemos aqui é usar este processo de Linha Direta Elementar com apenas dois comandos, continuamente, um comando de cada vez, aplaudindo cada intervalo de comunicação encontrado. Naturalmente, enquanto se está fazendo isto, mantém-se a comunicação nos dois sentidos. Ele reconhece o fato de que o pré-claro lembrou-se de algo e em geral está alerta para receber do pré-claro uma comunicação originada, respondê-la e

dar outras ordens. Os dois comandos da Linha Direta Elementar são: "Dê-me algo que você não se incomodaria de lembrar", "Dê-me algo que você não se incomodaria de esquecer". Pode-se variar isto com "Diga-me algo que você não se incomodaria de lembrar", "Diga-me algo que você não se incomodaria de esquecer". Esta Linha Direta Elementar é uma forma padrão. Se for alterada, deve ser-lo para a simplicidade. Uma forma simples de Linha Direta é "Lembre algo", repetidamente. Entretanto, não use "Esqueça Algo", ~~xxxxxxxxxxxxxx~~ porque é difícil demais para o préclaro. Outra forma ainda mais simples é aplicar "Lembre algo" à Dinâmica, tal como "Lembre um homem", "Lembre um grupo". O único erro que se pode cometer na Linha Direta Elementar é ficar extravagante demais, pois não se acredita que um auditor que tenha progredido até este ponto no auditing comeria um erro de comunicação. Há toda uma gama que chamamos de "A penúltima lista em Auto-Análise" publicada na edição original de "Auto-Análise" que, segundo se sabe, muitas vezes conduziu um neurótico para um estado sadio. É: "Você pode lembrar uma ocasião que é realmente real para você?", "Você pode lembrar uma ocasião em que estava comunicando bem com alguém?", "Você pode lembrar uma ocasião em que alguém estava comunicando bem com você?", "Você pode lembrar uma ocasião em que sentiu Afinidade por alguém?", "Você pode lembrar uma ocasião em que alguém sentiu Afinidade por você?". Mantendo isto na linha da Compreensão ou Afinidade, um caso progride mais rapidamente do que se dirigisse a emoção negativa e a outros fatores.

O Procedimento de Abertura de 8-C é um dos processos mais eficazes e poderosos jamais desenvolvidos e deveria ser reconhecido e usado como tal. O principal erro que se comete no Procedimento de Abertura de 8-C é não fazê-lo por tempo suficiente. São precisas cerca de quinze horas de Procedimento de Abertura de 8-C para pôr uma pessoa num estado de espírito completamente relaxado e Auto-Determinado com relação a ordens. O Procedimento de Abertura de 8-C é um processo de precisão. A etapa "a" do Procedimento de Abertura de 8-C é "Você vê aquele objeto?" com o auditor apontando. Quando o pré-claro responde que sim, o auditor diz "Vá até ele". Quando o pré-claro foi até ele, o auditor diz "Toque nele". Quando o pré-claro faz isso, o auditor diz "Pode soltar", e aponta para outro objeto -- uma parede, um abajur, dizendo-lhe o nome ou não, e repete o mesmo procedimento novamente. É importante que o auditor reconheça especificamente toda vez que o pré-claro executou o comando dado. Quando o pré-claro viu o objeto, quando foi até ele, quando o tocou, quando o soltou -- toda vez o auditor indica que percebeu e dá reconhecimento desta ação por parte do pré-claro. Esta etapa "a" é usada até que o pré-claro a realize com facilidade, suavidade e sem a menor variação ou sem a introdução de qualquer intervalo físico de comunicação, e demonstre por completo não ter

qualquer sensação perturbada sobre o auditor ou sobre os objetos da sala.

Após trabalhar "a" por um período de tempo suficiente para elevar o tom do caso, trabalha-se a Parte "b". A Parte "b" introduz a idéia de decisão. É notável que o "claro instantâneo" deve ser muito forte neste poder de decisão. É também notável que uma pessoa numa condição extremamente ruim não tenha poder de decisão. Os comandos da Parte "b" são: "Escolha um ponto nesta sala", e depois que o pré-claro o fez, "Vá até ele", e quando o pré-claro o fez: "Ponha seu dedo nele", e quando o pré-claro o fez: "Pode soltar". Cada vez, o auditor dá reconhecimento da conclusão do Comando pelo pré-claro, indicando "Muito bem", "OK" ou "Ótimo", deixando bem claro que notou, aprova e está reconhecendo que o pré-claro está cumprindo cada comando específico. Aprova, desde modo, um de cada vez. Trabalha-se o pré-claro nisto até não demonstrar qualquer intervalo físico de comunicação de qualquer tipo ao decidir o que tocar, como tocá-lo, etc.

A Parte "c" do Procedimento de Abertura de 8-C introduz mais decisões. É feita como se segue: o auditor diz "Escolha um ponto nesta sala", e quando o pré-claro o fez, o auditor diz, "Vá até ele". Quando o pré-claro fez isto, o auditor diz, "Decida quando você colocará seu dedo nele e faça isso". Quando o pré-claro fez, o auditor diz, "Decida quando vai soltá-lo e solte-o". A cada vez o auditor dá reconhecimento da conclusão de uma dessas ordens ao pré-claro.

Ao fazer o Procedimento de Abertura de 8-C o pré-claro não deve ter permissão de executar um comando antes que este seja dado, e deve-se manter uma comunicação nos dois sentidos. Como disse, o Procedimento de Abertura de 8-C é um processo muito poderoso. Se todos os auditores soubessem como fazer esse Procedimento de Abertura de 8-C e pudessem fazê-lo muito bem, teríamos acabado com a psicoterapia ali mesmo./ Esta nunca foi um problema sério para nós. Estamos tentando conduzir as pessoas ~~numa direção~~ muito mais além do que a psicoterapia jamais sonhou e a Dianética e a Cientologia não são psicoterapias, são processos que aumentam as capacidades das pessoas.

O Procedimento de Abertura por Duplicação tem como objetivo a separação do tempo, momento por momento. Faz-se isto mandando o pré-claro duplicar a mesma ação repetidamente com dois objetos diferentes. Na Inglaterra, este processo chama-se "Livro e Garrafa", provavelmente porque esses dois objetos familiares são os mais usados quando se faz o Procedimento de Abertura por Duplicação.

A primeira etapa do Procedimento de Abertura por Duplicação é familiarizar o pré-claro com os dois objetos, quanto à sua rea

lidade e sua capacidade de possuir-los. Faz-se o pré-claro manipulá-los, senti-los, familiarizar-se com eles, descrevê-los como objetos que ele está experimentando em tempo presente, não como algo relacionado com o passado. Um pouco de tempo dedicado a isto pode ser muito benéfico.

O auditor então inicia o que, para o pré-claro, antes que ele termine isto, tornar-se-ão algumas das mais detestadas frases que qualquer um poderia imaginar, mas que, quando o pré-claro termina isto, se tornarão frases como outras quaisquer. Muita gente acredita que o Procedimento de Abertura por Duplicação induz a hipnose. Isto porque, ao se trabalhá-lo, escoa-se o hipnotismo. Enquanto o hipnotismo está sendo escoado, o pré-claro pode sentir-se bastante hipnotizado. É o inverso exato do hipnotismo. O hipnotismo é um esforço para convencer o indivíduo a não fazer nada, a sentar-se imóvel e aceitar totalmente o influxo. O Procedimento de Abertura por Duplicação contém comunicação nos dois sentidos e, aliás, não funciona a menos que se faça comunicação nos dois sentidos com ele. O principal perigo ao se fazer comunicação nos dois sentidos no Procedimento de Abertura por Duplicação é que o auditor, ao introduzir comunicação nos dois sentidos nele, pode afastar-se consideravelmente do padrão estabelecido. Não deve fazer isso. Embora esteja mantendo comunicação nos dois sentidos, deve ater-se estritamente ao processo. Pode fazer o pré-claro dizer mais a respeito deles; pode fazer o pré-claro descrever várias coisas que se estão manifestando para o pré-claro; pode insistir que o pré-claro realmente saiba que acabou de pegar aquilo, mas deve ficar com esta seqüência de comandos de auditing, não podendo afastar-se deles sequer vagamente. Pode interpor outras conversações, mas nenhum outro comando de auditing no Procedimento de Abertura por Duplicação.

Os comandos de auditing são: "Você vê aquele livro?" diz o auditor apontando. Quando o pré-claro indica que sim, o auditor diz "Ande até ele". Quando o pré-claro o faz, o auditor diz "Apanhe-o". Quando o pré-claro o faz, o auditor diz, "Olhe para ele". Quando o pré-claro o faz (em geral estava olhando para ele, mas agora olha-o mais atentamente) o auditor diz "Qual é a sua cor?". Quando o pré-claro faz isso, o auditor diz, "Qual é o seu peso?". Quando o pré-claro faz isso, o auditor diz, "Qual é a sua temperatura?". Quando o pré-claro obedece, o auditor diz, "Ponha-o de volta exatamente como o encontrou". Concluída esta seqüência de ações, o auditor aponta para a garrafa. "Você vê aquela garrafa?" Quando o pré-claro obedece, o auditor diz "Vá até ela". Quando o pré-claro faz isso, o auditor diz, "Apanhe-a". Quando o pré-claro obedece, o auditor diz, "Olhe para ela". Quando o pré-claro faz isso, o auditor diz, "Qual é a sua cor?". Quando o pré-claro faz isso, o auditor diz, "Qual é o seu peso?". Quando o pré-claro deu o peso, o auditor

diz, "Qual é a sua temperatura?". Quando o pré-claro faz isso, o auditor diz, "Ponha-a de volta exatamente como a encontrou". Então o auditor aponta para o livro, "Você vê aquele livro?" e assim por diante, com ambos os objetos, usando esta exata seqüência de comandos. O auditor pode interpor "Descreva-o com maior precisão". O auditor pode, às vezes, mas não mais do que uma vez a cada quinze minutos, apontar para o livro, fazer o pré-claro passar por toda a seqüência com o livro e então apontar para o livro novamente, e fazer o pré-claro passar uma vez mais por toda a seqüência com o livro. Isto romperá a maquinaria automática que um pré-claro pode criar para compensar esse processo. Queremos manter o pré-claro fazendo-o, não as suas máquinas. Pedindo ao pré-claro que descreva o objeto, ou descreva sua temperatura mais precisamente em sua seqüência correta nesses comandos, as máquinas também são desmontadas e a vigilância e a atenção do pré-claro aumentam.

O auditor não deve omitir a permissão para que o pré-claro lhe dê suas próprias reações. O pré-claro parará, parecerá confuso. Cabe ao auditor, nesse momento, dizer "O que aconteceu?" e descobrir o que aconteceu, e então prosseguir com o processo, tendo dado reconhecimento à comunicação do pré-claro. Um auditor nunca deve ter medo de permitir ao pré-claro emanar uma comunicação e um auditor nunca deve deixar de dar reconhecimento de resposta à conclusão de uma ação de auditing, por menor que seja.

O Remédio de Ter é um processo extremamente eficaz pois remedia a capacidade do pré-claro de ter ou não ter à vontade. Às vezes os auditores interpretam este processo somente como um influxo. Isto porque o universo físico é um universo de influxo e é fácil demais para um auditor atribuir ao auditing e a todas as outras ações apenas características de influxo.

O modus operandi do Remédio de Ter é mandar o pré-claro fazer uma imagem mental de alguma coisa e empurrá-la para dentro de si, ou fazer uma imagem mental de alguma coisa e jogá-la fora. Não importa do que você o manda fazer uma imagem mental. O objeto pode ter significação ou não, conforme o caso. Os pré-claros que estão em tom baixo, se este for trabalhado neles -- e não deve ser -- têm a tendência de tornar muito significativas todas as coisas das quais fazem uma imagem mental. Não é a significação, é a massa que conta. Contudo, para manter o pré-claro interessado, ou ajudá-lo a fazer suas imagens mentais, um auditor pode designar coisas específicas, e assim faz.

Verificar-se-á que o nível de aceitação e o nível de expectativa do pré-claro monitoram de maneira bem definida aquilo do que ele faz imagens mentais, e o que ele pode puxar para dentro de si e o que ele pode jogar fora. Como os Boletins de Auditores Pro-

fissionais abordam, os processos de nível de aceitação podem ser combinados com o Remédio de Ter.

Os comandos do Remédio de Ter são como segue: "Faça uma imagem mental de um (planeta, homem, tijolo)". Faça uma cópia disso". "Faça uma cópia disso". "Faça uma cópia disso". E quando o pré-claro tiver de cinco a quinze cópias, "Junte-as todas". "Agora, puxe-as para dentro de você". Quando o pré-claro tiver feito isto por algum tempo, varia-se o último comando dizendo, "Jogue-as fora e faça-as desaparecer na distância". Por outras palavras, mandamos o pré-claro fazer uma imagem mental de alguma coisa e quando a fez, mandamos que ele faça uma cópia dela, faça outra cópia, outra cópia, e outra cópia, uma de cada vez, junte-as todas e puxe-as para dentro ou jogue-as fora. Continuemos este processo por algum tempo até que tenhamos certeza de que ele pode realmente jogar coisas fora ou puxá-las para dentro de si à vontade. Este é o Remédio de Ter. O Remédio de Ter não significa entupir o pré-claro com energia. Significa remediar sua capacidade de ter ou não ter energia. Trabalhado com significações específicas como dinheiro, mulheres, etc., pode-se remediar escassez específica do pré-claro. Mas lembre-se que a princípio elas podem ser tão escassas que no começo ele pode ter de desperdiçar grande quantidade delas antes que possa ter uma.

Numa unidade da consciência de estar consciente exteriorizada, trabalhamos o Remédio de Ter, mas de um modo um tanto diferente. Dizemos, "Crie oito pontos de ancoragem". Descrevemos para ela como queremos que estes sejam criados. Queremos que sejam criados de maneira a formar os ângulos de um cubo. Por outras palavras, estes oito pontos de ancoragem não são criados num grupo diante ou atrás do pré-claro, devem ser distribuídos ao redor dele. Quando o pré-claro fez isto, dizemos "Puxe-os para dentro de você". Prosseguimos nisto por muito tempo. Também mandamos o pré-claro exteriorizado fazer imagens mentais de oito pontos de ancoragem e lançá-los para longe de si. Um pré-claro exteriorizado pode ser muito infeliz com relação à sua falta de condição de ter e este último processo é usado para remediar essa perturbação.

O Remédio de Ter é uma técnica de exteriorização. Se for trabalhado num indivíduo por tempo suficiente, digamos, de oito a dez horas, provavelmente exteriorizará ao término desse período. Se você continuar a aplicá-lo como um processo exteriorizado, dado na segunda parte acima, ele então teria seu visão clareado e finalmente entraria numa condição excelente. É um processo e tanto. Todavia, lembre-se que este processo depende do pré-claro obedecer as ordens do auditor. A menos que o auditor tenha garantido isto através do Procedimento de Abertura de 8-C e do Procedimento de Abertura por Duplicação, as possibilidades de que o pré-claro realmente obedeça as suas ordens (embora fingindo fazê-lo) são muito poucas. Descobrimos,

na Dianética antiga, que o problema estava em o pré-claro deixar de cumprir as ordens do auditor. Os pré-claros fingiam obedecer as ordens do auditor mas, na realidade, não o faziam.

Não se deve tentar o processo conhecido como Localizar Pontos no Espaço em alguém que esteja passando por um período difícil e, quando se tenta, ele deve ser acompanhado do Remédio de Ter. Faz-se a pessoa localizar pontos no espaço por breve período de tempo e em seguida aplica-se remédios de ter, seguidos de localizar pontos no espaço, seguido de remédios de ter, em seguida localizar pontos no espaço. Esses dois processos, Remédios de Ter e Localizar Pontos no Espaço, na realidade andam juntos. Entretanto, o pré-claro eventualmente sobe para uma faixa mais alta onde pode localizar pontos no espaço sem remediar a condição de ter.

Os comandos de auditing são: "Localize um ponto no espaço desta sala". Quando o pré-claro localizou, o auditor diz: "Localize outro ponto", etc. Quando o pré-claro adianta-se no processo desta forma, dizemos: "Localize um ponto no espaço desta sala". "Vá até ele", e quando ele foi: "Ponha seu dedo nele". Quando ele fez isso: "Pode soltar".

O auditor deve perguntar ao pré-claro, quando este começa este processo, se o ponto tem qualquer massa, cor, temperatura, ou quaisquer outras características, ou "De que tamanho ele é?". O auditor pergunta isto para assegurar-se de que o pré-claro está realmente localizando um ponto, uma simples localização, não um ponto que tem massa, temperatura ou características. Uma localização é simplesmente uma localização, não tem massa, não tem cor, não tem qualquer temperatura. Quando pedimos ao pré-claro para localizar um ponto, a princípio seus pontos podem ter massa e temperatura. Não fazemos objeção a isto, simplesmente lhe perguntamos, com frequência, assim que descobrimos que seus pontos têm estas coisas, como os seus pontos estão indo, e lembramos, com tal pré-claro, que temos de remediar a condição de ter. Eventualmente, ele se moverá para um ponto onde simplesmente está localizando localizações.

Estes são os Seis Processos Básicos que um auditor tem de conhecer. Todos eles são processos muito poderosos, e cada um e qualquer um deles pode realizar as metas prefiguradas na "Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental". A essência desses processos é aplicá-los tal como apresentados, aplicá-los "puramente", mantendo todo tempo uma comunicação nos dois sentidos com o pré-claro. Os auditores fazem pequenas variações neste conjunto de processos, mas estes processos foram primeiramente desenvolvidos em teoria por mim, foram desenvolvidos na prática por mim, foram então transmitidos a muitos auditores para que os aplicassem, e muitos auditores foram treinados neles e em seguida esses processos fo

ram aperfeiçoados e examinados, aperfeiçoados e examinados até que apresentassem uma concordância muito ampla. Descobrimos que estes comandos, tal como você os tem aqui, são os melhores comandos que podem ser utilizados no processing de um pré-claro. A omissão de um auditor em duplicar, sua má vontade em duplicar, sua aflição com a duplicação em geral, com freqüência o conduzirão para um beco sem saída de variar um processo de maneira compulsiva ou obsessiva. Quando faz isto, pode esperar uma redução nos resultados. Atualmente, pela experiência de um número muito grande de auditores, o auditing é uma disciplina muito rigorosa para o indivíduo. Não é uma arte, e jamais será uma arte. É uma ciência de precisão. Antigamente, essa conversa toda sobre arte e intuição e instintividade custou o benefício do auditing para muitos pré-claros. Há muito tempo atrás, o auditing era tremendamente complicado, mas, não obstante, era preciso. Agora que é muito simples, continua sendo muito preciso.

Entre estes processos, uma compreensão do intervalo de comunicação e o Procedimento de Abertura de 8-C foram escolhidos como os dois processos a serem ensinados numa área muito grande que continha grande número de auditores. No passado, essa área fora digna de nota pelos estranhos resultados "obtidos" pelos auditores e pelas estranhas técnicas que eram utilizadas nela. Dois auditores foram enviados para essa área para ensinarem a todos o intervalo de comunicação e o Procedimento de Abertura de 8-C. Na realidade, esses dois auditores eram originalmente dessa área. Assim procederam e até esta data fomos informados de que várias vidas haviam sido salvas, que grande número de casos tinham sido salvos, e que toda a ciência estava olhando para aquela área específica simplesmente porque a área não ensinava nada a não ser intervalo de comunicação e o Procedimento de Abertura de 8-C, e daí por diante não fez nada a não ser isto. Nas imediações dessa área, dois auditores variaram o Procedimento de Abertura por Duplicação e informou-se que estavam tendo muita sorte com a variação, mas essas dois auditores não eram parte do grupo que aprendeu o Procedimento de Abertura de 8-C e o intervalo de comunicação, e os resultados que estão obtendo são muito menores que os resultados obtidos pelos seus próprios colegas bem próximo dali.

Poder-se-ia dizer que o único perigo real em auditing era o fracasso. O auditing é o começar, mudar e parar da aberração, ou a criação de capacidade. Atualmente, a criação de capacidade assume importância ao ponto em que a aberração deixa de ser vista e é esquecida. Mas o auditor que não obtém resultados está demonstrando para si mesmo que não pode controlar a aberração humana e a capacidade humana, e uma demonstração do seu fracasso para si mesmo é bastante

para torná-lo ligeiramente incapaz de cuidar das suas próprias dificuldades. Assim, é de enorme importância que tenhamos processos que, quando usados exatamente como apresentados, e usados com habilidade, produzam sistematicamente bons resultados nos pré-claros. Um auditor que os usa nos pré-claros fica cada vez melhor, mesmo quando não recebe, ele próprio, qualquer auditing -- algo que não acontecia em 1950. Quando você pode controlar a aberração em outras pessoas, quando você pode aumentar a capacidade de outros, você por certo não se preocupa com a sua. Um auditor que tem fracassos sistemáticos eventualmente recairá no auto-auditing, mas estes processos curarão até mesmo isto. Naturalmente, o auto-auditing é a manifestação de se trabalhar conceitos ou processos em si próprio. A pessoa faz isto porque passou a ter medo, pelo seu fracasso com outras pessoas, de sua capacidade de controlar seus próprios engramas, fac-símiles, pensamentos e conceitos. Não é necessário que um indivíduo se audite para poder controlar sua própria maquinaria.

Antes que alguém se aventure na direção de testar o "claro instantâneo", ou de fazer qualquer coisa sobre exteriorizar a unidade da consciência de estar consciente e, assim, fazer um claro, a pessoa deve estar perfeitamente versada nestes processos. Na realidade, qualquer um destes processos trabalhado por tempo suficiente provavelmente resultará numa exteriorização. Existem modos muito mais rápidos do que estes processos para se conseguir uma exteriorização, mas estes processos são preliminares deles. O pré-claro que não pode cumprir as ordens do auditor não ficará sentado fazendo um processo sem alterá-lo. A dificuldade com o pré-claro é que não pode duplicar, não pode obedecer as ordens do auditor, e quando o auditor lhe diz para trabalhar um conceito ou um pensamento, o pré-claro provavelmente assentirá pro forma e trabalhará algo totalmente diferente. Um exame bem atento do E-Meter de vários pré-claros que não estavam progredindo com os "processos subjetivos" revelou que todos e cada um deles jamais trabalhara o que o auditor lhes dissera para trabalhar. Tinham medo de obedecer ao auditor, tinham medo do que o auditor estava fazendo, tinham medo da capacidade dele. O Procedimento de Abertura de 8-C remedia este medo e traz a incapacidade e a indisposição do pré-claro à luz, onde devem estar.

No Procedimento de Abertura por Duplicação, freqüentemente temos um pré-claro "caindo fora da sessão" em que o auditor trabalhou uma quantidade insuficiente de Procedimento de Abertura de 8-C. Quando um pré-claro "cai fora da sessão" no Procedimento de Abertura por Duplicação, o auditor errou. Ele não trabalhou suficientemente o Procedimento de Abertura de 8-C. Que quantidade de Procedimento de Abertura de 8-C é bastante? Até que a pessoa esteja em ótimas condições como homo sapiens.

Lembre-se que, quer o comando seja físico ou mental, o auditor deve observar o intervalo de comunicação. No Procedimento de Abertura de 8-C, ele simplesmente repete o comando do processo até o fim, e então de novo, de novo e de novo, de tal maneira que aplaina qualquer intervalo que apareça. Não repete o comando no qual o pré-claro teve o intervalo. É mais fácil fazê-lo deste modo, é um processo melhor organizado quando feito deste modo. Por uma teoria muito rigorosa, o comando real em que o pré-claro teve um intervalo deve ser repetido novamente, mas não se faz isso.

Estes são os seis processos básicos que devemos conhecer antes que possamos ser auditores hoje em dia. São os processos que estão obtendo resultados. São os processos que estão fazendo homens capazes e mulheres capazes.

Estes processos podem ser variados em usos específicos no tocante à capacidade. Um dos seus usos, por exemplo, seria o de elevar a capacidade de um piloto em voar um avião, ou de uma pessoa em dirigir um automóvel, simplesmente fazendo-a aproximar-se, tocar e largar várias partes do objeto a ser controlado. Trabalha-se o procedimento exato dado acima do Procedimento de Abertura, só que o objeto a ser controlado é usado. Datilógrafos têm aprendido a datilografar melhor, pessoas têm aprendido a dirigir um automóvel melhor, e muitas outras capacidades têm sido recuperadas simplesmente trabalhando-se o 8-C. Podemos imaginar um pianista que estivesse ficando cansado, enfraquecido ou incomodado com sua música, voltando a tomar plena consciência dela simplesmente trabalhando o 8-C em seu instrumento ou instrumentos.

Se quiséssemos aumentar a capacidade de um vendedor, bastaria apenas trabalhar qualquer um dos processos acima em sua posição certa na escala de tom para aumentar a sua capacidade. Em geral, as capacidades aumentam quando eles são trabalhados.

Quando se trabalha qual processo? Deve-se ter uma cópia do Gráfico da Avaliação Humana da "Ciência da Sobrevivência" e conhecê-la bem para compreender precisamente onde se começa. Contudo, na prática corrente, um auditor simplesmente começa com a comunicação nos dois sentidos e, quando está obtendo respostas para suas perguntas e está falando livremente com seu pré-claro, passa para a Linha Direta Elementar, e da Linha Direta Elementar vai para o Procedimento de Abertura de 8-C.

Existe uma variação na comunicação nos dois sentidos. Se você tem dificuldade em fazer um pré-claro iniciar-se na comunicação nos dois sentidos, é muito fácil fazê-lo falar sobre problemas e, dos problemas, trabalhar o seguinte: "Que problema você

poderia ser para você mesmo?", "Que problema você poderia ser para outros?", trabalhando um e depois o outro cada vez, até o pré-claro compreender que ele poderia ser uma infinidade de problemas. Muitas pessoas ficam tão carentes de problemas que não soltam nenhum deles até saberem que podem criar problemas para às mesmas. Quando um caso está empacado, em geral está tendo muita dificuldade em abrir mão de um problema favorito porque sabe não poder tê-lo mais. Naturalmente, tudo isto está basicamente situado nas respostas. Não pode ter quaisquer respostas, de modo que precisa ter problemas e, em seguida, dos problemas ele finalmente chega a um ponto em que não pode ter sequer estes.

Qualquer um que queira ser um bom auditor deve estudar este capítulo atentamente, deve ter um exemplar de "A Criação da Capacidade Humana" e também deve adquirir "A Ciência da Sobrevivência" e estudá-los. A melhor maneira de se tornar um auditor é ser treinado como auditor. Descobrimos que isto tanto é assim que embora ainda ofereçamos um exame a qualquer um que queira fazê-lo, para o grau de Auditor Certificado Hubbard, ou Auditor de Dianética Hubbard, nunca esperamos que eles sejam aprovados -- pois nunca o são, muito embora ele seja sobre os mais simples elementos, como os que você tem à sua frente. Não há substituto para um bom treinamento.

CAPÍTULO XIII

O PROCESSING DA COMUNICAÇÃO

Ser examinar os Seis Processos Básicos, descobrirá que eles são processos de comunicação. A eficácia do 8-C origina-se do fato de situar, no âmbito do conhecimento, a comunicação com o universo físico. O universo físico não nos dá respostas de volta, mas o Procedimento de Abertura de 8-C remedia, em grande parte, a responsabilidade dessa situação de não-resposta, tornando o indivíduo cônscio do fato de que as paredes são simplesmente paredes, que cadeiras são cadeiras, assoalhos são assoalhos e tetos são tetos. O Procedimento de Abertura por Duplicação é o processing de outra faceta da comunicação: Terminais, o objeto (terminal) em Causa trocando fluxo com o objeto (terminal) em Efeito. A Linha Direta Elementar é simplesmente uma comunicação com o passado e de se assegurar respostas do passado; por outras palavras, usando o passado como um terminal. A condição de ser, em si, descreve a massa em um terminal, ou massas e Localizar Pontos no Espaço melhora a tolerância de uma ausência de terminal de comunicação.

Estes Seis Processos Básicos, como preparados, fazem um indivíduo subir uma escala gradativa de tolerância para cada vez mais comunicação. Uma vez que um préclaro tenha sido conduzido através deles, estará pronto para o processing direto de comunicação. Não está pronto para o processing direto de comunicação até ter passado por estes Seis Processos Básicos.

A capacidade de um indivíduo depende da sua capacidade de comunicar. A primeira e mais importante das capacidades mecânicas é esta capacidade de comunicação. Um indivíduo que não pode comunicar-se com algo se tornará vítima desse algo. Aquilo do qual uma pessoa se afasta neste universo torna-se, a um grau considerável, seu senhor. Aquilo que a pessoa teme torna-se senhor da pessoa. Se um indivíduo estivesse disposto a comunicar-se com qualquer coisa e tudo em todo o universo, estaria então livre em todo o universo. Além disso, teria um suprimento ilimitado de distâncias e terminais. Uma barreira, forçosamente, é algo para além da qual um indivíduo não pode comunicar-se. Quando vemos o espaço como uma barreira, sua ação total como barreira é a incapacidade do indivíduo em estar na outra extremidade daquele espaço ou fora daquele espaço. Quando vemos energia como uma barreira, simplesmente a vemos como algo que não permitirá a saída ou a entrada de um indivíduo. Quando vemos paredes de massa ou tempo como uma barreira, queremos dizer "impossibilidade imaginada de comunicação". Se você não imagina que não pode comunicar, então não pode haver uma barreira.

Ao mesmo tempo, somos colocados de encontro a esta charada: na ausência de comunicação, na ausência de intercâmbios de comunicação, na ausência de outros terminais, fluxos e terminais com os quais outros possam comunicar, uma unidade da consciência de estar consciente não está, por sua própria consideração, vivendo. A condição de viver é comunicação. Comunicação é condição de viver. Acrescentamos a isto os graus variáveis de Afinidade. Acrecentamos a isto Concordâncias e alcançamos Realidade, mas estas ainda são apenas significações incluídas na comunicação: Todo e qualquer tipo de significação pode ser incluído na comunicação para "dar uma razão para" comunicação. Estas "razões para" são simplesmente razões para um jogo, razões para ter comunicação.

À luz do conceito de Pan-Determinismo, vemos que um indivíduo tem de admitir que não pode conhecer do que outro está falando, se quiser comunicar com aquele outro, e depende da comunicação daquele outro. Por outras palavras, tem de fingir que não pode comunicar. Um indivíduo que tenha algum tipo de barreira ao seu redor deve fingir que não pode comunicar além dessa barreira. Na realidade, isto é nada mais nada menos que um pretexto. Essas barreiras são as sombras através das quais o peixe não se moveria. Os peixes poderiam ter nadado através dessas sombras, exceto pelo fato de que não acreditavam que pudessem penetrar para além das sombras. Poder-se-ia dizer que somente a crença é a razão para qualquer aprisionamento.

Entretanto, existem as mecânicas do aprisionamento e descobrimos que um aprisionamento deve ser uma barreira à comunicação. Um indivíduo torna-se preso em algo porque não acredita poder comunicar-se fora dele, ou se tornou fixado num terminal com ele próprio como terminal.

Em termos bem precisos, a razão porque um indivíduo é aprisionado tem a ver com a escassez de comunicação. Um indivíduo ainda está esperando, ainda está olhando para alguma coisa, esperando que ela se comunique com ele. Não se comunicou e ele, eventualmente, desviou ligeiramente a sua atenção dela para outra coisa que ele espera que se comunique com ele. E quando esta não o faz, ele espera comunicação e então a encontra alhures, mas cada vez que estabelece uma dessas linhas de expectativa, fica num pequenino grau preso contra o terminal do qual estava esperando, mas não recebeu, comunicação. Assim, temos todo um fardo conhecido como a mente reativa, toda a anatomia das estrias ("ridges"), e qualquer outro mecanismo enturbulativo, e mesmo os próprios problemas, sendo, aparentemente, uma cadeia interminável de escassez de comunicação.

O que é escassez específica numa linha de comunicação? Não há nenhuma escassez de silêncio. Qualquer pessoa tem um excesso muito grande de silêncio. Pode-se conceber o silêncio como um estado natural de um thetano -- uma unidade da consciência de estar consciente -- mas não é, pois evidentemente um thetano só está vivo na medida em que está comunicando, é ação -- concentrado apenas no grau em que está vivendo. Descobrimos que as pequenas células do corpo consideram-se como sendo os próprios espelhos da verdade quando estão mais silenciosas. Temos aqui um teste interessante e singular no qual o auditor manda o pré-claro fazer uma imagem mental, em qualquer área que contenha um somático, de grande número de respostas ou comunicações originadas dessas "células mortas" e descobrimos esta área sobre carregada de somático retornando à vida, despertando, tornando-se novamente ativa. Isto em si é um específico para todos os tipos de somáticos. Tudo que se tem de fazer é mandar o pré-claro imaginar respostas nessas áreas de células mortas. Uma verdade final que é estudada em maiores detalhes em "A Criação da Capacidade Humana" é um Nada, mas esta verdade final não é Vida. Vida é composta desta consideração de que a pessoa não pode comunicar, que precisa comunicar. É composta desse intrincado emaranhado de comunicações e de barreiras auto-erguidas que nos dão jogos. Quando ficamos por demais imersos nesse jogo, quando as respostas ficam totalmente escassas, esquecemos-nos de que fomos nós que introduzimos a idéia de que não havia respostas a serem dadas.

Os silêncios não são processados. Existe silêncio em demasia na trilha. Lembre-se disso: ele não é processado. Você pode encher o silêncio, mas o silêncio em si é morte. Quando você processa o silêncio, processa o pré-claro descendo para a morte e não subindo para a vida. A maneira de processá-lo de modo ascendente para a vida é fornecendo uma escassez de comunicação. Quando encontramos pré-claros que estão nas piores condições são os pré-claros mais silenciosos, os que estão mais fora de comunicação. Estão mais próximos da morte, mais próximos da aberração. A maneira de torná-los vivos novamente é fornecendo um pouco da escassez de comunicação. Para um pré-claro que está em condição muito ruim, ou na prática normal, qualquer pré-claro que você encontre, usará a primeira das Seis Etapas Básicas para fazer o indivíduo subir até algo que se aproxime de uma camada de comunicação tolerável. E em seguida você passaria imediatamente para o remédio de escassez de comunicação, fazendo-o criar, ele próprio, uma imagem mental, mesmo que apenas como idéias das várias partes de um ciclo de comunicação nos dois sentidos.

As partes de um ciclo de comunicação que têm de ser

remediadas são: (1) comunicação originada, (2) pessoas com as quais comunicar ou outras unidades da consciência de estar consciente com as quais comunicar, (3) respostas, (4) reconhecimentos de resposta e, adicionalmente, mas não tão importantes, (5) chegadas, (6) partidas.

Não é necessário que o pré-claro tenha a capacidade de fazer imagens mentais ou esforçar-se e ouvir som de fundo. Por outras palavras, sônico e visão não são necessários para este processo. Tudo o que é necessário é a idéia de comunicação. Você pode dizer-lhe para fazer uma imagem mental de uma "idéia verbalizada".

Um pré-claro selecionará, ele próprio, as partes (2), (3), (4), (5) e (6) se simplesmente se lhe disser para "fazer uma imagem mental de pessoas falando". Ele, alternadamente, fará pessoas respondendo, pessoas dando reconhecimento de resposta, pessoas saudando-o, e pessoas dizendo-lhe adeus. Como o pré-claro está muito bai so na Escala de Tom em origem e idéias e, devido ao "nível de necessidade", outras forças determinadas têm sido necessárias para pô-lo em comunicação, é provável que, sozinho, não localizará a originação de comunicação e o auditor terá de chamar sua atenção para isso.

Lembre-se que não se faz isso num pré-claro que não tenha primeiramente passado pelos Seis Processos Básicos, pois um auditor, ali sentado pedindo ao pré-claro para fazer imagens mentais de respostas, reconhecimentos de respostas ou de comunicações originadas, não poderia, sob outros aspectos, ter certeza de que esteja realmente fazendo isso. Ademais, é muito provável que a atenção do pré-claro se desvie para várias partes do seu próprio banco, pois esse banco começa a despedaçar-se sob o impacto de todas essas comunicações.

Deve-se manter o pré-claro em sua tarefa. Suas imagens mentais de comunicações devem ser mantidas simples e fora de significações profundas e, se sua atenção parece fixar-se em fluxos e ele comece a "lutar com massa", o auditor deve levá-lo de volta à criação de imagens mentais de comunicação o mais depressa possível.

Que grau de originalidade se requer de um pré-claro na criação de imagens mentais de qualquer dessas comunicações, respostas ou reconhecimentos de respostas originativos? A resposta a isto é "nenhum". Não é necessária nenhuma variedade. Simplesmente a idéia de comunicação, com algum tipo de idéia específica sendo comunicada é tudo o que é necessário. Fazendo o pré-claro, ele próprio calado, criar uma imagem mental de alguma coisa diante dele dizendo "Alô", e dizendo "Alô" novamente, e dizendo "Alô" novamente, e fazendo-o criar esta imagem mental atrás dele dizendo "Alô", e dizendo "Alô", e dizendo "Alô", seria

bastante adequado como comunicação originada. Fazer o pré-claro criar uma imagem mental de qualquer banalidade como "Muito bem" ou "O.K.", serve muito bem tanto para respostas como para reconhecimentos de resposta. Não estamos nada preocupados com a significação da comunicação. Não queremos comunicações compridas e rebuscadas. O pré-claro tentará entrar nelas. Também tentará entrar em seu banco pré-natal, em sua primeira infância e em oito vidas atrás. Não queremos que faça isto, queremos que continue fazendo imagens mentais de comunicações originadas, respostas e reconhecimentos de respostas. Estamos validando capacidade, não estamos tentando livrar de incapacidades em seu passado. Estamos tentando aumentar sua capacidade de comunicar no presente, originar comunicações e aceitar um Pan-Determinismo de todos os terminais comunicantes. Não estamos tentando fazê-lo fugir de qualquer coisa no passado. Sei que um Dianeticista da antiga terá muita dificuldade em conter-se em trabalhar o pré-natal que aparece imediatamente depois do pré-claro ter algo dizendo-lhe "Alô" quinze ou vinte vezes. Atualmente, é tarefa do auditor fazer o pré-claro continuar mantendo o pré-claro ou alguma coisa dizendo "Alô" ou "OK" ou "Eu fiz" e ignorar aquele engrama. O número de engramas que surgirão e começarão a escoar é incontável. O auditor não está interessado nestes. Naturalmente, se o pré-claro quer falar com o auditor a respeito deles, o auditor deve permitir que origine a comunicação e deve responder-lhe apenas para fazer o pré-claro originar comunicação. Não deve permitir ao pré-claro continuar indefinidamente e falar sobre o que aconteceu, assim que o pré-claro lhe tenha contado os elementos essenciais do mesmo. O auditor quer fazer com que o pré-claro volte a fazer imagens mentais de originações de comunicações, respostas e reconhecimentos de resposta. O auditor também está fazendo o pré-claro criar uma imagem mental de alguma coisa com a qual falar enquanto está fazendo isso, um ponto do qual se cuida automaticamente e que não é abordado de maneira real e ativa no auditing. Naturalmente, se existe um ponto ali no ar dizendo "Alô" ou "OK", ou "Eu fiz", o pré-claro está supondo que existe alguma coisa viva ali que lhe pode dizer "Alô".

Toda espécie de máquina de pensar, grandes massas negras, fogo branco e verde, esferas púrpuras, estrelas cadentes, foguetes subindo, podem aparecer no banco do pré-claro enquanto ele está passando por este processo. O auditor não está interessado nestes fenômenos; está interessado apenas em fazer o pré-claro criar imagens mentais de mais comunicação.

Não importa se o pré-claro diz estas comunicações em voz alta ou apenas as mantém calmamente para si. O som é um subproduto da comunicação. É a onda portadora da comunicação e não a comunicação em si.

Pode-se trabalhar algumas variações interessantes disso, mas não são aconselháveis e, na verdade, infringem os termos deste processo, mas demonstram quanto poder esse processo tem. Manda-se o pré-claro dizer em voz alta "OK, mamãe" algumas centenas de vezes. Ele ficará espantado com a quantidade de variações que ocorrerão, com os intervalos de comunicação, impaciência, raiva, a quantidade de dados que aparecerão sobre a mamãe. Mas esses dados que estão saltando são apenas o banco que foi levado a concordar com o que o pré-claro está fazendo nesse momento. Por outras palavras, é estímulo-resposta. A restimulação é estímulo-resposta e é abordada detalhadamente em "Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental". Poderíamos eliminar um aliado, poderíamos fazer praticamente qualquer coisa que quiséssemos fazer no Livro Um, com este processo de remediar a escassez de comunicações.

Outro ponto surge imediatamente, sobre se a Condição de Ter precisa ou não ser remediada no pré-claro. Não se verificou ser necessário remediar a condição de ter do pré-claro se se está realmente remediano a escassez de comunicação. Isto é muito estranho, pois o banco do pré-claro, sendo composto de linhas emaranhadas e incompletas de comunicação, começa a se desfazer assim que você começa a remediar a escassez de comunicações originadas, respostas e reconhecimentos de resposta. Algumas dessas massas negras que o pré-claro manteve carinhosamente à sua frente, desaparecem para sempre, mas o pré-claro não precisa que se remedie sua massa. A razão porque ele teve de ter massa foi para compensar a falta de comunicação. Onde você teve uma falta de comunicação pode vir a ter massa. Como exemplo disso, uma pessoa perde um aliado e então conserva consigo um anel que pertenceu àquele aliado. O anel é um terminal de comunicação substituto para aquele aliado. Após algum tempo, a pessoa começa a crer que realmente precisa ter massa; ela não tem de ter massa alguma. O remédio da escassez de massa cura uma pessoa de ter de ter massa, de ter de comer compulsivamente ou de fazer qualquer outra coisa obsessivamente.

Juntamente com o remédio de comunicações originadas, a imaginação do pré-claro sobe marcadamente e, assim, é capaz de imaginar novos jogos e novos modos de comunicação com rapidez suficiente para compensar os velhos jogos que você está tirando dele. Na realidade, o pré-claro, sendo um pré-claro, é um jogo, talvez mesmo o jogo de último recurso em que o indivíduo poderia empenhar-se.

Quando o auditor manda o pré-claro trabalhar reconhecimentos de resposta, a frase é "Eu o fiz". Isto remediará as dificuldades com a responsabilidade. Toda automaticidade origina-se da falta de reconhecimentos de resposta (jogadores ausentes, jogadores secretos).

Em vista do fato de que Pan-Determinismo é controle em todas as Dinâmicas, e pelo fato de que controle é começar, mudar e parar, pode-se fazer o pré-claro parar de fazer as coisas comunicarem por um momento e então mudar a comunicação e depois começar novamente. Isto dá ao pré-claro a prática em começar, mudar e parar.

O comando de auditing que acompanha isto é, simplesmente, "Faça imagens mentais de algumas respostas". "Faça imagens mentais de algumas comunicações originais". "Faça imagens mentais de alguns reconhecimentos de resposta", com orientação verbal suficiente para dar ao pré-claro a idéia de que você não quer ação nova, espantosa ou difícil, mas apenas a simples colocação de idéias de comunicação como "Alô" perto pré-claro, repetidamente.

Os comandos de auditing exatos para as comunicações de processo são: Comunicação Originada: Auditor: "Ponha alguém ali" (indicando um ponto no ar) "começará dizer 'Alô' para você". O pré-claro faz isso, ele próprio calado. Quando o processo estiver bem trabalhado: Auditor: "Comece a dizer 'Alô' para um ponto vivo ali". O pré-claro em voz alta, ou como ele próprio, faz isso.

Respostas: Auditor: "Faça um ponto ali começar a dizer 'OK' para você". O pré-claro faz isto muitas vezes. Auditor: "Comece a dizer 'OK' para um ponto ali".

Reconhecimentos de resposta: Auditor: "Faça um ponto ali começar a dizer 'Eu o fiz'". Quando o pré-claro tiver feito isto muitas, muitas vezes: Auditor: "Comece a dizer 'Eu o fiz' para um ponto ali".

O comando que liga um somático, repetido o bastante, o desligará.

Quando em dúvida, faça remédio de ter.

Este é o processo de comunicação, de maneira direta. Lembre-se de que é feito depois que já se fez os Seis Processos Básicos. Lembre-se de que se mantém comunicação nos dois sentidos com o pré-claro enquanto é feito e lembre-se de que o pré-claro deve ser auditado na compreensão e prática plenas do Código do Auditor de 1954. Se fizer isto, você terá claros.

CAPÍTULO XIV

O CLARO INSTANTÂNEO

A meta do "claro instantâneo" tem nos acompanhado desde os primeiros tempos da Dianética. Por "claro instantâneo" referimo-nos a uma frase ou uma ação dada uma vez, ou repetida, que daria origem ao claro, tal como descrito em "Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental", Capítulo 11.

Já agora, devemos compreender que o claro descrito em "Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental", Capítulo 11, é, na realidade, o theta exteriorizado da Cientologia. A maneira de se tornar alguém um claro é tirá-lo da influência do seu banco reativo e da sua maquinaria analítica. Quando uma pessoa é tornada clara deste modo, seu nível de conhecimento é suficiente para superar a necessidade de maquinaria e a necessidade de mecanismos de estímulo-resposta como contidos na sua mente reativa.

Há muito temos tido um "claro instantâneo" para cinqüenta por cento da raça humana. Tudo o que dizemos para a pessoa é "Esteja um metro atrás da sua cabeça". Se ela estiver, ela se orienta, sabe que não está em seu corpo, sabe que não precisa estar contra a sua mente reativa, foi retirada da armadilha. Naturalmente, há muitas outras coisas que você poderia fazer para aumentar ainda mais sua capacidade e orientá-la nesta posição, mas isto não é da competência imediata da Dianética. Quando uma pessoa está exteriorizada deste modo, também pode examinar o corpo e consertar nervos contraídos, áreas negras, reorganizar os pontos de ancoragem que criam e mantêm o espaço do corpo, e assim reparar um corpo de maneira excelente. Entretanto, a finalidade da exteriorização não é simplesmente fazer uma pessoa consertar a máquina conhecida como corpo.

"Esteja um metro atrás da sua cabeça" é uma combinação estranha e interessante de palavras. Evidentemente, esta simples combinação não fora antes conhecida do homem. É notável que não se diga "Mova-se para um metro atrás da sua cabeça" porque a unidade da consciência de estar consciente não se move, aparece e desaparece dos locais.

Se a pessoa usa esta técnica do "claro instantâneo", deve ser informada de que não deve perguntar ou esperar da pessoa recém-exteriorizada várias coisas estranhas ou impossíveis. Não lhe deve pedir para sair achando coisas. Não lhe deve pedir para provar que está exteriorizada. A pessoa diz que está -- e isto é tudo. Naturalmente, em Cientologia, na Rota 1, tal como aparece em "A Criação da Capacidade Humana", passamos a melhorar a capacidade dessa unidade da consciência de estar consciente ex-

teriorizada ao ponto em que a chamamos de "Thetano Operante". Fa-
zemos isso trabalhando muitos treinos e exercícios que melhorarão
sua percepção. Todavia, o processo de respostas, ou mesmo os Seis
Processos Básicos, poderiam ser trabalhados na pessoa depois que
ela se exteriorizou e sua exteriorização aumentará notavelmente e
ela entrará numa condição ainda melhor como pessoa exteriorizada.
Se você fosse dizer "Esteja um metro atrás da sua cabeça" para al-
guém, e ele fizesse isto, a próxima coisa que você faria seria
passar para a Linha Direta Elementar e depois para o Procedimento
de Abertura de 8-C e, em seguida, para o Procedimento de Abertura
por Duplicação, em seguida, o Remédio de Ter e, depois, Localiza-
ção de Pontos no Espaço e, depois, Respostas ou, como apresentado
no último capítulo, "Remédio de Comunicação". Se você fizesse es-
tas coisas tal como apresentadas neste livro, teria uma espécie
de claro estável. Não daria atenção ao fato de que ele era um
claro. Aliás, se você fosse trabalhar qualquer um desses Seis
Processos Básicos por tempo suficiente, e certamente se você tra-
balhasse respostas por qualquer período de tempo após ter tra-
balhado estes Seis Processos Básicos, teria alguém exteriorizado.
Uma coisa estranha é que não há discussão sobre exteriorização.
Qualquer discussão que tem havido nasceu da observação, pelo psi-
quiatra, da "exteriorização compulsiva" por uma pessoa que de tal
forma detesta o próprio corpo que ficou fora dele. Sabe-se de psi-
quiatras que têm aplicado choques elétricos e outros "tratamentos"
às pessoas para recolocá-las dentro de seus corpos. Este nível de
punição, tentando fazer uma pessoa aceitar alguma coisa à força,
não funciona. Mas é claro que nada na psiquiatria jamais funcio-
nou, exceto as contas bancárias. Mas esta "exteriorização compul-
siva" é uma manifestação do que chamamos, em Cientologia, de "Su-
mir-se", em outras palavras "dar o fora". Vez por outra você en-
contrará isto, mas não o encontrará se trabalhar os Seis Proces-
sos Básicos antes de passar para a exteriorização.

O espantoso é que existe um "claro de um comando" para
os cinqüenta por cento restantes, mesmo que ele tenha de ser repe-
tido muitas vezes. Tenho estado desenvolvendo e testando isto há
algum tempo e o mantive na prateleira até o momento em que tivés-
semos número suficiente de auditores competentes para usar o pro-
cesso de maneira inteligente.

Esta é uma técnica de claro instantâneo porquanto se usa
um comando e, assim, obtém-se o claro e, após o claro, até o está-
gio da exteriorização ter sido realizado, simplesmente se continua
usando o mesmo tipo de comando. Trata-se de um processo altamente
eficaz, um processo muito violento. Teoricamente, deveria funcio-
nar em qualquer nível de caso. Na prática, os casos psicóticos,
neuróticos, ou de pessoas seriamente fora de comunicação, recebem-

no com considerável dificuldade e não é recomendado para eles, mas funcionaria neles se pudesse ser-lhes comunicado. (Nessas pessoas usa-se somente o Procedimento de Abertura de 8-C.)

A base para este processo é a observação de que o universo de MEST é um jogo. Pode-se ter um jogo e conhecê-lo. Pode-se estar num jogo e não saber disso. A diferença é seu determinismo.

Os jogos exigem espaço e condição de ter. Um jogo requer outros jogadores. Os jogos também requerem habilidade e conhecimento de que são jogos.

É necessária condição de ter para se ter terminais para quem jogar e para continuar jogando.

Quando um jogo termina, o jogador conserva fichas. São as esperanças do jogo recomeçar. Quando essa esperança morre, a ficha, o terminal, está oculto. E ele se torna automaticamente um jogo que continua abaixo do nível de conhecimento. Na verdade, a pessoa nunca para de jogar qualquer jogo, uma vez iniciado. Joga jogos antigos em segredo - inclusive de si mesma -- enquanto está jogando ou não os novos. O único jogo real que se pode ter é em tempo presente. Todos os outros estão no passado. Ansiedade por um jogo leva a pessoa para o passado.

O comando é: "Invente um jogo" e quando o préclaro obedecer, repetir "Invente um jogo". Em seguida: "Faça uma imagem mental de uma outra pessoa inventando um jogo".

Tendo estabelecido o fato de que uma sessão de auditing está em andamento, e estabelecido uma ligeira comunicação com o préclaro, o auditor diz: "Invente um jogo". Quando o intervalo de comunicação nisto foi aplaudido, o auditor então usa o comando "Faça uma imagem mental de outra pessoa inventando um jogo". Esta é a única frase que pronuncia, mas naturalmente entra em comunicação nos dois sentidos com o préclaro quando este último tem algo a lhe dizer. Um auditor tem de ser um bom auditor para usar este processo. Só porque se trata de um simples processo de "um comando" não é razão para que funcione para um auditor que não está familiarizado com o Código do Auditor, nem com a comunicação nos dois sentidos e tenha alguma experiência em níveis mais básicos de processing.

Usamos este processo como remédio para a escassez de jogos e usamo-lo com plena consciência dos processos envolvidos na comunicação nos dois sentidos.

Trata-se de um processo massacrante que requer de cinco a dez horas nos casos difíceis paraoccasionar uma compreensão da existência.

Este não é, necessariamente, um processo recomendado. É um processo viável, funciona, é rápido, mas lembre-se de que tem a fragilidade de fracassar quando não se mantém a comunicação nos dois sentidos com o pré-claro; fracassará se o pré-claro, ao fornecer informações, não obtém a atenção do auditor; fracassará se o auditor não der reconhecimento de resposta ao fato de que o pré-claro fez isto. Mas se estas coisas forem levadas em conta, funcionará.

O pré-claro pode abusar deste processo. Pode desviarse dele. Pode ficar ali sentado na cadeira de auditing e fazer outras coisas, mas dependemos da habilidade do auditor para cuidar a fim de que o pré-claro não esteja fazendo outras coisas e esteja realmente fazendo o processo.

O pré-claro "limpará seu banco" em lugar de inventar, terá dúvidas de que esteja inventando. Mas insistimos -- e vencemos.

CAPÍTULO XV

PROCESSO DE ARC

Se examinarmos a comunicação descobriremos que todo intervalo de comunicação é a introdução de Matéria, Energia, Espaço e Tempo na comunicação. Quanto mais tempo for introduzido na comunicação, menos comunicação há.

Como exemplo disto, digamos que uma estrela em alguma outra galáxia explode e, então, nos permite verificar a duração de tempo necessária para uma pequena quantidade de partículas daquela explosão chegar à terra através do grande espaço. Quase incontáveis anos-luz se passam antes que essa linha de comunicação se tenha completado. É uma comunicação muito, muito, muito demorada. Não é necessariamente um intervalo de comunicação porque o deslocamento das partículas não é interrompido. Não há VIAS. Na realidade, o próprio MEST não tem um intervalo de comunicação, é totalmente um intervalo de comunicação.

Quanto mais este tipo de coisa entra na comunicação, pior fica o préclaro. Assim, podemos ver que o assunto do próprio MEST é um fator aberrativo.

Quando examinamos barreiras, verificamos que são Matéria, Energia, Espaço e Tempo. Descobrimos que podemos superar as barreiras de Matéria, podemos subir paredes ou atravessá-las. Podemos de algum modo, enfrentar ou atravessar barreiras de energia. Descobrimos que mesmo o espaço tem limitações, até quando parece ser ilimitado como o espaço deste universo (e o espaço deste universo parece ser tão grande quanto uma pessoa supõe que seja, ao passo que, na realidade, para um thetano que pode sair fora dele, é do tamanho de uma caixa de fósforos para uma criança). A única barreira que descobrimos ser difícil de contornar é o Tempo.

A definição e a compreensão básicas de Matéria, Energia, Espaço e Tempo não ^{são} particularmente pertinentes neste livro. São abordadas num nível teoricamente mais alto na Cientologia, mas a essência do tempo é que ele é medido e marcado pelo movimento de partículas no espaço. O espaço e as partículas de energia são necessárias para se ter tempo mecânico, mas o que é o tempo basicamente? O tempo, na realidade, é uma consideração. Existe tempo porque se considera que o tempo existe.

Você deve examinar atentamente o universo físico para descobrir que a razão porque está sempre aqui é porque cada partícula dele, cada centímetro cúbico do espaço dele, está no sempre. O universo físico não se está movendo através do tempo, está preso no tempo. Toda e qualquer parte dele está fixa num agora que dura

eternamente. As únicas mudanças reais que ocorrem no universo físico são as introduzidas pela Vida. Podemos discutir a respeito disso se quisermos, mas estamos interessados, aqui, num conceito que nos conduz a um processo viável.

Descobrimos que o tempo existe para o indivíduo na medida em que o indivíduo faz tempo. O tempo é uma coisa alter-determinada para quase todas as pessoas vivas. Depende de relógios, depende do nascer e do pôr do sol, depende de toda sorte de mecanismos para lhe dizerem que horas são. Na realidade, quanto mais vezes se diz a uma pessoa que horas são, mais ela se torna dependente de alguma outra consideração e, assim, entra para sempre naquela consideração. Quando para de considerar que está fazendo tempo, quando para de fazer tempo por considerações, está se fazendo cair dentro de uma condição-de-eternidade. Tem cada vez menos movimento; tem cada vez menos determinismo. O tempo é uma barreira muito insidiosa porque sua aparência diria a um indivíduo que o tempo é criado pelo movimento de coisas. Na realidade, não é, é criado por uma consideração de que coisas estão se movendo.

O remédio da barreira de tempo produz um efeito espantoso sobre um pré-claro. Quando o auditor está auditando um desses dois comandos do "claro instantâneo" (o dado no último capítulo e o dado neste capítulo) ele topará com um bocado de complicação sobre o assunto do tempo. Uma pessoa a quem se diz ter algumas complicações por decisão, eventualmente entrará no fato de que a coisa mais complicada na qual pode entrar é tempo e, assim, este é um jogo muito satisfatório. Poderia processar este fator diretamente.

Este processo é a essência da simplicidade. Tem um comando. O comando é "Faça algum tempo". É só isso. Não se aconselha ou ensina o pré-claro como fazer algum tempo. Aceita-se/como resposta que o pré-claro decide fazer tempo. Mantém-se comunicação nos dois sentidos com o pré-claro e responde-se os comentários que o pré-claro tenha a respeito. Toma-se o cuidado de não avaliar pelo pré-claro e lhe dizer como fazer algum tempo. Não se dá exemplo de fazer tempo. Simplesmente manda-se o pré-claro fazer algum tempo.

Em alguns casos, este processo tem de ser trabalhado por muitas horas, antes que o pré-claro adquira controle parcial da barreira do tempo. Quando faz isto, naturalmente adquire algum controle do seu banco de engramas e das suas considerações.

Naturalmente, a feitura de tempo põe em movimento todas aquelas massas silenciosas ou imóveis que estão penduradas no pré-claro e que na realidade mantêm unido o seu banco reativo.

Esta é uma grande piada do pré-claro para com ele mesmo, pois o universo que ele faz o tempo todo, ele perceberá sempre. Possivelmente, não pode sair de fase com "sempre", se estiver em contato com a condição-de-eternidade do espaço e das massas de energia das quais este universo é composto. Quando começa a protestar contra o universo em geral, começa a protestar contra a condição-de-eternidade que inclue todo o tempo e, assim, recua para tempos anteriores quando estava fazendo tempo, para ele próprio ter algum tempo.

"Faça algum tempo" é um processo com ramificações espantosas.

Mas lembre-se, o tempo é uma barreira. Pode-se também dizer "Faça algum espaço", "Faça alguma energia", "Faça alguns objetos", "Faça alguns terminais", e ter ganhos num pré-claro. Mas são barreiras. Embora um jogo exija barreiras, o pré-claro já as tem em demasia no passado, e muito poucas no presente.

Barreiras não são vida.

Temos de usar três regras fundamentais no processing:

- (1) Faça processo para a verdade; (2) Faça processo para a capacidade; (3) Faça processo para vida.

Os comandos de auditing devem dar ênfase à verdade, capacidade, vida.

Não faça processo para enthetas, somáticos crônicos, dificuldades. Ignore-os.

A única coisa de errado com o pré-claro é sua atenção estar fixada em barreiras de MEST: Sua liberdade depende de pôr sua atenção na liberdade ou no tempo presente. Eis aqui dois comandos de auditing. Qual é o correto: (1) Encontre algumas coisas que você não pode fazer". (2) "Encontre algumas coisas que você pode fazer".

O segundo é correto. O primeiro quase deixa o pré-claro tonto. Por que? Porque ele se concentra numa mentira. Um pré-claro pode fazer qualquer coisa!

Um pré-claro tem uma perna doente. Qual é o processo certo? (1) "Toque as costas da sua cadeira", (2) Lembre uma ocasião em que alguém feriu a perna".

O primeiro é correto. É mais rápido. Por que? Porque processa para capacidade.

Temos um pré-claro que está apático. Qual processo é o certo? (1) "Quem costumava ter dores de cabeça?" ou (2) "Sinta o chão sob seus pés". O segundo é correto porque processa para vida, não para doença.

Aquilo em que o auditor se concentra durante o auditing se realiza. Portanto, o processing de MEST dá novas barreiras. O processing de vida dá nova vida.

O processing de barreiras nos dá processos limitados. O processing de vida nos dá processos ilimitados. A Vida é composta de Afinidade, Realidade, Comunicação. Estas compõem a compreensão. Os modernos processings de ARC trabalham comunicação como ensinada mais atrás neste volume. O processing de ARC inclui os seguintes processos poderosos: (1) "Diga-me algo com o qual você poderia se comunicar", "Diga-me algo que poderia comunicar-se com você". (2) "Com o que você poderia concordar?" "O que poderia concordar com você?" (3) Diga-me algo do qual você gostaria", "Diga-me algo que poderia gostar de você". São processos de tempo presente, não do passado ou futuro. Produzem reações muito fortes. Resolvem problemas muito difíceis. São resumidos num simples processo^{de} que não abre mão: "Diga-me algo (ou alguém) que você poderia compreender". "Diga-me algo (ou alguém) que poderia compreender você".

NOTA: Naturalmente, um processo muito básico que resolve somáticos crônicos, dificuldades de visão, qualquer coisa específica, é fazer com que a parte afetada ou área doente de energia diga: "alô" e "OK" e "Muito bem" até que esteja em boas condições -- não que o auditor deva dirigir-se a condições específicas - LRH

CAPÍTULO XVI

EXTERIORIZAÇÃO

O auditor se defrontará com grande número de problemas de exteriorização assim que tenha exteriorizado seu pré-claro. As coisas que não se deve fazer são as seguintes:

- (1) Não pedir à unidade da consciência de estar consciente que ponha novamente sua atenção no corpo.
- (2) Não fazer a pessoa provar que está exteriorizada.
- (3) Não fazer com que a pessoa recém-exteriorizada encontre coisas, leia o futuro ou faça outros truques idiotas.
- (4) Manter o Código do Auditor com mais rigor do que antes.
- (5) Continuar o processo em que o pré-claro se exteriorizou.

Se o auditor conhece estas coisas, não porá o pré-claro nem ele próprio em dificuldades. O comando de auditing "Esteja um metro atrás da sua cabeça" às vezes põe o auditor em mais dificuldade do que está preparado a enfrentar. O pré-claro pode fazer uma exteriorização compulsiva, "raspar-se", e deixar seu corpo flácido na cadeira e não dar qualquer sinal daquele corpo de que esteja ouvindo qualquer um dos comandos de auditing dados pelo auditor. Num desses casos, o auditor implorou por mais de meia hora, no sentido de que devia lembrar-se de seu marido, devia pensar em seus filhos, deveria voltar e viver a bem dos seus amigos, e não teve resposta da pré-clara. Finalmente, o auditor disse, "Pense em seu pobre auditor" e, nesse momento, a pré-clara voltou imediatamente.

Uma "exteriorização compulsiva" limitada é o pré-claro sair do corpo e ficar grudado ao teto ou entrar em terror pelo céu acima (uma inversão da gravidade). Esta manifestação é igualmente perturbadora.

Se um pré-claro recebeu o comando "Esteja um metro atrás da sua cabeça" e "raspar-se", ou se "sair do seu corpo para cima", tudo o que o auditor tem a fazer é entrar em comunicação nos dois sentidos com o pré-claro. Na realidade, deveria, como auditor, ter excelente comando da Tabela da Avaliação Humana e da Ciência da Sobrevivência. Não poderia, portanto, dizer a um pré-claro abaixo de 2.0 na Escala de Tom para "Estar um metro atrás da sua cabeça", pois quando este o faz, nesses níveis mais baixos da Escala de Tom, é num nível compulsivo ou obsessivo e tudo que o pré-claro poderá pensar é tentar escapar.

Outro remédio, se este acontecimento desagradável e estranho ocorrer, é pedir ao pré-claro para "Alcançar seu corpo da sua posição", "Afastar-se do corpo", "Alcançar o corpo", "Afastar-

se do corpo", ou "Decidir fugir, e fugir", várias vezes. Lembre-se de que coisas como estas só acontecem quando o auditor não localizou seu pré-claro na Escala de Tom antes de começar a auditá-lo.

A maneira de se afastar totalmente disso é auditar o pré-claro nos Seis Processos Básicos e em seguida auditar um ou ambos os processos de Remediаr a Comunicação e Processing de Tempo do "clarо instantâneo" até que o pré-clarо exteriorize e então simplesmente passar direto para auditar o processo que exteriorizou o pré-clarо. Lembre-se de que um pré-clarо exteriorizado é apenas uma unidade da consciência de estar consciente que foi tirada de uma armadilha, e a unidade da consciência de estar consciente não mudou nada do indivíduo básico, mas agora se reconhece fora da armadilha e está muito feliz com isso.

Uma manifestação muito engraçada ocorre em alguns pré-claros de tom muito baixo quando falam de exteriorização. Dizem "estou lá". Isto, naturalmente, é impossível. Um indivíduo está sempre aqui. É aqui onde você está. Só Deus sabe o que este indivíduo que diz "Estou lá" exteriorizou -- um circuito, uma imagem mental, ou coisa parecida. É evidente que ele próprio não exteriorizou. Outra manifestação que temos aqui é "espalhado pelo universo inteiro". Um pré-clarо que está espalhado pelo universo inteiro é aquele que não sabe onde está e se lhe perguntarmos muitas vezes, repetidamente, fazendo-o, cada vez, pegar um ponto com certeza "Você pode encontrar um ponto onde você não está?" gradativamente reduziremos sua área. O que realmente aconteceu num caso as sim é que o pré-clarо usou pontos de vista remotos e deixou pontos de vista remotos localizados por toda parte, a tal ponto que o pré-clarо acha estar em qualquer lugar e não onde está.

O principal a se saber sobre exteriorização é que acontece. Se alguém usar os Seis Processos Básicos, lembrar-se do Código do Auditor e dos dois processos do "clarо instantâneo", estará então bem seguro com relação à exteriorização, pois esta ocorrerá quando ocorrer e o que se tem a fazer, depois que ela ocorre, é aplicar o mesmo processo que vinha sendo feito quando ela ocorreu. Naturalmente, deve-se reconhecer o fato do pré-clarо mencioná-la e deve-se certamente permitir que o pré-clarо a discuta, mas se deve continuar com o processo que o exteriorizou, a menos, é claro, que se esteja bem treinado em exercícios de exteriorização.

Como atividade, um treino de exteriorização é mais pertinente ao campo da Cientologia, maiores conhecimentos dele e a seu respeito estão escritos em "A Criação da Capacidade Humana". Damos aqui as etapas da Rota 1 que devem ser trabalhadas após a ocorrência de uma exteriorização.

A criação de um claro empreendida em 1950 na realidade foi esta manifestação de exteriorização que aconteceu em algum momento fortuito e não foi adequadamente tratado depois que ocorreu. Ninguém percebeu o fato de que ele estava a uma distância do corpo porque a maioria das pessoas assim exteriorizadas tinha excelente visão do seu próprio banco, mas um visão muito ruim do ambiente imediato. Um pouco mais de trabalho de exteriorização e qualquer um desses claros se teria repentinamente visto na sala olhando diretamente para a sala, sem o auxílio dos seus olhos. /e/

Queríamos claros em 1950. Ainda queremos claros. Esta é a maneira de fazê-los, a maneira de torná-los mais estáveis e a maneira de tornar qualquer um que você processe, muito mais capaz.

O objetivo disto é não abordar os erros ou dificuldades específicos, mas validar as capacidades e processar imediatamente para a aquisição de outras e maiores capacidades. Não estamos aqui para dar atenção a todas as coisas ruins no mundo, porquanto estas são compostas apenas das imaginações do indivíduo. Aumentamos a capacidade do indivíduo de criar, ser, perceber e aumentamos sua capacidade de associar-se em todas as dinâmicas. Se pudéssemos fazer isto, este seria um mundo muito, muito melhor.

---000XXX***XXX000---

---000XXX***XXX000---

---000XXX***XXX000---